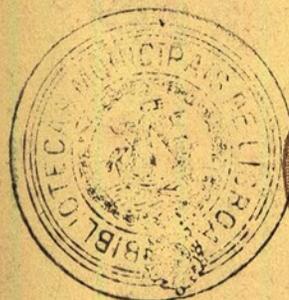


SERÕES

REVISTA MENSAL
ILLUSTRADA



SUMMARIO

SACRA FAMILIA. — AMANHÃ. — VI-
SAO DE DUENDES — MARTYRES.
— DE LISBOA A MOÇAMBIQUE. — RO-
MANZA. — ENTRE DUAS REVOLU-
ÇÕES. — PORTUGAL DO SUL. — A TOR-
RE DE LONDRES. — LAMPADAS DE EN-
CANDECENCIA. — O PREÇO D'UM QUADRO.
— MODAS. --VARIEDADES.

VOL. II

DEZEMBRO — 1901

NUM. 8

Administração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa

Preço 200 réis

SUMMARIO

	Pag.
A santa familia de Francisco I. — <i>Quadro de RAFFEELLO SANTI</i>	66
SACRA FAMILIA. — <i>Com 2 gravuras, copias de quadros</i>	67
AMANHÃ. — <i>Por ABEL BOTELHO.</i> — (<i>Fragmento d'um livro</i>) — <i>Com 3 illustrações de ROQUE GAMEIRO</i>	69
VISÃO DE DUENDES. — <i>Com 3 illustrações.</i>	77
MARTYRES. — <i>EPISODIO DA PERSEGUIÇÃO DE DIOCLECIANO.</i> — <i>Por T. LINO D'ASSUMPÇÃO.</i> — <i>Capitulo IV</i> — <i>A POMPA DE CERES.</i> — <i>Capitulo V</i> — <i>ANTIUCHIA.</i> — <i>Com 3 gravuras, copia de photographias</i>	81
DE LISBOA A MOÇAMBIQUE. — <i>Por ANTONIO ENNES.</i> — <i>Capitulo VIII.</i> — <i>MOÇAMBIQUE, A VIDA, O BATUQUE DAS FACAS.</i> — (<i>Continuação</i>). — <i>Com 2 gravuras, reproducções de photographia</i>	87
ROMANZA. — <i>MUSICA.</i> — <i>Por AD. BRINITA.</i>	94
Dança Campestre. — <i>Quadro de P. P. RUBENS.</i>	98
ENTRE DUAS REVOLUÇÕES. — (<i>1848-1849</i>). — <i>Por BARBOSA COLEN.</i> — (<i>Fragmento d'um livro</i>). — <i>Com 3 retratos, copias de photographias.</i>	99
PORTUGAL DO SUL. — <i>ASPECTOS DA CIDADE DE LAGOS.</i> — <i>Com 11 gravuras, copias de photographias</i>	105
A TORRE DE LONDRES. — <i>MYSTERIOS DA HISTORIA.</i> — <i>Com 6 illustrações</i> ..	111
Tarde de inverno. — <i>Quadro de L. E. ADAN</i>	120
LAMPADAS DE ENCANDECENCIA. — <i>Com 8 illustrações</i>	121
O PREÇO D'UM QUADRO. — <i>Com 1 gravura, copia d'um quadro</i>	125
MODAS. — <i>Com 2 illustrações</i>	127
VARIEDADES. — <i>MEMENTO ENCYCLOPEDICO.</i> — <i>PHOTOGRAPHIA PRATICA.</i> — <i>PROBLEMAS</i>	IX

47 GRAVURAS

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar serie adiantada de 12 numeros, tendo n'este caso a redução do preço a **2\$200 réis**, o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes em qualquer outra terra do paiz poderão inscrever-se por:

Series de	}	3 numeros	600
		6 numeros	1\$200
		12 numeros	2\$200

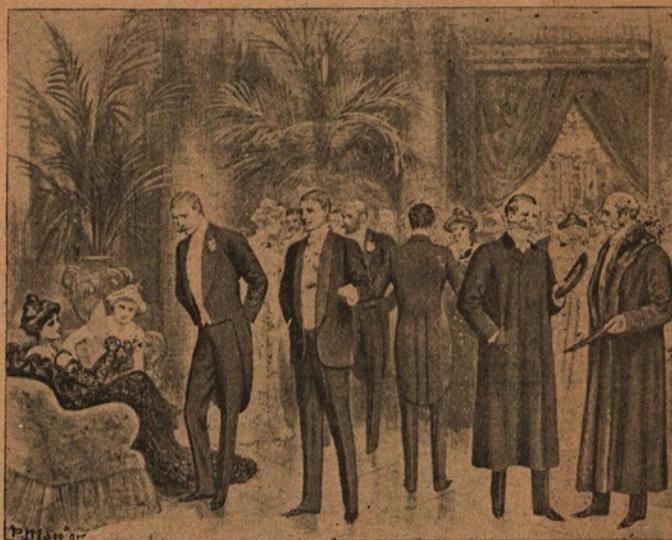
remettendo á administração dos **SERÕES**, em Lisboa, Calçada do Cabra, 7, a respectiva importancia *directamente*.

O diminuto preço d'esta revista não supporta o encargo de cobrança pelo correio.

LOPES, LOURENÇO & C.^{TA}

Proprietarios da CASA AMIEIRO

Confecções
para
homem
e
senhoras



Sortimento
completo
de
tecidos
de
novidade

45, Rua Ivens, 47, 1.^o

M. A. BRANCO & C.^A

PAPELARIA PROGRESSO

LISBOA — 151, RUA DO OURO, 155

OFFICINAS A VAPOR: Rua do Crucifixo, 60 a 66

Gravura heraldica e commercial. — Carimbos de borra-
cha. — Typographia e lithographia. — Bilhetes de visita.

MOVEIS DE FERRO

DA

FABRICA PORTUGAL

AVENIDA DOS ANJOS 111

Camas premiadas com medalha de
ouro, colchões d'arame, fogões, por-
tas onduladas, colchoaria, etc., etc. —
Cofres á prova de fogo, premiados
com medalha d'ou-
ro — Modelos es-
peciaes d'esta fa-
brica, movida a va-
por, machinas e
moldes pelo syste-
ma inglez, unicos
no paiz.



DEPOSITO
E
ESCRITORIO

33, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 41

LISBOA



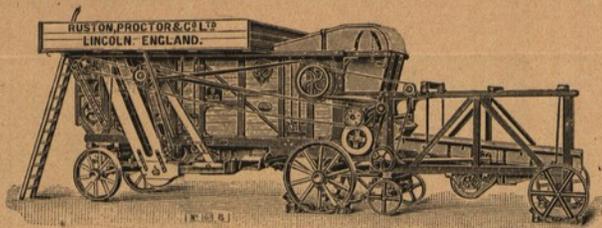
Unica casa
creada em
Lisboa para
a venda de
**Louca das
Caldas.**

O Gato
Premiada nas
principaes expo-
sições da Euro-
pa e da America.
Rua da Victoria
LISBOA

Preto

Debulhadoras e Locomoveis

RUSTON, PROCTOR & C.^o, L.^{TD}



Agente geral em Portugal e colonias

CARLOS CORRÊA DA SILVA

Rua Serpa Pinto, 24 — LISBOA

J. J. RIBEIRO & C.^A

INSTRUMENTOS DE OPTICA E CIRURGIA
TOPOGRAPHIA, ASTRONOMIA, ETC.

Grande sortimento de machinas e accessorios para photographia
OBJECTIVAS DOS MAIS AFAMADOS FABRICANTES

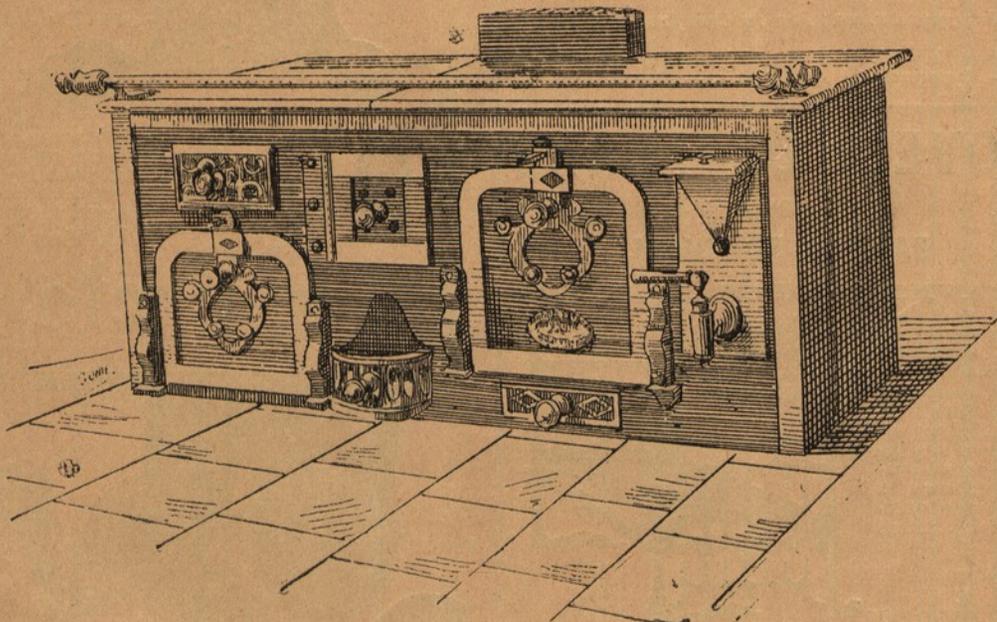


222, RUA AUREA, 226

LISBOA

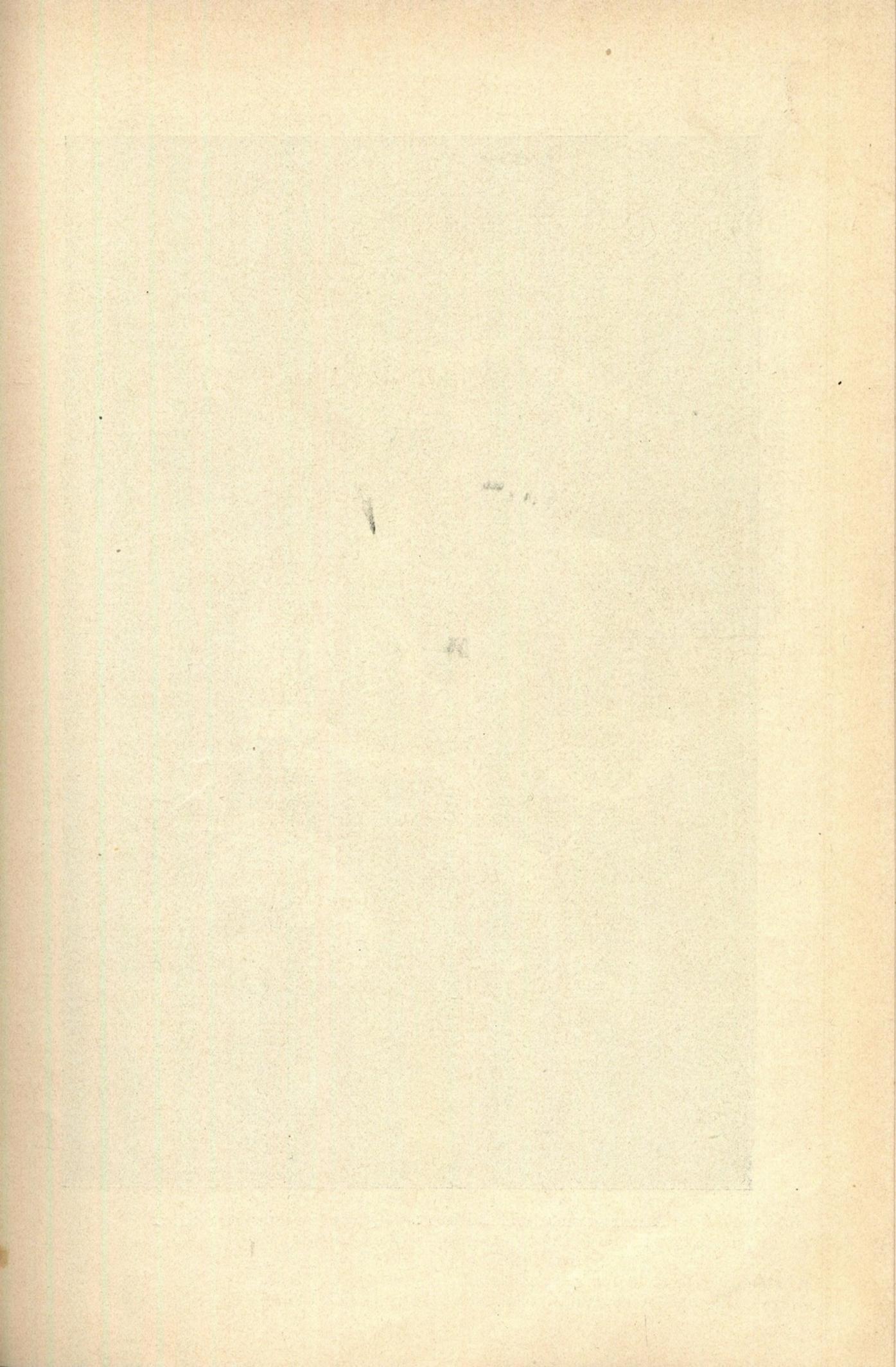
MANUFACTURAS DE FERRO. COBRE E BRONZE

MANUEL PATRONE



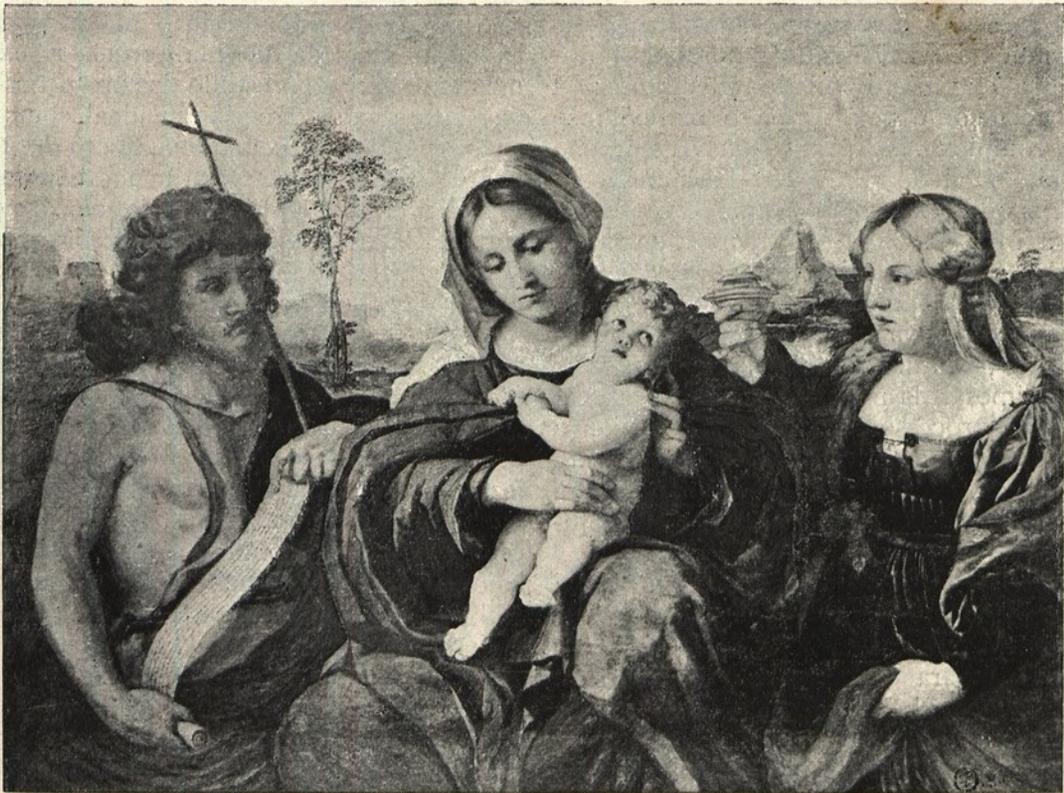
Balanças diversas. Grande fornecimento de accessorios para luz de incandescencia e candieiros para gaz

RUA DE S. PAULO, 109





A SANTA FAMILIA DE FRANCISCO I. — QUADRO DE RAFFAELLO SANTI



A VIRGEM E JESUS — QUADRO DE PALMA VECCHIO

SACRA FAMILIA

Para aquelles que no intimo da consciencia abrigam cuidadosamente as consolações da crença, este periodo do anno tem um suave encanto na recordação da historia que os evangelistas contaram para os simples que sabem ter fé; e, na sua imaginação, mais ou menos vibrante, reaparecem os personagens que compõem o divino drama desde o estabulo de Bethlem até o martyrio do Golgotha, e dos quaes a santa familia, como a de todos os lares, sustenta todo o affecto reflectido que vence e esmaga o mais rude egoismo. Para esses se offerecem as reproduções d'arte religiosa, sem commentarios eruditos; que, no dizer do grande poeta Guerra Junqueiro,

*Roubar-vos da voss'alma a vossa crença antiga
Seria como quem roubasse a uma mendiga
As tres achas que leva á noite para o lar!*

PARA memoração opportuna da época em que se vae publicando esta revista, reproduzem-se tres quadros de mestres da pintura, representando o assumpto que encima, como titulo, este artigo. Quem percorre os museus da Europa ou consulta os catalogos das obras d'arte, reconhece desde logo a predilecção particular que o agrupamento da familia santa tem merecido á inspiração artistica dos pintores christãos. São innumerous os quadros que procuram representar todos ou alguns dos membros da familia que o novo testamento designa como paes, parentes ou intimos do divino Jesus. Era natural: não só a procura do genero impulsionava a producção dos pintores, chamados a decorar egrejas, capellas, claustros, cathedraes, mosteiros ou estabelecimentos piedosos, e portanto constrangidos a escolhei

assumptos apropriados; como tambem os ideaes christãos enchem plenamente a imaginativa artistica. Apenas na sua reproducção se reflecte atravez dos seculos a comprehensão diversa d'aquelles acontecimentos religiosos, se espelha a caracteristica feição da época em que o quadro foi produzido.

Assim, cada figura dos paineis, a Virgem e o pequenino Jesus, como principaes, S. José, Sant'Anna, Santa Isabel, S. João, como complementares, tem uma feição propria sob o ponto de vista artistico, approximando-se ou afastando-se da natureza ou da verdade entrevista, consoante a inspiração propria do mestre pintor em lucta porfiada com a representação exacta, e nunca conseguida, do supremo ideal divino.

Transpôr para a tæla as fórmulas cuidadas d'uma crença, atravez de cujo olhar se des-

cubra a sua divina origem, cujo sorriso surpreenda na graciosidade natural da innocencia a extranha bondade redemptora; ou fixar pela côr e pela fórma o maravilhoso ideal, complexo, inexplicavel da Virgem, não é intuito facil de conseguir. Ha numerosos quadros onde está symbolicamente representada a Mãe do Christo, na pureza e correcção das fórmas, na belleza impecavel da mulher, na simplicidade do adorno ou na riqueza expressiva das vestes, na suavidade das côres; nenhum quadro ha, porém, onde se veja, apesar da mestria do pincel, da destreza dos processos technicos e da pujança de concepção artistica, a Mãe d'um Deus.

São maiores ainda as difficuldades para realisar a imagem do pequeno e dôce Jesus.

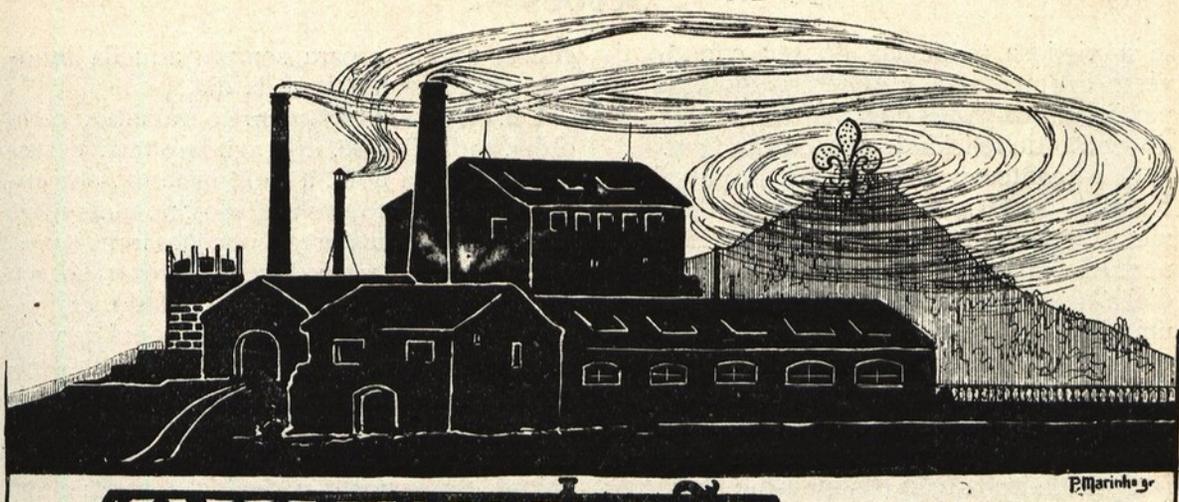
Compreende-se que na cabeça d'um Christo a mais requintada e superior arte possa imprimir caracteres sufficientemente suggestivos para despertar toda a visão da vida excepcional do meigo revolucionario da Galilea; mas no pequeno corpo d'uma creança recém-nascida ou de poucos annos, o artista pôde attingir a suprema perfeição de verdade para uma creança, não o pôde conseguir n'uma creança predestinada a tão glorioso

sacrificio, separado desde o nascimento na tradiçãõ religiosa da vida terrena. E' extremamente curioso o estudo das evoluções que na pintura vae soffrendo este ideal, como ensinamento de arte, como documento dos tempos e dos costumes, estudo que n'este momento não se emprenhe, porque apenas se procura acompanhar as tres illustrações propositalmente escolhidas para demonstrar processos e concepções bem distinctas.

O quadro do inexcédível Raphael, denominado a *Santa Familia de Francisco I*, foi offerecido á rainha Claudia, mulher d'aquelle rei, em 1518, pelo papa Leão X; harmonioso na composição e no colorido, apesar da belleza correcta dos personagens e do encanto gracioso do pequeno Jesus, não é, todavia, esta a obra prima onde a comprehensão religiosa foi mais justamente revelada pelo genial pincel do sublime mestre, mas é comtudo uma das mais admiradas. O quadro de Botticelli, representando a Virgem e Jesus, attribuindo a expressiva composição á soberba e suggestiva oração da *Magnificat*, e definindo o caracter da pintura na época, em que floresceu o bello e primitivo mestre, ainda cauto e temente da tradiçãõ liturgica, remata a memoriação artistica do mez.



A MAGNIFICAT. — QUADRO DE SANDRO BOTTICELLI



AMARGEM

POR ABEL BOTELHO

A CONTECIA que Adriana nos seus matutinos passeios procedia agora por forma que quasi quotidianamente havia de vê-la o Matheus. Declinára até ao minimo habitual de cada anno a extensão das manhãs; cada vêz mais tardio era o romper do sol da envaginadura hiemal dos nevoeiros; e apezar d'isso a patricia figura da irmã de Jorge no parque era com o seu vestido branco invariavel commentario aos primeiros alvares do dia. Custava-lhe isso o exforço de violentas madrugadas, que, por serem um pouco fóra da razão e do habito, D. Mafalda Meyrelles não deixava de extranhar. Mas Adriana insistia — que realizava assim um grande prazer seu, que obedecia apenas ao espontaneo calor do seu desejo; e como, ao dizel-o, tomava a mais encantadora e convincente expressão o mysterio infixavel dos seus labios, e como, além d'isso, era sempre irreprehensivel o seu porte, e isentas sempre taes excursões de toda a leviana suspeita, as amovaveis advertencias dos paes logo amainavam, deixando limpo e livre avoejar o capricho da mimada creança.

O certo é que o Matheus raro sahia agora, de manhã, de casa em direcção á fabrica, que um momento não sentisse perto, rabejando pelos residuos soltos do matto, ou inundando os raleiros de arvores d'um fugidio clarão de alvorada, a linha já familiar d'aquella grande figura branca. E a dôce frequencia d'estas aparições, de principio

fortuitas, fazia-lhe bem, converteu-se n'um habito, n'uma das reclamações egoistas do seu querer. Tornaram-se-lhe em breves imprescindiveis; eram a antecipada benção do seu dia, a ablução matinal da sua alma. Já perturbado as procurava com amor; já não era senhor de tomar pelo carreiro que o conduzia á fabrica, sem que o senhareasse o supersticioso receio de não vêr allumiando-lhe o caminho essa ephemera visão estretecida. Foi por isso que, com o volver dos dias, elle agora antes de sahir, por mais mau tempo que estivesse, não se esquecia nunca de ir antes abrir a janella da sua casita de entrada que defrontava com o solar do Almargem. D'ahi erguia interessadamente ao massiço quadrilongo a vista, a indagar se a janella da ultima saccada da esquerda já estaria aberta. Se estava, dava-se pressa em sahir; se não estava, aguardava religiosamente, marruaz, invisivel, que a verificação d'esse signal lhe garantisse depois fóra, no parque, a correspondente collisão da sua alma com aquelle meteóro fugaz e necessario. E tambem, antes que sahisse, olhava-se cuidadosamente, afeiçoava em erguidas projecções o bigode algodoado, escolhia gravatas, alisava o cabelo, punha, em summa, um ingenuo garridismo, um escrupuloso esmero no trajar, a que d'antes era por completo rebelde o seu espirito. E os seus modos para com o pessoal da fabrica haviam experimentado egualmente uma modificação sensivel; como

Do novo livro (edição de Lello, do Porto) que Abel Botelho, romancista de imaginação potente e de observação flexiva, agora publica sob o titulo que encima esta pagina, os SERÕES offerecem aos seus leitores o PRIMEIRO d'um capítulo, onde um episodio sentimental, delicadamente filigranado, enfeixa a intenção geral do estudo que a obra desenvolve: a resistencia da actual sociedade artificiosa, convencional, emredadora contra o advento do moderno ideal naturalista, sinceramente generoso e confiado que procura remodelar o existente, senão destruil-o para edificar sobre novos alicerces de justiça ou de interesses. Por elle se podem aquilatar os primores de estylo e de conceito que o livro encerra.

se a piedosa tendencia do seu coração tivesse augmentado, e generoso quizesse repartir com os tristes e os humildes um pouco do clarão de felicidade que o inundava.

Ora aconteceu que um dia, já passado o Natal, o contramestre sahi de casa no momento exacto em que na orla superior da pequena clareira, ali mesmo a dois passos d'elle, apontava resoluta e agil, talhada com um vigor de agua-forte no emmolduramento negro do arvoredado, a dominadora figura de Adriana. Nunca, depois do breve colloquio com ella na fabrica, a tornára a encontrar; nunca mais a tivéra tão proxima de si. A inesperada apparição ensopou-lhe os nervos d'uma delicia infinita, immobilisou-lhe a expressão n'uma beatitude alvar. E logo lhe dava rebate na consciencia uma surda contrariedade. . . Tinha de lhe fallar forçosamente, a menos que não quizesse ser tomado pelo ultimo dos selvagens no conceito d'aquella creatura divina. Sim, fallar-lhe. . . E esta idea acobardava-o. O fogoso e audaz agitador, o caudilho vehemente das multidões, sentia toda a sua energia esbarrondar-se perante esta delicada figura de mulher. Tinha que a ir complimentar, era forçoso; mas uma contractura instinctiva de defêza pregava-o no mesmo logar, fazia-o de antemão revoltar-se contra o desempenho d'esse dever banal.

Entretanto, depois d'uma hesitação, adeantou-se, de cabeça descoberta e apertou a tremmer a mão longa e branca que Adriana familiarmente lhe estendia. Ao tempo que balbuciava:

— Folgo immenso de ter encontrado v. ex.^a, para lhe dar finalmente contas da incumbencia que me fêz. . .

— O que foi? . . . — interrogou distrahidamente Adriana, espelhando nos olhos vagos um simulacro perfeito de alheamento altivo.

— A sala, lá em baixo, que v. ex.^a tão judiciosamente queria aproveitar. . .

— Ah, sim. . .

— Está prompta.

— Muito obrigada!

— E agora realmente. . . aguardo ordens. . . não sei que mais dêva. . .

— Nem mais pensei em tal. . . não se incommode. Verei depois. . .

E, dizendo e cortejando levemente, n'um movimento alto e brusco, quasi desabrido, Adriana sumiu-se entre o arvoredado, deixando vexado e aturdido o contramestre, que, na sua vírginal ignorancia da tactica feminina, agora se increpava violentamente, acoimando-se de desastrado, convencido de que a melindrára, certo de que se excedêra, e de que fôra talvez pela sua extemporanea dili-

gencia annullar para sempre aquella innocente embriaguez de cada dia.

Oh, como dolorosamente o trabalhou, todo o dia, toda a noite, esta aguda e terrivel suspeita! A cada hora, a cada instante, por entre o travamento dos negocios, no mais grave momento de suas preoccupações industriaes, o mortificante receio vinha e contra o seu querer insinuava-se-lhe no cuidado, empolgava-o, distrahia-o, tomava-lhe conta da vontade, era a tyrannica obsessão do seu espirito, fazia-lhe afflictivamente galopar no peito o coração. Que atormentados minutos, que duras e crueis alternativas de febre e desanimo, de remorso e duvida, aquella alma virgem de namorado sentiu então ballotarem-lhe, como um brinquedo infantil, as mais apartadas e fundas radículas do seu ser! Ora se odiava, como um renegado confesso, na abominação consciente da sua fraqueza; ora dôce e voluptuosamente se abandonava, no alado calor da esperança, á contemplativa evocação da sua miragem, ao saborido dominio do seu sonho.

Por esta forma atropellada e incerta se lhe arrastou interminavelmente o dia. Com a morte na alma, esperou, esperou. . . Felizmente na madrugada seguinte a branca apparição não faltou ao programma habitual. Com uma pontualidade de astro, aos primeiros alvares da manhã ella ahi veio riscar, serena e rutila, por deante do Matheus, a imprescindivel trajectoria no abrazado céu do seu desejo. Mas sempre longe outra vêz, retrahida em meteóricas fugas, como um bolide perdido, vagamente accendendo apenas os intervallos das arvores, o saibro breve dos carreiros, no seu rasto ephemero, no fugidio desenho, sobre o carvoamento humido da manhã, da sua orbita de luz e de ternura.

Até que, — n'um lindo dia de inverno, como a felicidade brunido e claro, — tornou novamente o Matheus a defrontal-a perto, na pequena clareira que lhe circuitava a casa. E d'esta vêz a cavallo, egualmente sósinha, airosa e firme sobre um nervoso alásão mordicando o freio com orgulho, mais fina ainda, mais adelgado e ennobrecido o busto ondeante dentro do seu negro vestido de amazona, quasi roçagando em prégas esculpturaes, a terra. Mal que ella sentiu apontar no limiar da porta o Matheus, saltou lésta do cavallo, com toda a apparencia de quem o não vira, mas por forma que elle a visse muito bem. E, com a mão direita nas rédeas, uns instantes circumvagou o olhar em volta, inquietivamente, n'uma expressão que era um mixto de extranheza e de arrelia. Depois, na mais perfeita affectação de quem se suppunha só:



...de mãos incochadas formando estribo, junto aos pés de Adriana...

— Francisco! Francisco! ó Francisco! — a espaços exclamou.

Continuando, contrariada, vagamente afficta, a rolar pela orla da clareira os olhos sérios.

Viu-se o contramestre fatalmente obrigado a intervir. E vencendo a timidez, direito a Adriana, cortejando:

— V. ex.^a precisa de alguma coisa?

— Ah, o snr. Matheus! estava ahí?... — respondeu logo ella, voltando-se, com a maior naturalidade. — Não o tinha visto, desculpe.

É, muito affectuosa, para lhe estender dois

dedos da mão esquerda, soltou por um momento a cauda do vestido.

Enardecido pelo acolhimento, o Matheus tornou:

— Se em alguma coisa lhe pôsso ser util. . .

Com um sorriso cortêz, Adriana continuava vagamente a olhar. O contramestre insistiu:

— Mas, por Deus! o que é que a afflige? . . . Mande-me no que quizer!

— Sabe?... — disse porfim Adriana. — É que.. a manhã está um pouco fresca de mais. . . e este maroto muito folgado! — Por um impulso da mão direita, que não largava

o bridão, sacudiu a cabeça ao animal, que fitou as orelhas de espanto. — Extranho-o hoje, fatiga-me. E arrefecêram-me os pés . . . Queria continuar o meu passeio, agitando-me toda, andando. Queria que o Francisco levásse o cavallo. É a unica pessôa por quem elle se deixa conduzir á mão. Mas não o vejo!

— Vou chamal-o . . .

— Mas aonde? . . . Tinha ordem de me seguir; não posso saber onde se metteu. Ora esta!

E vergastava a saia com impaciencia. Por fim, como quem toma uma resolução, sacudindo os hombros:

— Bem, o remedio é eu seguir com o cavallo. — Fêz pausa e, novamente perplexa: — Mas como heide eu aqui montar? . . .

O Matheus, inlevadamente, cravou n'ella, n'uma grande concentração espiritual, os olhos, que illumínou um relampago jocundo, emquanto a mais dulcerosa emoção lhe pregava os labios, e se lhe ensopava a face n'esta pallidez de ambar que lustra os marmores antigos. Depois, sem ferir palavra, fitando-a sempre, adcantou-se, e com uma gentilêza medieval, de mãos incochadas formando estribo, junto aos pés de Adriana, galantemente, ajoelhou.

— Mas, snr. Matheus! o que é isto? o que é que o senhor faz? . . . — acudiu com vivacidade Adriana, levemente ruborisada, no mysterio infixavel dos seus labios correndo um risinho de triumpho. — Não tem geito nenhum! E o culpado foi aquelle Francisco. Parece impossivel!

E tornava a olhar impaciente o carreiro que conduzia ao solar. Mas o Matheus, sempre na mesma attitude, sempre sem arriscar uma palavra, alongou os braços como n'uma supplica, ergueu mais as mãos. A termos que finalmente Adriana, subjugada:

— Pois não tenho outro recurso senão utilisar-me da sua amabilidade. É um perfeito pagamento de occasião!

Agora, emquanto arpoava com a mão direita a forquilha, confiava o pé ao carinhoso apoio das mãos do Matheus, e formava o salto apoiando-se-lhe no hombro, o seu forte riso peculiar estalidou, crystallino, triumphante. E, ao cahir na sella:

— Muito obrigada!

Fustigou a garupa do cavallo, que partiu ás upas: ao tempo que o Matheus descia vagaroso á fabrica, preocupado e sombrio, vergado a uma mordente humilhação e olhando cauteloso em volta, como se houvesse perpetrado um crime.

A lembrança, o cuidado, o amoroso respeito de Adriana absorviam-n'o mais do que con-

vinha. Estava-se sahindo um piégas, quando tinha vindo para ali um revoltado. Phantasiára installar-se n'aquella fabrica para dentro d'ella tenebrosamente urdir, e fazer deflagrar depois por toda a cidade, um largo e providencial plano de vingança, e eis que arrelia-doras causas, alheias ao seu querer, se apostavam em contraminar-lhe o exforço, em baldar do seu ideal a febre ardente e generosa. Não tinha geito nenhum! De principio não dé-ra elle importancia áquella diversão innocente; parecia-lhe que em nada poderia tão inoffensivo parenthesis abrir continuidade na solidez estructural da sua obra. Mas com alvoroço reconhecia agora o contrario; tinha de pôr-se em guarda. Era forçoso parar. A acção entorpecedora e deprimente d'essa preocupação feminina reconhecia-a elle agora, quando tentava reagir. . . .

A gente do Almargem, n'aquelle dia, achou-o como nunca brusco e intratavel. Cortou de longe a entrada, para evitar os pretendentes, atravessou rapido as salas, mudo e de sobrecenho, quasi sem fallar a ninguem. Na officina das *mules* o encarregado, o velho Tobias, figsando-o com difficuldade, chamando-o á parte, renovou as suas queixas contra o Lourenço; — que continuava sendo um calmeirão, um indisciplinado, um ralaço, não se fazia bem d'elle, custava muito a aturar. O Matheus mandou-o ir ao escriptorio, e summariamente, insensivel a rogos, inabalavel perante umas vagas nuvens de ameaça, fêz-lhe contas e despediu-o. E na fabrica ninguem mais n'aquellê dia o viu.

Encerrado muito cedo em casa, no meio d'essa atmospheria de protecção feita pela condensação estratificada do seu pensamento, a sós com a sua consciencia, junto dos seus livros, protestou furtar-se por completo ao amavioso influxo de Adriana, couraçar-se contra essa voluptuosa fraqueza por onde tentava talvez o amor abrir traiçoeira brecha na sua alma.

Assim deu-se a evital-a, tomava cada dia por atalhos differentes, entrava, sahia de casa a horas caprichosas; e foi com uma sincera retracção de contrariedade que, passados alguns dias, e quando á hora do descanso se dirigia a casa, no caminho elle divisou Adriana, sentada, muito attenta ao trabalho do jardineiro junto a um canteiro de flôres. — Vestia um sóbrio vestido inteiro, de guipura, toda em entre-meios de sêda levissimamente azul, que em diagonal partiam, muito juntos e paralelos, formando angulo, da cintura aos lados; tinha aos hombros uma pequenina capa de lã de camelo, com cabeção *stuart*; e a sua vigorosa cabeça, nua e altiva no ar cortante, desdobrava com arrogancia no espaço

o rôlo farto e livre do seu cabello castanho. Agachado e curvo deante d'ella, o velho jardineiro sachava com cuidado, a desembaraçar e limpar as violetas do enxurro das ultimas chuvas.— Mal que a viu, quiz o Matheus retroceder, furtar-se, eliminar-se; mas era tarde... O jardineiro passára n'aquelle momento das violetas a cuidar das roseiras, mais acima; e os olhos de Adriana que, acompanhando-o se erguêram, dêram então com a linha rebarbativa do contramestre, a quem ella naturalmente despediu muito affavel, um convidativo sorriso.

Não havia remedio . Muito sério, devargar, o Matheus aproximou-se, cortejou, trocaram-se as saudações de habito, houve um trivial aperto de mãos. E logo Adriana, a desfrisar-lhe a hostilidade da attitude, advinhando-o:

— Mas que é isso?... Sempre sério, apprehensivo, sempre avergado ao trabalho!

— E' a minha obrigação... — redarguiu baixo o Matheus, de olhos á terra e sorrindo tristemente.

— Deixe um momento os negocios. Isso nem lhe faz bem... O proprio Deus descansou. A vida tambem é p'ra gosar.

— Cada um gosa a seu modo, minha senhora... — tornou com uma expressão singular o Matheus, com um frio de aço lampejando na sombria noite das pupillas.— Eu vou assim muito bem!

E dispunha-se a partir.

Mas Adriana interrogou-o ainda, mimadamente, com a mais dôce expressão nos olhos e um superlativo de graça no plexo central dos labios menineiros:

— Gosta de flôres?

Ainda arisco e duro, com philosophico desdem, o Matheus retrucou:

— Acho agradaveis... Lisonjeiam-me, uma ou outra vêz, a vista

— Sempre, não?...

— Só quando tenho tempo para attentar n'ellas.

— Não tem bom gôsto.

— E' que, habitualmente, a minh'alma é insensivel ás sollicitações banaes do mundo exterior. Nem dou por ellas, creia-me! E, assim mesmo, ainda ás vêzes me preocupam mais do que eu quizêra...

— Não o percebo... O quê!? pois então perante um dia assoalhado, perfumado e lindo como o de hoje, n'uma hora como esta, não vê, sinceramente, não vê, não sente nada do que o rodeia?

E, dizendo, Adriana erguia e cravava com amor nos olhos sombrios do Matheus a azeitona avelludada dos seus olhos.

— O que é que eu hei-de vêr?... — sus-

pirou este alheadamente, já sem força para arredar-se d'alli, encolhendo os hombros.— Por exemplo, agora sei, calcúlo que aqui mesmo em volta de nós desdobra victoriosamente as suas harmonias pagãs a Natureza... toalhas de luz, ondas de perfumes, um cabriolar estonteante de côres, as mais admiraveis symphonias de tons, fragrancias, canticos. Mas que me fazem, que me importam a mim todas essas futilidades do exterior?... Tudo isso é para mim como se não existisse; não vejo, não sinto nada!

— Diz isso por *pose*...

— Não digo, não, minha senhora.

— E' uma original presumpção.

— E' a pura da verdade!

Adriana sentiu instinctivamente que não levava a melhor, no melindroso torneio em que se embrenhára; mas decidida a ganhar a partida, na sua querençosa altivêz estimulada, teve um saccudido desempenho, cheio de airosa decisão, e ergueu-se soltando este remoque de piedosa censura:

— Dir-se-hia que não tem coração!

— Conforme... — arrastou, sempre na defensiva, o Matheus.

— Não, isso é que não tem dúvida nenhuma! — Adriana insistiu.— Fracos são os meus conhecimentos, mas mesmo assim avalio muito bem que esta coisa da methaphysica é a região polar da phylosophia, pois não é?... — Abanava o Matheus negativamente a cabeça.— A abstracção é para o homem o que é para a terra o gêlo. Alma que no exclusivismo espiritualista se perdeu, rassicou, morreu para a vida. . . e a sua, meu caro snr. Matheus, não está n'esse caso!

— Póssou ser um espiritualista e sentir vivamente as coisas.

— Tenha paciencia, isso é que não póde ser!

Insensivelmente, tinham os dois agora desatado a andar, lado a lado, vagarosamente, subindo irmãos e amigos o sinuoso declive do carreiro. E n'uma familiar insistencia, Adriana:

— O sr. vae rir-se d'este meu inquerito... mas é que eu sou naturalmente curiosa, ando ávida sempre de bons ensinamentos, e com os homens superiores é que é aprender.

— O' D. Adriana, por amor de Deus! — atalhou o contramestre, curvando-se, confundido.

— Bem, bem, deixemo-nos de falsas modestias, incompativeis com a tal sua pretendida isenção... objectiva, e responda-me, como quem se confessa. Quer-me então convencer de que, sendo um homem sensivel como é, não ama, ou nunca amou? . . .

— E' o caso de eu repetir: conforme... — tornou, sorrindo ironico, o Matheus.

— Não é com taes subtilizas que me escapa, — obtemperou com intimativa Adriana, alongando na sua imperiosa linha recta os cilios. — E' claro que me refiro ao amor por uma mulher.

— Deus me livre!

— Porquê?... — fez Adriana com decisão, parando.

— Porque o amor individual, — acudiu logo o Matheus, — é uma das fórmulas do egoismo, e como tal um sentimento bastardo e mesquinho, que degrada o homem... que é indigno de mim!

E lantado, firme e austero, deante d'ella,

— E ainda o senhor não quer que eu apre-gõe a exactidão d'aquella minha theoria? Veja bem em si mesmo *aplicando el cuento*. pôz-se de mal com as formas, os sons, as côres, e desterrou o coração para a Siberia!

— Devemos amar, sim! mas collectivamente, a humanidade em globo, com um fim util em mira...

— Que massada que isso era!

— Amar como Jesus amou... Por fórmula que o amor seja não só um estheniante prazer para nós, mas para os outros uma fonte perenne de felicidade, um bem, um estímulo. Podesse eu!

— Tem pensamentos extranhos, sabe? — balbuciou Adriana com carinhoso interesse. — E eu queria pedir-lhe...

— O quê, minha senhora? — acudiu solícito o Matheus, que, com galanteria curvado, desenriçava o vestido de Adriana d'um dos arbustos do caminho.

— Olhe que é uma coisa muito banal, muito comesinha também... Não se indigne!

— Versos n'um album? — disse, sorrindo, o contramestre.

— Não...

— E' que, se fosse... eu não faço versos, mas tenho um amigo capaz de desempenhar-se a primor d'essa missão catita, — E o Matheus pensava vagamente no lamecha e galhardo Valentim.

— Pois não, deixemos o seu amigo em paz... não se trata de versos. Mas quasi. — E com uma suavidade insinuante Adriana, parando novamente: — Oiça. Tenho um leque, um precioso leque de varetas de sandalo e panno de sêda castanha... muito grande, assim... E' das coisas que mais estimo. O panno tem apenas, a *gouache*, a um lado, um opulento lirio rôxo, pintado pela minha maior amiga. Ha portanto um grande espaço em claro. — E rematou, n'uma carinhosa supplica: — Não o dispenso de me escrever n'elle um pensamento seu.

Encantadoramente lisongeiado, n'uma grata surpresa, o Matheus, embora attingisse bem a imminencia do amavioso laço que lhe armavam, dobrou-se n'uma humilde reverencia e murmurou:

— Quando v. ex.^a quizer...



...Matheus desenriçava o vestido de Adriana...

olhava-a com os seus implacaveis olhos de aço, fascinadoramente.

Adriana, porém, derivando por seu turno o bote, ria agora a perder, e com sarcasta expressão, reatando o passo:

— Bem, bem, logo lh'o mando. Adeus! — E nos grandes olhos de Adriana passou um relampago victorioso, emquanto, alegre e donairoso, com o seu andar despachado e amplo, n'um instante se sumia por entre a rumorosa trama do arvoredos.

A' noite recebia o Matheus, das mãos do Francisco, e cuidadosamente embrulhado em papel de seda branca, um grande leque, que n'uma religiosa commoção foi immediatamente depositar, levado nas pontas dos dedos, sobre a sua mesa de trabalho. Em seguida accendeu o candieiro, fechou-se por dentro á chave, cerrou as portas de todas as janellas, lavou as mãos, e, sentado á mesa, passou a desembulhar com mil cuidados o precioso mimo. E por um requinte de voluptuosidade, rolando moroso o papel que lhe estalava nos dedos, demorava propositalmente a operação. — Era um bello artefacto de japonismo artistico, de longas varêtas lineares, afusando ligeiramente para o vertice, d'uma côr baça e uniforme, como a epiderme d'uma virgem judia rôfa e ardente, e todas abertas em allucinados recortes, filigranadas ao infinito em tenuíssimas combinações, em caprichosos, em miniaturados arabescos, em dolentes e languidas figurinhas, da mais solta e alada phantasia. Aberto, a sêda tinha a mesma esmaiada côr uniforme, radiada apenas, na direcção das varêtas, de brunas maciêzas e mordicada de reflexos de oiro. E, ao abril-o, o Matheus sentiu que lhe tomava o aposento e lhe escalava perturbadoramente o cerebro um perfume extranho e capitoso, esse divino perfume do sandalo, cáldido, enebriante, que parece feito dos mais irresistiveis filtros da seducção e que era como que a fixação aromatica, n'aquelle momento, da voluptuosa embriaguez que lhe embalava a alma... Lá tinha a um lado, effectivamente, á esquerda, um grande lirio rôxo, descahindo com graça da haste longa e delicada. O resto, que era muito, que era quasi tudo, estava limpo por completo. Era n'esse traçoireo espaço que elle tinha de agora escrever alguma coisa, — e esta idéa dava-lhe vertigens. Contrahira voluntariamente essa obrigação, havia de cumpril-a. Mas como descêra elle a similhante abjecção? . . . Que ignorado poder o transfigurára? que homem era elle? quem lhe anniquilára a vontade, o livre arbitrio, o brio? . . . Parecia-lhe uma monstruosidade moral tudo aquillo. Pela primeira vêz na sua vida se via a braços com a complexa solução d'um problema feminino; pela primeira vêz a sua alma de anjo proscripto soffria o dominio de outra alma, e, em vêz de revoltar-se, sopesava o jugo com delicia, bemdizia a sua humilhação!

N'uma perplexidade mordente, sem achar uma solução, sem atinar com uma idéa, o Matheus esquecia-se a abrir e a fechar o leque interminavelmente, acariciando-o entre os dedos tremulos. — Que havia de elle ali assim escrever, que fosse ao mesmo tempo austero e amavel, galante e sério? que nem desdissesse da decoração, nem fôsse indigno d'elle? . . . Nada, evidentemente não havia. Ou tinha de ser um atrevimento, ou uma baboseira. Estupido compromisso! — N'um repellão de impaciencia, largando o leque, levantou-se e abriu as portadas d'uma das janellas do poente, em cuja negra quadricula se lhe figurou logo, faulando, despertando-o de longe, o peneiramento luminoso, a corôa arrogante e jocunda que como uma exsudação de prazer aureolava, redonda e alta pelo ar, as sete collinas da cidade. Depois, acercando-se mais do peitoril, descortinou tambem ali mais perto, á sua esquerda, esse negro bairro de ignominia, a extensa e sordida collina em cujas lobregas profundêzas gemia e arfava compactamente, na promiscua podridão do monturo, na abominação e na tréva, uma população, uma raça inteira. Propuzêra-se elle trazer a luz, a prosperidade, a paz redemptora a essa infinita legião de lazarus, nivelar aquelle contraste, acabar com essas seculares infamias. Impuzêra-se tambem a si mesmo esta obrigação, a qual era anterior, a qual valia bem mais que todas. . . . E era o que tinha a fazer. Tudo o mais eram ridiculas futilidades, improprias do seu character, excentricas ao seu destino.

Forte com esta resolução, tornou á mêsa, arremessou com rancor o leque para o fundo d'uma gavêta, afastou d'elle o pensamento com obstinação, com denodo. E n'esta emancipadora disposição adormeceu.

Porêm, no dia seguinte, ás primeiras noções nitidas do despertar, lá estava de volta com elle essa idea demoniaca. Sem poder dominar-se, foi direito á gavêta para rehver o leque; e, antes que o visse, denunciou-lhe a presença d'esse amulêto estremeado a mesma exhalação cáldida e forte, como que o seu halito perfumado. Era uma estonteadora emanção, feita de peccado e de sonho, era a essencia do Amor idealizada, suggerindo a morbidez sensual do Oriente, todo um mundo biblico de sublimados desvarios . . . como se o vulto singelo e ardente d'uma nova Sulamense tivêsse abatido ali as azas deslumbrantes, e abandonada, extatica, unvida de oleos peregrinos, viesse n'uma fascinação embebedar-lhe os nervos e abeberar-lhe a alma de doçura!

Todo o dia andou vibrando ao dulcido estímulo d'aquella impressão; todo o dia pro-

curou com afinco, baldadamente, uma idea. Porfim, á noite, vergado ao seu avassallador imperio, espalmou deante de si o leque sobre a mêsa, e um pouco ao sabor do acaso, n'um vago desgosto de si mesmo, com a mão a tremer, garatujou esta coisa desconchavada e incompleta:

«Amar é respeitar. . . Nas relações de homem para mulher, as mais áusteras formulas do respeito são muitas vêzes o collete de forças da alma. Na sua rigida abstenção dissimulam e condensam verdadeiros poemas, candidos, ferventes, de incondicional dedicação, de effusiva ternura.»

Depois leu, teve uma hesitação, datou, assignou, e n'um mais accentuado movimento de desgosto atirou o leque para o lado. E toda a noite foi para o torturado lyrico uma arrelia, um remorso, uma preocupação constante. Já depois de deitado, a miude se levantava, n'uma inquietação. . . vinha e accendia a luz, retomava o leque, abria-o, lia, re lia, mirava n'um desolado exame a sua obra. E ora tropeçava n'uma palavra, achava o pensamento lymphatico, desenxabido, réles; ora embirrava com a disposição graphica do que escrevêra, que teria ficado melhor, mais em diagonal, symetrico com o lirio, mais ao canto; ora era tambem a forma, o lançamento da letra que lhe desagradava, tremula e desigual como lhe sahira. . . e a tinta que não pegava n'uns pontos, n'outros empastára horrorosamente.— O maior dos fiascos, em todo o sentido! E sem emenda possivel!

Ao amanhecer, pouco depois de abrir a janella do seu quarto que olhava ao norte, viu em cima, na saccada do solar fronteiro, sôb os profusos ramos, ainda despídos, d'uma *glycinia*, o nobre vulto egypcio de Adriana, que, cortejando-o, lhe perguntou por gestos se já havia escripto. Significou-lhe o Matheus com a cabeça — que sim. D'ahi a minutos, entregava-lhe o leque.

Adriana, leu, com piedosa attenção: e ao cabo, n'uma inflexão recalçada, enternecida:

— Muito bem! Agradeço e comprehendo. . . — E no mais carinhoso dos gestos, fechando o leque e erguendo ao Matheus uns olhos de Madona: — Agora, fica assim!

Com ardilosa intenção, o contramestre observou:

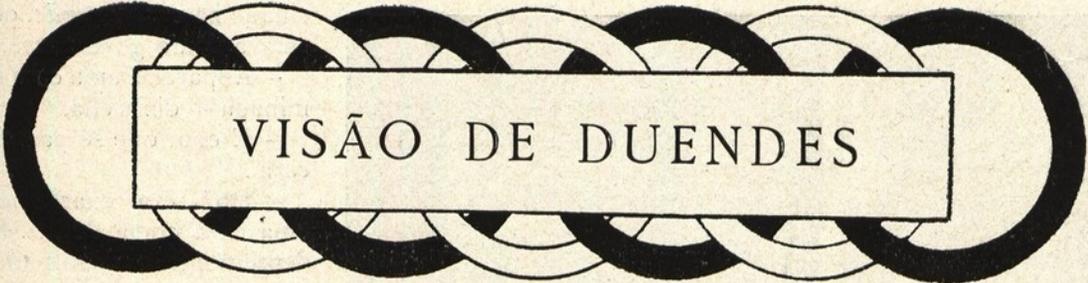
— Ainda tem tanto espaço em branco. . .

— Engana-se! — acudiu vivamente Adriana, olhando-o sempre. — P'ra mim está cheio. . . Cheio de mais!

E com um d'estes sorrisos que vão direitos á alma, despedindo-se, a patricia filha dos Meyrelles afastou-se, demoradamente, com o airoso busto balanceando n'um jubilo envaidecido.

Mas era agora tambem o Matheus que, tomando por um ingenuo encanto de vaidade, se suppunha sinceramente o vencedor. — Não havia duvida! Aquella creatura de excepção e privilegio, vivendo lá tão alto, d'um sentir tão contrario ao d'elle, pela raça e pelo instincto sua inimiga, fôra ella que o procurára, que gradualmente descêra adonde a elle, que viêra com a fimbria do seu vestido branco illuminar a voluntariosa noite do seu viver. Com que fim, por qual sentimento? Não lhe importava. . . Fôsse por paixão, por jogo, ou por capricho, o certo é que fôra ella a demandante, n'aquelle curioso e imprevisto pleito sentimental. Limitára-se elle a deferir-lhe um pouco em seu favor; um dever trivial de cortezia. Mas nem aquelle episodio galante era de molde a perturbar a trajetoria tensa e honesta da sua vida. Nem por isso a sua consciencia tinha por que alarmar-se, ou que soffrer qualquer desvio deprimente a nobre orientação do seu destino. Uma candida illusão fazia-o sinceramente tomar por uma ephemera futilidade esse afogueante sentimento que, traiçoeiro e breve, lhe ia manietando a alma. E dizia-se: — Acabára, passou. . . Ella, sim, ella é que descêra. . . ella é que contrahira voluntariamente bem extranháveis compromissos. Aquella patente predilecção por elle quem lh'a insinuou? quem a obrigou a declalar-a insistentemente no mysterioso velludo dos seus olhos? . . . Foi uma coisa absolutamente espontanea, foi o puro voto livre da sua consciencia, da sua alma. E votos d'estes, assumidos na perturbadora querença de todo o nosso ser, tomados e sellados na telegraphia galvanica dos olhos, são sagrados tambem, obrigam para toda a vida.





VISÃO DE DUENDES

Comunicação, feita pelo duque de Argyll, de algumas aparições de espectros, duendes ou phantasmas a pessoas de seu conhecimento que lhe merecem inteiro credito; narrativas directamente recebidas, sem investigação hypothetica de causas. A curiosidade scientifica vaé assim completando e apurando o inquerito elucidativo d'estes mysteriosos phenomenos.

OS PHANTASMAS, na verdadeira accepção da palavra, nunca quizeram chamar me a servir-lhes de testemunha. Pelo menos ainda o não fizeram, e espero que não alterem este seu bom proceder.

Aquelles que nunca puderam vêr espectros, ou duvidam de que outros os possam vêr, sentem, como eu, uma dupla curiosidade, se amigos, pessoas de confiança, lhes asseguram tel-os visto. Porém, pouco ou nenhum credito dou a historias de almas do outro mundo, se ellas não me chegam «em primeira mão», ou de alguem em que possa confiar. Reproduzo sómente narração, ouvida a algumas pessoas, das suas proprias entrevistas com phantasmas. Ainda assim eu não daria ouvidos a esses mesmos amigos ou conhecidos se elles se transformassem em crentes espiritistas. Pessoas ha que estão sempre imaginando que vêem, viram, ou podem vêr algum interessante homemsinho ou mulhersinha n'um qualquer lugar escuro, passar e desaparecer aparentemente atravez da parede mais proxima. Conheço por exemplo uma senhora, de espirito são e de vida feliz, que se julga ainda mais feliz quando póde relatar, com declarada satisfação e crença, ter visto um vulto de homem velho no seu proprio quarto de cama, sentado n'uma cadeira de braços defronte do fogão (ha sempre um fogão n'um bom quarto de phantasmas), e desaparecer, afastando a cadeira, desconsolado e surprehendido de a ter visto. De modo que não exerceu a menor attracção sobre o phantasma; e serve isto de prova que ella sinceramente acreditava na historia que contava; porque, se a houvera inventado, não teria o velho duende mostrado ao menos um bocadinho de admiração por ella?

Conheço outra senhora que ouve sempre phantasmas musicaes — phantasmas que actualmente tocam em pianos antigos ou cravos, no mesmo lugar em que antigamente tocavam, ainda que estes instrumentos tivessem ha muito

já sido removidos! N'esse caso a alma penada arranjára qualidades superiores ás do phonographo, que repete arias antigas, exactamente como em Heron Court se podia ouvir lêr alto na bibliotheca com o som da voz d'um velho lord Malmesbury. Lord Barrington, fallecido ha poucos annos, fez em novo uma visita a esse lugar que é perto de Bournemouth; e á noite ao recolher-se, ouviu uma recitação em voz monotona do outro lado da parede contra a qual estava collocada a cama. Não tendo idéa alguma de phantasmas que visitassem a casa, diligenciou dormir; mas a voz continuava, e Barrington estava já para se levantar para protestar quando finalmente cessou a toada impertinente.

No dia seguinte, ao almoço, o hospedeiro expressou-lhe o desejo natural e delicado de saber que elle tivesse dormido bem. Respondeu-lhe que somente podera dormir quando cessaram as recitações d'um eloquente cavalheiro visinho do quarto contiguo. Lord Malmesbury fez-lhe um signal para que ficasse silencioso e disse-lhe depois o motivo por quê reprimira a narrativa dos seus aborrecimentos. Era porque ninguem podia explicar o som, que se ouvia a intervallos, desde a morte do velho lord, o qual estava acostumado a lêr pela maneira descripta na bibliotheca, que era a sala proxima ao quarto de dormir occupado por lord Barrington. Deveria ter sido um espirito bem incommodativo, mas lord Barrington affirmava sinceramente ter ouvido a voz.

Não ha porém só casos succedidos a homens e mulheres de são juizo; tambem os ha acontecidos com cães, que, comquanto não possam fallar, podem lamentar-se, uivar, e tremer. Com effeito assim tem succedido, em certos quartos de determinadas casas, nas occasiões em que os seus donos ou suas donas estam preoccupados com as aparições. Os cães não costumam tremer geralmente quando escutam sons de piano tocado a distancia; todavia por que



Uma dama cinzenta caminhou de vagar pelo quarto dentro...

motivo um cão do meu conhecimento ficava verdadeiramente afflicto n'uma casa na Escócia, onde a sua dona ouvira uma musica?

Os cães não são supersticiosos, e não pôdem ser ensinados a tremer com duendes; portanto, quando manifestam grande terror inexplicavel e estão acordados, legitimamente se pode inferir que elles se apercebem da presença de alguém que não é cá da terra.

Ao norte de Tweed, as almas do outro mundo que apparecem penando são em geral espiritos caseiros. De muitas casas corre lenda de possuirem «um phantasma escuro»—ou a sua «dama verde». São inoffensivos, mas os cães não gostam d'elles. As almas vagabundas escuras teem fama de produzir felicidade e suppõe-se que a boa fortuna de um velho castello desappareceu pelo lado do lago, desde que o phantasma escuro se foi n'elle banhar e nunca mais foi visto.

Uma mulher d'uma aldeia proxima d'uma casa feudal contou-me recentemente as recordações que conservava do que vira na sua mo-

cidade na *casa grande*, onde estava como governante.

—Apparecia uma cara illuminada — dizia ella.

— E com que se parecia a cara?

— Oh! era exactamente uma cara cheia de luz. Evidentemente a visão não lhe tinha produzido terror.

Apresento agora duendes visitantes, bondosos e quietos como um que no districto de Hammermith visita a casa d'um amigo meu, o qual era sincero e descrente. Gracejára sempre dos contos de phantasmas. Passaram-se annos e parecia justificar-se a sua descrença na existencia da sombra de uma mulher que dizia-se, frequentava a casa. Uma noute, porem, quando sua mulher estava sentada na sala de recepção familiar, abriu-se a porta serenamente, uma dama cinzenta de touca na cabeça caminhou de vagar pelo quarto dentro e depois retirou-se. Ainda assim o marido não quiz dar credito áquella narrativa, embora a mesma figura ainda fosse vista differentes vezes pela mulher que nenhum susto soffreu com as aparições. Ella con-

siderava o passeio da sua hospede tão philosophicamente como se tivesse sido educada com *damas verdes* toda a sua vida.

Passaram-se mais annos. Os filhos cresceram. O pae estava na sala sentado, fumando com um d'elles, quando a porta se abriu, e a cara coberta da figura descripta pela mulher espreitou para dentro do quarto, fechando em seguida a porta. Tanto o pae como o filho viram-a. O primeiro, desconfiado, imaginando que uma das filhas estava divertindo-se innocentemente com elles, abriu de repente a porta, seguiu pelos corredores, e assegurou-se de que nenhuma d'ellas estava fóra dos quartos de dormir. Só então, elle confessou que tambem tinha tido o privilegio de uma entrevista com a pobre duende errante.

Conheço outro caso similar. O phantasma era encontrado usualmente no caminho da escada, parando n'um dos patamares, e levantando as mãos como que expressando surpresa e horror. Diz-se que esta attitude representava o pezar que sentira com a morte de uma creança.

Este ultimo conto não o ouvi da propria pessoa que teve a visão; mas a fallecida miss Wemyss, que vivera n'um castello em Fife, descreveu-me muitas vezes a apparição da *dama verde* que assustava os moradores da sua bella casa. Nada vira de sobrenatural nos primeiros desesete annos da sua estada n'aquelle edificio, que, embora tenha sido modificado, conserva ainda grande parte de construcção antiga. Desesete annos é de certo nada para o tempo de vida de um phantasma, e o encontro da dona do castello com o seu mais permanente hospede espirital deu-se n'uma tarde ao cabo d'aquelle tempo. A senhora fôra fallar com o seu mestre d'obras, marceneiro de officio. Era tarde d'um dia de inverno, e elle estava trabalhando n'um aposento ao qual somente se podia chegar atravessando a sala de bilhar, onde estava um fogão acceso e não havia outra luz. O carpinteiro tinha um candieiro e miss Wemyss demorou-se alguns instantes, e depois retirou-se. Quando entrou de novo no bilhar, sentiu que alli estava alguém ou alguma cousa estranha. Era uma curiosa, indefinida sensação, como a que muitas pessoas sentem quando os olhares d'outrem se fixam sobre ellas. Assim succedeu com esta senhora. Na outra extremidade da casa de bilhar, estava uma figura nebulosa, mas definida, que avançava para ella. — A dama verde! — foi a idéa que lhe veiu logo ao pensamento. Parou

a ver. A figura que caminhava para ella movia-se serenamente. Enquanto passava pela claridade do fogão, bastante curiosamente, miss Wemyss reparou em silencio que não se tornava avermelhada pela luz, nem mais distincta. O cinzento indefinido conservou-se na mesma côr neutra e continuava avançando. Depois deu a volta ao canto da mesa de bilhar, e sem parar, ou mudar de passo ou attitude, caminhou para dentro da parede. Na mesma semana identica figura foi vista duas vezes pelos servos do castello — uma vez n'uma passagem do andar superior e outra vez n'um quarto. Desde essa triplice apparição a *dama verde*, que parecia ter ultimamente preferido a côr cinzenta não mais foi vista.

Ainda conheço uma outra testemunha de duende, que visita determinado quarto, e a largos intervallos, de maneira que, muita gente tem dormido alli excellentes noites repousadas. Outras vezes porem a estranha apparição vem atacar o dormente, como na malaria a allucinação acompanha o tremor do accesso. O caso passou-se com um padre anglicano, muito nomeado pela sua eloquencia, bondade de coração e energia de vontade. Nada sabia da historia mysteriosa da casa; e, quando ia recolher-se, ouviu barulho no quarto contiguo. Verificou que ninguem havia n'este, e deitou-se. Mais tarde, acordou com o mesmo barulho. Quanto tempo dormira não o soube, mas de vera ter sido bastante; porque, quando o barulho o despertou, havia já uma tenue luz da madrugada. Elle viu então uma mulher caminhar para os pés da cama. Surpreso, a principio nem se levantou nem fallou. Depois a figura descripta em cinzento, mas definida na fórma, parou. Elle tomou animo em sua natural coragem; recuperou a voz; abjurou a apparição nebulosa pelo santo nome. Aquella voltou-se e dirigiu-se para a porta que se abriu e o espectro desapareceu por ella. O clerigo, que em circumstancias ordinarias não saltaria da cama em vestes ligeiras, não hesitou, e seguiu o silencioso duende. Fôra da porta havia uma escada, e elle viu descer pausadamente a sombra semi-luminosa até desaparecer na pare-



Viu uma mulher caminhar para os pés da cama.

de, exactamente como a dama verde do castello de Fife!

Estes são os phantasmas silenciosos e inuteis ; porém, a historia, indubitavelmente verdadeira, da aparição que se verificou no tempo da guerra contra os francezes nas posses-

de palavra, e respondeu-lhes negativamente. Depois, reprehendendo o fugitivo, foi outra vez instado para que não o entregasse á justiça, porque elle só tinha defendido a sua vida.

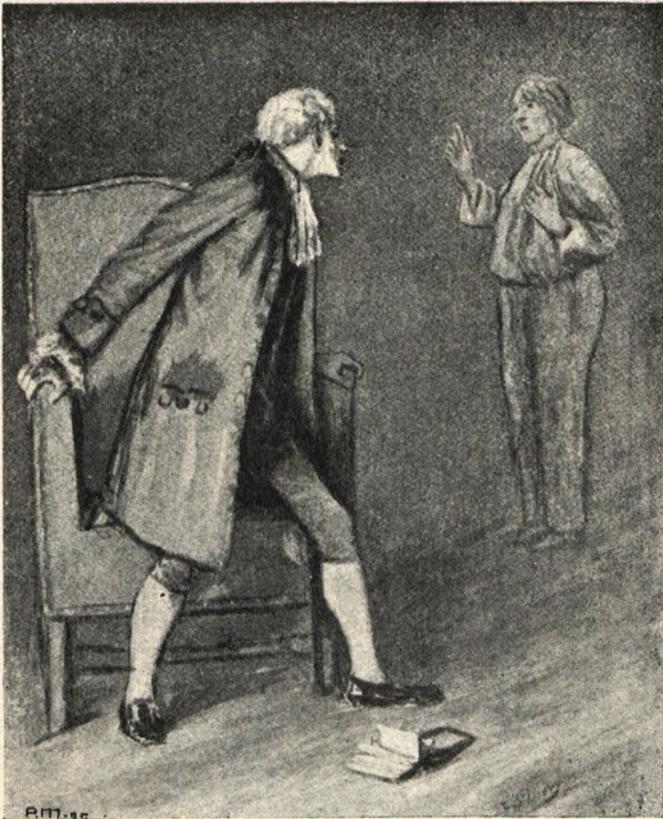
Inverawe disse-lhe que na manhã seguinte devia partir. N'aquella noite, porém, appareceu a Inverawe seu proprio primo morto, dizendo-lhe : «Inverawe, Inverawe, o meu sangue foi derramado. Não acoutes o assassino !» O rapaz mandou o seu hospede refugiado dormir n'um subterraneo.

Ainda outra vez lhe appareceu a visão e outra vez o homem escondido rogou ao generoso hospedeiro que o deixasse pernoitar ainda mais uma noite. N'aquella terceira noite a visão fallou outra vez : «Inverawe, Inverawe, o meu sangue foi derramado. Encontrar-nos-hemos de novo em Ticonderoga.

Ticonderoga ? O que queria o phantasma dizer ? Na manhã seguinte o refugiado partiu. A guerra chamou Inverawe e seu filho á America. Embarcou. Contou aos seus camaradas esta visão. Elles muitas vezes chasqueavam Inverawe perguntando-lhe : — «E a respeito de Ticonderoga ?» Similhante nome poderia ser conhecido além dos sonhos de um exaltado ? Comtudo, Inverawe durante a campanha, perguntava sempre os nomes indios dos logares.

Finalmente chegou a noite anterior ao ataque de Carillon. Os seus camaradas

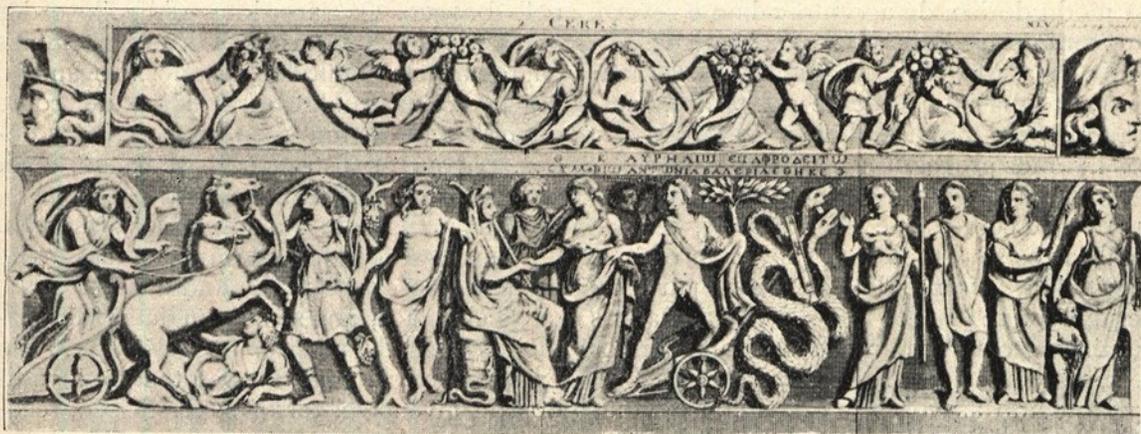
tinham ouvido dizer que o lugar tinha o nome indiano de Ticonderoga. Tomaram cuidado de não o dizer a Inverawe e ninguém lhe fallou em tal. Subito Inverawe disse aos camaradas : — Estamos em Ticonderoga, e eu hei de morrer amanhã. Realisou-se o combate ; elle e seu filho foram mortalmente feridos pelo fogo dos francezes. Como os seus amigos se reunissem á roda do ferido, elle disse-lhes solemnemente : — Quero que saibam que eu tornei a vel-o ainda outra vez. — Isto foi sabido por todos que sobreviveram ás campanhas da independencia e que estiveram formados na celebre Black Watch. Um regimento inteiro de *highlanders* podia dar testemunho da crença tão fatalmente verificada de Campbell de Inverawe !



Appareceu-lhe seu proprio primo morto...

sões americanas mostra que o espirito vagabundo tambem se expressa com determinada intenção. Existia uma casa antiga no topo d'uma encosta sobre o rio Awe, que corre para o lago Etive. Inverawe descansava, depois de um dia passado na floresta, quando pancadas repetidas na porta o fizeram olhar para fóra. Um homem, offegante e cansado de caminhar, pedia guarida. Inverawe não lh'a negou e o excitado caminheiro, não satisfeito com a pousada, ainda lhe exigiu, sob juramento, que não o havia de expulsar. Pouco depois chegavam perseguidores, que vieram tambem bater á porta e perguntaram-lhe se tinha passado por ali o assassino d'um primo de Inverawe. O rapaz ficou horrorisado, mas era homem





CORTEJO DE CERES — BAIXO RELEVO DE UM TUMULO

MARTYRES

EPISODIO DA PERSEGUIÇÃO DE DIOCLECIANO

CAPITULO IV — A POMPA DE CERES

NA claridade que vinha do nascente já começavam a esbater-se como em fundo doirado os recortes negros do espigão do templo d'Apollo, com os antefixos em forma de palma, d'onde desciam as linhas inclinadas dos frontões; já se desenhavam com extrema nitidez naquelle ceu roseo, em que as estrellas se iam apagando, as mais delicadas molduras dos acroterios sustentando lyras, cujas cordas pareciam de fogo, quando resoaram os sons vibrantes das trompas e das businas, acompanhados das notas sombrias dos cornes.

A multidão, que ia correndo desordenada, offegante, sentiu um sobresalto d'espanto e medo, e instinctivamente teve um movimento de paragem. Naquellas almas, de ha tão pouco vindas do paganismo, ainda não estava de todo extincta a crença de que cada homem e cada coisa tinha o seu genio, e que na obscuridade mysteriosa dos bosques, como habitação dos numens, havia o que quer que fosse de divino.

Attentaram, e perceberam que era a pompa das cerealias que se approximava; era a estatua de Ceres, a deusa das colheitas e da agricultura, que, assim como a terra se refresca e nutre com o orvalho da manhã, assim ella era conduzida, ao rocio da madrugada, para as grandes festas, que se celebravam no circo, terminando com ellas, naquelle dia 19 d'abril, o cyclo das que lhe eram consagradas.

Um bando de musicos, de tunica de purpura violeta e clamyde verde, coroados d'espigas doiradas, abria o prestito, tangendo os

instrumentos, cujos sons tinham feito paralyzar o impeto dos christãos. Esta musica executava uma melodia de notas demoradas, desenvolvendo-se, sem modulações dentro da oitava, na sua simplicidade expressiva em forma de hymno, entrecortado de notas de accento plangente, que a espaços rythmados soltavam os cornes de madeira. Era a glorificação da deusa productora de inexgotavel fecundidade, e ao mesmo tempo uma elegia de mãe que passa a vida na eterna busca de Proserpina, sua filha, raptada por Plutão. Seguiam-se, puxados por bois, carros engrinaldados com heras, e levando cada um d'elles, sobre camadas de feno perfumado pelos trevos, os animaes destinados ao sacrificio e ritualmente consagrados á deusa.

Nos primeiros estiraçavam-se, cingidas com cintos brancos bordados a oiro, porcas cujo sangue tem especial virtude nos ritos purificadores. Noutros eram mantidos pelos pés grouis irriquietos, dobrando as longas pernas a qualquer salto brusco das rodas; e por fim outro carro, sobre que poisava uma gaiola de rede doirada, onde esvoaçavam bandos de rolas. Um carneiro de tufada e fina lã deixava-se mansamente conduzir por duas creanças.

Depois marchavam longas filas de matronas vestidas de branco, empunhando brandões resinosos que ardiam em chama vermelha e fumarenta.

Um coro de trinta meninas, coroadas de rosas, empunhando ramos verdes, entoava um hymno com acompanhamento de cytharas

no modo dorico, de accento calmo e severo, que contrastava com a frescura gracil das vozes, e cujas strophes em quintilhas vinham terminar quasi geralmente na tonica, lembrando, pela forma archaica, o antigo corte dos hymnos gregos.

A poesia que vão cantando convida a terra, rica de colheitas e de rebanhos, a prodigalizar os seus thesoiros, para com elles se engrinaldar a frente de Ceres, essa particula de Jupiter que penetra no solo. Pedia ás aguas salutiferas, e ao ar puro que fecundassem os germens dispersos pela terra.

E quando as vozes se calavam, as cytharas, que as iam acompanhando, faziam ouvir o ritornello executado a duas mãos.

Por fim: a Regina sacrificula com as suas sacerdotisas, envoltas em mantos brancos da cabeça aos pés, carregando estas o andor com a deusa, cercado de pequenos carnillos, que em sua honra queimam insenso nos thuribulos.

E' severa, imponente, e com um ar de tristeza a pequena estatua chryselefantina de Ceres, evidentemente obra d'um estatuario da bella escola da antiga Grecia. Vem sentada num throno, e o seu rosto, trabalhado em marfim pallido, dá a impressão de quem está fatigado das longas pesquisas, mas não com a esperança perdida. Que nunca a perde a mãe que procura sua filha. A ponta da ampla toga de prata fosca quasi que completamente lhe envolve a cabeça, em signal de lucto, deixando que se lhe escape uma trança de cabellos d'oiro. Sobre os joelhos procura conter, com a mão esquerda comprida, de dedos afilados, igualmente trabalhada em marfim, e que mal lhe sae das pregas do vestuario, uma paveia d'espigas de trigo, entremeadada de narcisos e dormideiras. Na volta que o manto, descendo da cabeça, e passando por debaixo do braço direito, deu para se atirar sobre o hombro esquerdo, deixou aquelle nu, o que lhe permitté segurar, como quem a elle se abordoia, um phanal onde scintilla uma chama feita de carbunculos. Ao mesmo tempo, a dobra, lançada ao acaso sobre o hombro, descae quanto basta para deixar adivinhar os seios opulentos e nutridores. E aos pés, saindo de montes de flores, de braçados d'espigas e de troncos de hera, as voltas de duas serpentes escamosas, fundidas em bronze.

Fecha o prestito multidão enorme de mulheres, todas com as cabeças cobertas, e nas mãos ramos de loiro, murta e oliveira.

Avançava grave e composta a procissão, seguindo por entre duas alas de gente de todas as classes, que descera das varias e ricas vivendas, que os romanos tinham espalhadas

pelo bosque. Os sacerdotes d'Apollo e dos outros deuses, os servidores dos seus templos engrossavam a multidão, e todos, elevando o braço direito, saudavam a divindade, como quem lhe envia um beijo na ponta dos dedos. Eis que os instrumentos se calam, e um movimento de recuo se manifesta á frente do prestito, obrigando-o a suspender a marcha. Gritos desordenados chegam confusamente até junto da estatua, cujo andor pára.

Os christãos, que se tinham detido aos primeiros sons da musica, não esperando tão extranha coisa, e ao mesmo tempo invadidos de invencivel terror supersticioso, recobriram animo á voz imperiosa de Hesico, o unico que entre todos ia armado, e que brandia a sua espada curta e aguda. Sem pensarem no que lhes podia succeder, continuaram na carreira cega, vertiginosa em que vinham. O choque inesperado d'aquella massa viva, allucinada, berrante causou tal perturbação na testa do cortejo, que este esteve a ponto de se desorganisar.

No meio do tumulto e do alarido, os homens descarregando sem dó os cajados, gritando as mulheres, ferindo Hesico com a espada, iam os christãos avançando e iriam até o coração da pompa, se os carros lhes não impedissem a passagem franca, e os sacrificadores que os acompanhavam, tirando facas e cutellos das bainhas, não prostrassem sem vida os sacrilegos que se approximavam. Correram as matronas a refugiar-se junto da deusa, e ao mesmo tempo a formar com os seus corpos uma muralha á roda do andor, brandindo os fachos, cujas chamas tiravam reflexos mysteriosos do oiro, da prata, do bronze e do marfim que compunham a estatua. As mãos d'esta e o rosto de lividos que eram passaram a vermelhos, o que por certo se devia considerar como manifestação innegavel da colera da deusa.

Os escravos dos templos correram sobre os christãos, e em pouco a pobre gente cercada, batida, exhausta, sem cohesão nem chefe, quasi na sua maioria composta de mulheres, cujo coração lanceava os choros, ais e gemidos das creanças espesinhadas e feridas e de homens sem armas, debandou em todos os sentidos, perdendo-se nas balsas e mattagaes das collinas.

Ia Hesico correndo como doido, d'espada hirta, na direcção do andor, para d'elle derrubar o idolo; mas á vista d'aquella montanha de fogo, d'entre a qual surgia a deusa, fulminando raios de luz diversa de toda ella, parou, e, neste momento suspenso pela multidão, foi derribado, preso de pés e mãos e conduzido de rastos para o ergastulo da mais proxima vivenda.

Arredados os cadaveres, cobertas de terra as nodoas e poças de sangue, tangeram de novo os instrumentos, os coros entoaram os hymnos, e a deusa serena e grave continuou na sua marcha triumphal, já francamente illuminada pelo sol.

Sumiu-se de todo a procissão na volta apertada da estrada, esvaíram-se os ultimos sons dos hymnos. Passaram os carros e as liteiras conduzindo os abastados, que se dirigiam ao circo; durante duas horas a multidão foi correndo apressada para a cidade, e depois a estrada ficou solitaria, tranquillada, como se não se tivesse alli ferido uma batalha.

Horas de silencio!

Depois o ruido cadenciado da marcha accelerada d'uma escolta de legionarios vinda de Antiochia.

Maltratada, ferida, abraçada ao pequenino Barallah, Martha jazia sem movimento, caída á beira do caminho, no fundo d'uma moita de murtas.

Era já declinio do dia quando tornou em si.

O filho dormia-lhe no regaço Escutou, e só ouviu o grasnar dos corvos, o chilreio dos melros e, lá no fundo do bosque, os trinos dos rouxinoes, o murmurio das quedas d'agua e o zunido das abelhas silvestres numa dança doida, na luz ainda quente do sol.

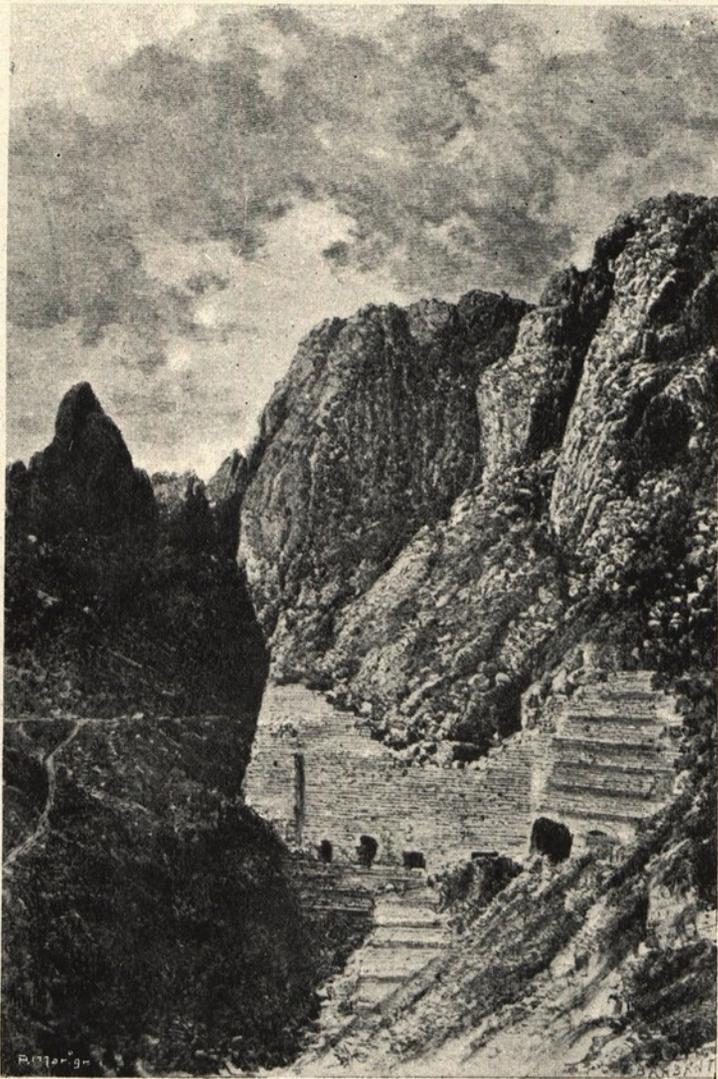
Era a natureza impassivel, na expansão harmonica e tranquillada da sua primavera.

Attentou mais, e pareceu-lhe ouvir gemidos.

A pouco e pouco foi reconstituindo na sua forte imaginação tudo quanto se passara desde a madrugada em que fôra demolida a egreja, até o momento em que, levada no impulso da turba, que se arremessou de roldão contra a pompa cerealia, vendo Hesico correndo e brandindo a reluzente espada, quiz correr para o seguir, sentiu uma forte dôr na cabeça. . . e mais nada!

Apalpou a testa, e sentiu o que quer que era de pegajoso. Retirou a mão e viu os dedos sujos de sangue. Teve medo e desatou a chorar. Acordou a creança e lamentou que tinha fome. Tambem ella sentia confranger-se-lhe o estomago e doer-lhe o coração. A

custo ergueu-se. Olhou, sem saber de que lado se dirigiria. As pernas entorpecidas mal se moviam. Em todo o seu corpo moído não eram senão dôres. Ao acaso, foi indo ao longo da estrada. Andava de vagar, com o filho ao collo, pensando na sorte do marido. Do lado opposto áquelle para onde se dirigia ouviu passos cadenciados. Voltou-se e divisou uma



AS PORTAS DE NICIA

escolta. Quando se aproximou d'ella, e lhe passou na frente, viu que conduzia Hesico desarmado, amarradas as mãos, sem manto, e com a cabeça descoberta. Olharam-se e nada disseram. Martha comprehendeu tudo, e o olhar que Hesico lançou d'ella para o céu, suscitou em sua alma a loucura do ideal divino do martyrio.

Então, tomando uma d'essas decisões absolutas, irrevogaveis, que são vulgares nas mulheres da sua raça, olhos parados, com luz quente e sem uma lagrima a humedecer-lh'os, apressando o passo, cada um dos quaes era

uma dôr lancinante em toda ella, foi seguindo a escolta.

O caminhar foi longo. Entraram na cidade pela porta Daphné, e seguiram ao correr da muralha até onde ella entestava com o rio.

A justiça de Galero não tivera delongas. Fôra prompta e summaria. A sentença foi de morte; mas a solennidade do dia levou-o a que não fosse sanguinaria.

Assim que soube em palacio do desacato á deusa, e que um soldado das suas legiões fôra preso como sacrilego, ordenou que immediatamente uma escolta o conduzisse á margem do Oronte, e alli o afogasse. A corrente das aguas, que lhe daria a morte, arrastaria o cadaver para o Mediterraneo, e seriam uns ossos de menos a conquistarem de futuro honras d'apotheose.

Se a sentença foi prompta, a execução foi rapida. Hesico passou para um pequeno barco onde já o esperavam dois soldados. Ligaram-lhe os pés, e como já trazia as mãos presas, dois legionarios, levantando-o em peso, ati-

raram-o pela borda. O corpo, caindo a prumo, mergulhou, e veiu logo acima. Hesico sacudia a cabeça, abrindo a boca e os olhos afflictivamente, mas logo um dos soldados deulhe com um remo na cabeça que o fez desaparecer. Com o remo alçado esperou-o de novo; mas o pequeno remoinho das aguas fechouse, e a corrente continuou seguindo seu curso.

Martha olhava, com immobilidade de estatua e mutismo de idiota.

Ficaria eternamente, como petreficada, vendo correr as aguas do Oronte, com os olhos fitos no ponto onde Hesico tinha desaparecido, se o pequenino Barallah, com outro gemido e puxando-lhe pelo véu, lhe não fizesse saber que tinha fome.

Então, na apparencia resignada, apertando o filho ao peito, para lhe dar calor e tomar forças, subiu pelas largas ruas d'Antiochia, a caminho do bairro christão, não vendo na frente senão a sombra alongada e negra da sua figura, projectada no lagedo da calçada pelo sol no occaso.



CAPITULO V — ANTIOCHIA

ERA uma manhã de maio radiante e formosa. O sol dominando as collinas abruptas e os contrafortes alcantilados dos montes Silpius, ultima convulsão do Libano, banhava de luz crua Antiochia, já desperta das orgias e sensualidades nocturnas dos seus habitantes. Dos seus pomares e jardins, onde amadurecem os fructos e se expandem as flores, ascendiam perfumes penetrantes, e o vento fresco do noroeste fazia oscillar, em compasada indolencia os frondosos platanos mais as figueiras d'ampla folhagem e as amendoeiras e romanzeiras, cujas ramarias bracejavam para fóra dos muros, dentro nos quaes, á moda oriental, se encerrava a maioria das habitações, buscando um abrigo contra os ardores do estio na sombra das suas arvores tradicionaes.

De todas as casas, umas com as portas simplesmente abertas nos muros, outras com bellos porticos de columnas ou ornadas de avançados e sumptuosos peristyls, saía gente pressurosa, que convergia para a larga avenida, a mais importante, rica e monumental arteria da terceira cidade do imperio romano; pois que rivalizava com Alexandria e Roma. Com aquella na profusão dos templos, banhos, basilicas, theatros, das encruzilhadas guarnecidas de estatuas, dos palacios, naumachias onde nos espectaculos as nymphas eram as mais formosas mulheres do Oriente na nu-

dez provocante dos seus corpos torneados, nos circos onde brigavam e se refocilavam no sangue as mais terriveis feras da Asia e Africa, e innumeraveis monumentos, na construcção dos quaes já se começava a sentir a invasão crescente d'uma outra arte, que vinha do fundo do Bosphoro, nas aberrações do estylo, na riqueza amaneirada da decoraçã, no emprego exagerado das côres e dos metaes, que pelo brilho e intensidade offuscavam a vista. Verdade é que para o encanto dos espiritos, educados na escola d'um bello artistico que ai passando, em muitas ruas das cidades, que se cortavam em linhas normaes, e principalmente nos antigos bairros de Seleucus Nicator e d'Antiocho Epiphanio, em manifesta opposição com o nucleo moderno da ilha de Callinicus, ainda viviam triumphantemente os velhos estylos gregos. O dorico com a sua simplicidade primitiva, robusta e atrevida servia para ornar os templos das antigas divindades gregas; a belleza sobria e plastica do jonico tornava attrahente o forum, e a exhuberancia d'effeitos do corynthio, onde os modernos começavam a não se contentar com a côr esculptural dos capiteis e a dar-lhe brilho, dourando-lhes a folhagem, eram empregados nos templos das divindades romanas, nos theatros e principalmente no circo. No meio d'estas linhas severas e graciosas, producto hellenico, não era raro encontrar

massas pesadas, amparadas por grossos pilastros de capiteis de molde de vaso, abrigando as mysteriosas e por vezes sanguinarias divindades indigenas ou importadas do Egypto.

Se na magnificencia vencia Alexandria, a propria Roma lhe era inferior na variedade da população, na incomparavel importancia do seu emporio commercial, como ponto obrigado de tudo que vinha do Oriente asiatico, para ser distribuido por intermedio do Mediterraneo ao resto do mundo.

Desdobrava-se aquella avenida, — que, alguns dias antes, Asclepiades tinha atravessado na altura dos tetrapyllos, para ir arrazar a basilica apostolica — na extensão de mais de trinta estadios, por entre duas largas e magnificas galerias, nas quaes de cada um dos milhares de fustes das suas columnas avançava uma misula sustentando uma estatua de deus ou heroc, oscillando á mercê do vento, sobre os hombros de muitas, mantos de purpura vermelha. Das intemperies e do sol abrigavam-as tectos, onde os travejamentos de cedro apainelavam fundos de estuques doirados, sobre os quaes o pincel grego tinha recortado figurinhas e scenas mythologicas. Assim monumental e rica ia atravessando a cidade em todo o seu comprimento, desde a porta de Bab-Bolos, que dava saída para os pomares e hortas, até á dos Cherubins, onde ia d'encontro aos montes, tendo atravessado um regato formado pelas infinitas cascatas d'aguas vivas, que se precipitavam dos rochedos a prumo, ou corriam das portellas cheias de luxuriosa vegetação.

Larga e ampla ia recebendo a multidão, tanto dos que subiam das margens do rio como dos que desciam das partes montanhosas, e até d'esse velho bairro perdido na montanha e limitado pela rua de Singono, onde quasi que especialmente vivia a população christã, na sua maioria entregue aos officios caseiros e trabalhos manuaes.

Mas tambem d'aqui saía gente, humilde no trajar e no porte, e na qual se notava a preocupação de não deixar a descoberto parte alguma do corpo. Toda ella tinha apparencia famelica, o olhar vago, e como quem sente sobre si desencadeada uma tempestade de ira e coleras perseguidoras.

Nem mesmo para se esconder já tinha coragem. Envergonhada da propria pusilanimidade, procurando evitar o encontro simultaneo dos olhares, lá ia engrossar a onda humana que refluia para a Grande Avenida.

Aqui misturavam-se na mais completa promiscuidade os gregos de saio curto e clamyde vistosa afivelada no hombro, e os romanos, onde predominavam os de toga ampla, traçada, deixando livre o braço direito, com os asiaticos taes como o indio cujo acobreado da

tez contrasta com a alvura dos turbantes, o hebreu de barba corredia e samarra escura sobre longas tunicas; e a massa geral dos syriacos pallidos, febris, enfezados dentro nos seus saioes listados de purpura e apertados na cintura com fachas sombrias.

Da Africa viam-se os ababdekes de pelle bronzeada, velando a nudez com longos pannos, que caíam dos quadris até quasi os pés; o egypcio pequeno, nervoso, baço, de cabellos crespos polvilhados de vermelho, envolto em vistosos pannos; os escravos seminús, e os bandos alegres e loquazes dos chypriotas, de cabellos compridos, presos com uma fita á maneira de diadema, de fórmulas esbeltas, mal cobertos por curtos roupões franjados e tingidos de varias côes ás listas.

Neste formigueiro humano, levantado no tom, e rico de luz, ao qual o sol claro e quente augmentava o valor, accentuando os contrastes e fundindo os reflexos, encontravam-se as côes de todas as raças desde o alvo germanico dos soldados d'além Danubio, de cujos capacetes chispavam raios de fogo, até o negro cafe de pelle luzidia como ebano envernizado.

Por entre o falar d'accentuação aberta do grego, da harmonia do latim, sobre o fundo arameu da massa geral de pronuncia rapida, e onde as vogaes quasi que se somem, ouviam-se as variadas fórmulas do semitico, desde o hebreu de Jerusalem, rigido e hieratico, até os sons gutturaes do beduino arabe, que viera negociar em gados, e atravessara o deserto, incitando com gritos estridentes os dromedarios pachorrentos e distraídos.

E toda aquella turba, formando uma torrente irrequieta, impetuosa, loquaz, invasora, ia como dominada por um unico pensamento, por um impulso irresistivel, sem attender a coisa alguma, mal se arredando para deixar passar os carros tirados por cavallos fogosos, e as liteiras que seguiam a custo, pelo espaço que lhes abria com violencia o esforço dos escravos, que em lotes de côes e divisões de raça, as precediam e escoltavam, outros tantos cardumes de etyopes, numidas e cafes, elles com uma simples tanga sobre os rins, ellas com as gargantas, braços, pulsos e tornezellos enleados de coraes e perolas, nús os seios turgidos, pequenos, redondos, como se tivessem sido talhados por um grego sensual, no marmore rijto e duro.

A esta multidão, que avançava por ondulações de grandes massas, vinha d'encontro outra chegada das povoações ribeirinhas do Oronte que desembarcara de pequenos barcos, recurvados na ré e na proa, vellas de pendão, singrando habilmente ao impulso do vento ou á força de dois remos.

Esta avalanche humana, naquelle dia 27 de maio de 341, decimo nono da aclamação de Diocleciano, e decimo primeiro da instituição da tetrachia, com que era governado o imperio, não tinha a mesma curiosidade varia dos dias normaes.

Debalde nos bairros mais afastados do coração da cidade gritavam os domadores de ursos, fazendo roncar as feras; os egypcios mostradores de macacos sabios e brincalhões perdiam o tempo obrigando os simios a darem as mais extraordinarias e grotescas cambalhotas. Nem os acrobatas arabes e noma-das, nem as danças gregas das encruzilhadas detinham a multidão, que lastimava a irreverente audacia d'essa chusma de farçantes, bufões e mimicos que se atreviam a exhibir-se em dia santificado como aquelle, em que sómente eram permittidas as visitas aos amigos, a comida em commum, as reuniões intimas, e nunca ser maculado nem pelo trabalho, nem pelos divertimentos grosseiros.

Era por isso que se achavam naquelle momento fechadas as pequenas officinas dos cinzeladores de joias e armas forjadas em Damasco, a dos gravadores dos vidros d'Alexandria; os estabelecimentos dos negociantes de estofos da India e Persia, as lojas dos

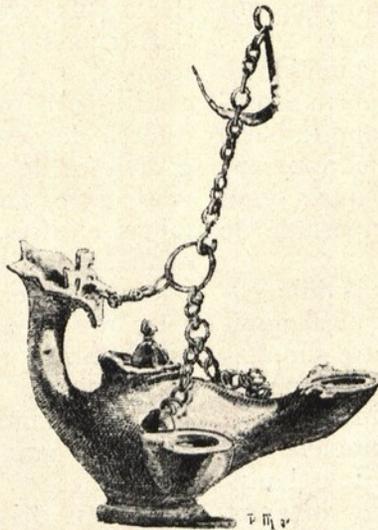
artistas gregos, que, com a vaidade de serem admirados, costumavam retocar á vista do publico uns os bronzes de Coryntho, as estatuetas mythologicas, outros envernisar vasos de ceramica artistica, em cujo bojo, ou á roda do bocal, pretos ou vermelhos, fôra figurada inversamente, a vermelho ou preto, ao sabor dos temperamentos, em perfis tão correctos como animados de movimento, a religião, a vida social, a critica dos costumes, e até scenas aphrodisiacas,—outros tantos estimulantes para os libertinos extenuados.

Dos estrados dos seus carros, guiando cavallos ajaezados com fitas, flores e joias, debalde as hetairas com mitras persas, procuram attrair olhares cupidos, suscitando appetites, pelos impudentes rasgões das tunicas soltas, de gaze finissimo, deixando ora vêr ora adivinhar carnes nacaradas; e raivosas voltavam as redeas e recolhiam aos gynceos perfumados, ou á sombra dos platanos á beira dos lagos, á espera de melhor occasião e de mais propicia hora.

Galero, genro e socio de Diocleciano, ia sacrificar a Jupiter Capitolino, e todos á porfia corriam a adorar o pae dos deuses, para não incorrerem na colera do cesar.

(Continúa)

Thiery d'Assumpção



De Lisboa a Moçambique

POR ANTONIO ENNES

CAPITULO VIII

Moçambique — A vida — O batuque das facas (Continuação)

A ADOPÇÃO do *pancar*, que exige braços para o moverem, é facilitada pela numerosa creadagem que enxameia ao serviço de toda a gente que se preza. E estes enxames não representam tanto uma ostentação como uma necessidade, embora uma necessidade dilatada pelos habitos de indolencia e do sybaritismo dos patrões. Por muito bons que sejam, tres creados negros não fazem um bom creado branco; e para serem bons precisam ser educados desde muito novos, sob a disciplina do trabalho, por quem tenha geito para isso e saiba conciliar o rigor com a bondade, infundir temor e inspirar affeição. As familias antigas da provincia, herdeiras de antigos senhores de escravos, ainda hoje teem serviçaes fieis e submissos, que se lhes conservam adscriptos como se não fôsem livres, e entre esses se encontrarão algumas edições authenticas do typo do negro dedicado aos amos até a heroicidade, que tanto figurou nas novellas e nos dramas do romanticismo. Mas a generalidade dos que perderam as tradições da sujeição da sua raça, não cahiram em mãos que lhes déssem bom feitio, e nasceram e *civilisaram-se* no convivio dos brancos, constituem uma famosa cambada de ralaços e bebedos que muitas vezes accumulam essas prendas com as de gatuno. Em todas as apreciações que se façam do character dos negros é preciso distinguir, para ser justo, os dos matos e os das cidades, e a distincção é inteiramente desfavoravel para estes que na escola da *civilisação* apprendem mais vicios do que bons costumes, e desenvolvem mais qualidades ruins do que aptidões. Applicados aos serviços domesticos, os melhores d'elles são ralaços, o que fazem é por solfa, e teem a balda da divisão do trabalho. O que acarreta agua não sabe nem quer engraxar sapatos; cozinheiro que tenha gosto em si antes cozinhará as batatas com casca do que descera a descascal-as; ao que faz recados parece mal fazer camas. Cada qual encarrega-se d'uma ordem de funcções muito restricta, e o tempo que d'ellas lhe sobeja é seu direito

gastal-o a tagarellar ou a dormir. E', pois, indispensavel organizar largos quadros de creadagem com especialisação de attribuições, e reforçar esses quadros com addidos que supram os impedimentos dos borrachões chronicos ou eventuaes. Felizmente não são exigentes quanto a salarios, e é barata a sua alimentação baseada no arroz cozido e nos restos da mesa, e por isso não ha europeu, por mais desafortunado, que não tenha algum *muleque*, e as casas abastadas poderiam fornecer com os seus serviçaes companhias de guerra, com quasi tantas vivandeiras como soldados.

Quando as casas são antigas na provincia, as relações entre patrões e creados negros participam da natureza das que existiam entre senhores e escravos, sendo, porém, beneficentemente influenciadas pelos costumes patriarchaes portuguezes ainda hoje vigentes n'algumas provincias, que consideram o serviçal como um membro de familia. O creado leva a sua data de *cavallo-marinho* — assim se chama em toda a nossa Africa a uma bengala ou chicote feito d'uma tira de couro de hippopotamo — quando a merece, mas tambem se olha por elle e pela familia como por pupillos a cargo do coração dos amos. Fóra d'esses lares tradicionaes, hoje raros em Moçambique, os servos negros são geralmente tratados como os seus camaradas brancos no reino, como extranhos a quem se pagam serviços emquanto conveem, attribuindo apenas os patrões mais alguma liberdade de lhes fazerem sentir o peso da mão ou a rizeza da bengala, o que é tão salutar que, sendo regrado, chega a ser caridoso. Não são vulgares as sevicias exercidas por europeus sobre domesticos; muito mais se ameadam os casos de furtos e outras malfeitorias praticadas pelos domesticos em prejuizo dos amos. Os de violencia, não. Póde-se inclusivamente desancar um muleque e adormecer ao pé d'elle sem o menor perigo. Ninguem corre ferrôlhos nas portas das alcôvas; as dispensas e as gavetas é que precisam andar sempre debaixo de chave.

O hospede portuguez de Moçambique não encontra, pois, dentro da habitação innovações que lhe causem profunda extranheza: apenas acha a comida mais apimentada, applaude o *pancar*, repara em que os cortinados do leito soffreram ligeiras modificações de fórma a chamarem-se *mosquiteiros*, observa que as dispensas e os aparadores estão bem fornecidos de bebidas alcoolicas, e precisa alguns dias para se familiarisar com a escuridão dos creados, que o servem descalços, de pannos e camisola, quando não inteiramente nus da cintura para cima, e lhe deixam na alcôva um aroma que nenhum perfumista se atreveria a enfrascar com a sua etiqueta. Tambem esse hospede não tem de impôr a si proprio costumes radicalmente novos, a não ser o de se lavar a miude, se julgar essa cerimonia desnecessaria na Europa. Póde continuar a vestir-se conforme o figurino que tinha adoptado para passear nas tardes de verão em Cintra ou em Cascaes; entretanto, a propria commodidade e o exemplo alheio aconselhal-o-ha a mandar fazer, a qualquer alfaiate indiano, andainas de fato branco, de linho ou de algodão, lavavel e engommavel, compostas apenas de calças e casacos, curtos e direitos, abotoados na frente para dispensarem a ausencia do collete, — superfluidade quente, — e se quizer, com gola direita, como as das fardas militares, para tambem occultarem a abstenção da . . . camisa e gravata. Toda a gente usa esses fatos, desde o governador-geral até o *muleque* ajanotado, e assim se nivelam as condições perante o calor. Custam, sendo de algodão: 2\$500 ou 3\$000 réis, fazenda e feitiço, e assim podem-se vestir dois por dia, ainda a cheirarem a barrella. Na provincia não se fazem d'outros, a não ser na Escola d'Artes e Officios, que não póde aviar muitos freguezes, e nas lojas só se encontram feitas umas roupas inglezas de flanelas claras lisas ou de riscas, que parece terem sido talhadas de proposito para não vestirem bem em corpo algum. Quem, portanto, quer janotar, em Moçambique, encomenda o fato no reino ou no estrangeiro; mas por lá não se avaliam os livros pelas encadernações. Sem casaca é que se não póde passar, por causa das solemnidades officiaes, obrigadas ainda a esse uniforme que aleija e obscurece o europeu posto a par dos orientaes, de amplas roupagens magestosas e vistosas, e n'essas pompas tambem os altos chapéos de seda ousam exhibir-se em confronto com os turbantes, tão artisticos e tão commodos em paizes de sol. Felizmente, fóra d'essas paradas de funcionalismo, os tubos lustrosos cedem as cabeças aos largos chapéos de feltro ou de palha, e aos leves capa-

cetes e *champignons* de cortiça encapados de branco.

N'esta questão de vestuario tem voto a hygiene, para, mesmo em opposição á commodidade, impôr a abstenção absoluta do linho e o uso ininterrupto da lã sobre a pelle. Abalisados doutores recommendam até que o europeu se cubra de lã desde o pescoço até os pés, e o famoso Jaeger aproveita a sentença para inculcar os seus productos, que até já aspiram a monopolisar a clientela dos leitos a mais da clientela dos corpos; mas essa recommendação elles que a sigam, se puderem supportar o lichen e as herpes que a roupa dos carneiros desenvolve na epiderme dos homens, em climas tropicaes. Lã envolvendo o thorax e algodão cobrindo o resto do corpo, é a minha formula conciliadora que experimentei com bom exito, e essa mesma não é commoda, ainda quando se substituam as flanelas e outros intoleraveis tecidos espessos e asperos pela mais subtil e macia malha. E' forçoso, porém, transigir com a negregada camisola de lã, ainda que ella se desenhe no tronco e nos braços em vermelhidões de lichen, porque só o seu agasalho, a sua faculdade de absorver a humidade sem se arrefecer, o estimulo que o seu contacto produz na pelle, permite que quem anda constantemente inundado em transpiração ande com a mesma constancia a procurar e a aproveitar correntes e agitações d'ar, n'um paiz onde um resfriamento é quasi sempre uma febre. Aceita-se, pois, a protecção da lã para os pulmões ao menos; em compensação, deitam-se fóra as camisas e os collarinhos, os punhos que põem em contacto com a epiderme crostas de gomme de amido, que as exsudações amollecem e reduzem a massas viscosas; em todas as lojas de *monhés* ha bellas camisas, desafogadas no pescoço, de tecidos leves, e nomeadamente de seda, que não precisam pedir brilho ao ferro de engommar e dispensam tesuras de cartão para serem correctas e elegantes.

E como se vive em Moçambique, fóra de casa, nas horas em que os ocios pedem entretenimentos?

Vive-se, pouco mais ou menos, como nas pequenas cidades das provincias do continente, onde não ha espectaculos nem passatempos publicos, nem clubs, nem botequins, nem saraus ou partidas em salas particulares; — fala-se da vida alheia, discute-se a politica local, intriga-se, joga-se, desinquietta-se a mulher do proximo, bebe-se, boceja-se. No tempo secco, a praça de S. Paulo convida á noite, ouvintes para os concertos em que a banda regimental accomoda partituras europêas ao temperamento artis-

tico dos canarins e dos cafres, ou para os ingenuos desconcertos da charanga da Escola d'Artes e Officios; mas o convite só costuma ser acceito por grupos de officiaes da divisão naval, que dão á praça aspectos e échos da famosa *casa da balança*, alguns paizanos que afinam melhor do que os musicos na execução de córos de má lingua, e bandos de negros que se sentam nas bordas dos passeios, esperando que o bombo lhes dê compasso para exercicios choreographicos ao ar livre. As senhoras absteem-se, em geral, d'estas escassas reuniões periodicas, ou porque entendam que a musica é só para homens, como certas leituras, ou para evitarem encontros que as compromettam á suprema violencia de dizerem mais palavras do que *sim* e *não*. A' ponte só vão aspirar brizas ou banhar-se em luar os que gemem saudades ou os que dizem segredos, e o campo de S. Gabriel, que de noite é escuro como selva, está reservado para entrevistas eroticas. A loja d'um *monhé* rico, o Jumá Grande, tem fóros de Casa Havanzeza da terra, no passeio que a enfrenta sentam-se em cadeiras pequenos magotes em cujos enroupamentos brancos luzem galões doirados, e diz-se que, quando estes magotes palestram com as cabeças chegadas, avermelham-se

muitas orelhas na provincia inteira e até no reino. No palacio do governo reúnem-se os intimos de S. Ex.^a civil, jogam barato, trocam-se novas do dia, beberricam gazosas e aguas mineraes, ouvem o concerto nas janellas, que jorram para a praça clarões de petroleo e irradiações de gloria. Ha alguns *cafés*, que tem pequenos bilhares quasi entallados entre quatro paredes caiadas, guarnecidas de garrafaria com rotulos vistosos, mas são frequentados por arraia miuda, artistas, caixeiros, inferiores da armada e do exercito. Associações de recreio não as consente a insociabilidade da intriga e de malquerença; ha dois annos, só existia uma, or-

ganizada por sargentos. Festas publicas para povo ou nobreza, para europeus ou indigenas, não se celebra uma só em toda a roda do anno, a não serem as inspidas recepções officiaes ou as pobres solemnidades de igreja, e a iniciativa particular não lhes remedeia a



MOÇAMBIQUE — ESTRADA DO INTERIOR

falta. N'um comprido barracão visinho do mercado engenhou-se em tempo um theatro, a que se deu o nome de *Serpa Pinto*, como merecido preito tributado pela arte de representar ao illustre africanista, mas só de longe em longe lá vae colher louros alguma *companhia* improvisada a bordo dos navios de guerra. A um d'esses grupos devi eu o prazer de applaudir uma *recita de curiosos*, tanto em character, tanto á altura das lendas trocistas que tem celebrado esse genero de espectaculos inconscientemente buffos, como já por cá se não gosa nenhum, nem em feira aldeã: a ingenua, um grumete da altura do mastro da mezena que arrullhava ternuras no tom em que se

commandam manobras, era por si mesmo o disparate mais desopilante que pôde imaginar um fazedor de farças. Também assisti, lá para as bandas do hospital, á commemoração do resgate de Angola por Salvador Correia de Sá, patrioticamente solemnizada pelos angolenses domiciliados na cidade por vontade sua ou mandado de justiça. Houve uma *hermesse* de estylo europeu, em que enfeitadas negras vendiam sortes brancas, e ao mesmo tempo *batuque*; celebrou-se uma sessão solemne, como na Sociedade de Geographia, pondo meias com um bufete, que vendia cardina. O presidente da commissão promotora, um ex-degredado negro que na guarnição da provincia ascendêra ás grandezas de cabo de esquadra, pronunciou um discurso lardeado de citações de Rousseau e Tito Livio, digressões historicas e commentarios philosophicos, phrases de carrilhão e palavrões de grande uniforme, que merecia ser archivado como exemplar raro de asneiras. Mas estas festanças são da plebe com aspirações a civilisada; a *sociedade* não se mette n'ellas, e tem outras de character publico ou privado. Tempos houve em que alguns governos foliões a trouxeram n'uma roda viva de saraus e passeios maritimos ou campestres, que opulentaram as chronicas picarescas da terra; mas esses tempos passaram e os costumes apacatarem-se. Apenas algumas familias se juntam a largos intervallos, para fazerem um *pic-nic* na Cabaceira Grande ou no Mossuril. Um que outro caçador vae matar aves maritimas nos mangaes, ou desencantar rôlas e perdiões nos palmares da terra firme. Jogos gymnasticos só teem voga entre os estrangeiros. Os inglezes do telegrapho e um commerciante portuguez representam o *sport* nautico, vellejando na bahia em escaleres elegantes. Do movimento intellectual, instructivo ou recreativo não ha uma vibração. Todos os livros que existem no districto, fóra das repartições publicas, não encheriam uma caixa de botijas de genebra. Na cidade publicava-se d'antes um periodico semanal, cuja typographia se installara no casco do vapor *Quilimane*, encahado na praia e ligado por uma passadeira á casa do seu proprietario; mas esse *orgão* só era tocado nas notas agudas pelos mexericos locais e nas notas graves pelo pedantismo estopante.

São estas as notas principaes que ácêrca dos costumes de Moçambique pode tomar o observador que não espreita nem escuta pelas frinchas das portas das casas. O que se passa lá dentro mereceria uma descripção especial. As numerosas colonias asiaticas absorvem-se na tarefa de juntar dinheiro; a pressa de exportarem para a India, por todos os vapo-

res, libras de ouro ou libras de marfim dispensa-os de somenos gosos. Apenas celebram festas rituaes, nas mesquitas, luzindo galas e psalmodando orações, e fóra dos templos, juntando-se em ágapes de arroz e hervagens e queimando ás portas das lojas *panchões*, a que nós chamamos estallos da China. O unico elemento de população vivo, expansivo, buliçoso, folgasão é o indigena. Trabalhador ou vadio, civilisado ou inculto, o negro tem quasi tanta paixão pelo canto e pela dança, — que se associam no *batuque*, — como pelo mata-bicho. Os carregadores de alfandega, vergados sob o peso dos fardos, cantam em côro melopêas selvagens; cantam os barqueiros puxando pelos remos; os machileiros acertam o passo pelo compasso das cantigas. A's horas de folga, agitam-se as pernas enquanto os hombros descançam. Na ilha e na terra, é rara a noite em que as aragens não espalham resonancias do *ckoma*, do tambor denunciando que n'algum quintalejo ou na propria praça publica, na clareira d'um palmar, sobre a areia da praia ou junto a um grupo de palhotas, magotes de indigenas estão gosando, sem nunca se saciarem, as fortes sensações do severo *marikosse*, batuque em que só entram executantes masculinos, ou de affeminado *scrirê*, exclusivo das mulheres, ou d'um *usassa* ou *sarissa*, em que os prazeres puramente choreographicos se condimentavam com os attractivos da promiscuidade de sexos. Em vesperas de lua nova, lá para o interior tripudia o *kioto*, que dura quatro dias, desgrehado, phrenetico, em que os pares muitas vezes rollam no chão tontos ou extenuados, e que cohonesta o seu delirio com intenções supersticiosas: no *kioto* descobre-se quem tem o dom de adivinhar, a prova que se lhe exige é encontrar uma pannela de *pombe* escondida para essa prova pelas *mkulukana-kioto*. Estas folias são quasi sempre animadas por copiosas libações, de bebidas indigenas ou *civilisadas*, e os moralistas accusam-n'as de serem occasião de torpezas, pelos cortinados das trevas e pelos biombos da vegetação.

D'entre estas danças sobresaee, pela sua originalidade e por ser raramente executado, o *batuque das facas*, cuja denominação em idioma macua inteiramente ignoro. Não o encontro memoriado por nenhum dos viajantes que publicaram as impressões das suas visitas a Macuana, e por isso me detenho a descrevel-o.

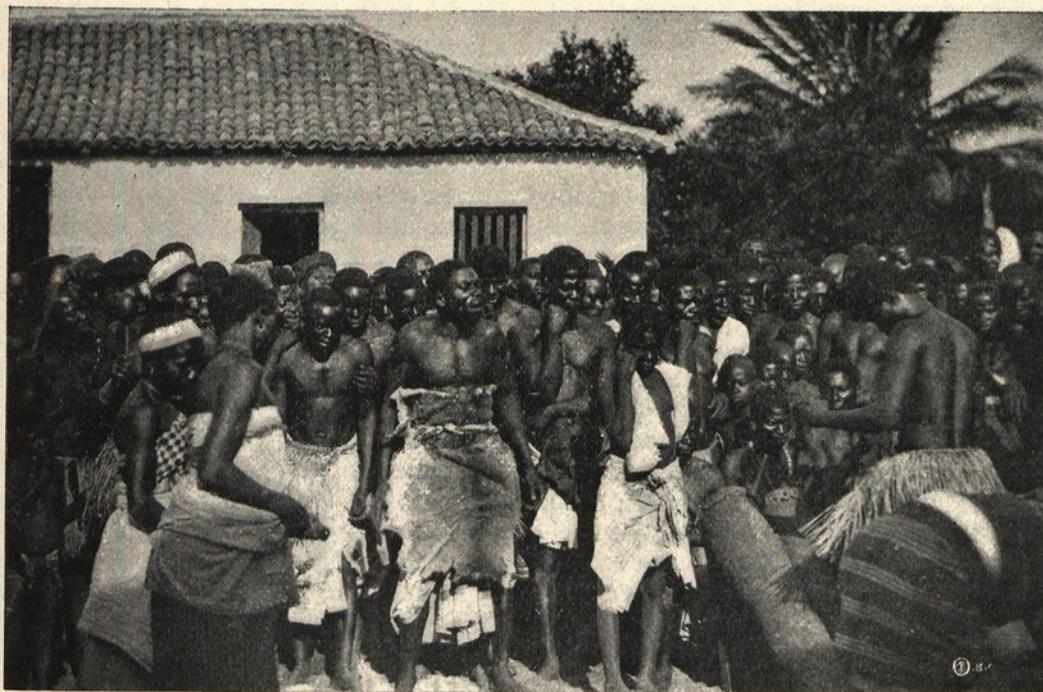
O Ali

Como o vaidoso se lastimaria se eu o não apresentasse! O Ali é um rapazola macua, dotado d'um par de beiços que ao meio dia lhe abrigam do sol toda a frente do corpo. O commandante militar do Arnangua desta-

cou-o para serviço da minha palhota quando estive na Beira penando peccados alheios, e eu nomeei-o meu *muleque*, honraria a que elle, desvanecido, correspondeu com os mais attentos, embora ás vezes os mais desastrados, desvelos pelo bem-estar do patrão. Um dia, — por exemplo, — servindo-me á mesa no palacio de S. Paulo, onde estava só, o Ali, que rebolava os olhos brancos na face de azeviche para bem observar como comia um *grande*, viu-me deitar fóra as pelles, espessas e engelhadas, d'umas uvas com que me tinham presenteado; no dia seguinte, quando fui jantar, encontrei entre as sobremesas, uma pyramide de bagos, esmeradamente pellados pelos dedos d'ebano do meu previdente negro. Tanto me enterneci com este rasgo carinhoso que tive coragem para comer as uvas, e trouxe o Ali para Lisboa!

Mas por cá estragou-se. Deu em janota. Gastava tudo em lencinhos bordados a côres, que entalava artisticamente no bolso do peito do fraque, com a ponta de fóra. Galanteava as creadas de todas as familias das minhas relações e apaixonou-se pela Geraldine, a quem chamava *menina bonita*. Furtava-me rosas para lhe atirar á sahida da liça,

co antes de se separar de mim, pediu-me que em galardão dos seus serviços e memoria das suas viagens, lhe conferisse o appellido de *Gente*, para assim desmentir a desrespeitosa sentença, que muita vez ouvira, de que pretos não são gente. Por minha mercê, chama-se hoje, pois, *Ali Gente*, e para mais se nobilitar cobriu o estigma de *muleque* com o brazão de servente das obras publicas. O Ali tinha-me dito que havia na Cabaceira Grande, onde estavamos então, um batuque de arromba, coisa nunca vista nas Europas, em que os dançantes, nos paroxísmos do entusiasmo choreographico, golpeavam as carnes com facas e cravavam punhaes no ventre. — Sior, é verdade! juro! — e, com uma convicção forte, que se accentuava em chorrilhos de palavras e sarilhos de gestos, acrescentava que os taes batuqueiros até cortavam cerce as cabeças, tornavam a pôl-as sobre os peçoços, e, prompto, podiam beber um garrafão de *mata-bicho* sem se lhe entornar uma gotta pelo cóрте! O Luiz, uma torre de carne e osso, que estava ao meu serviço como sipal, confirmava a mirifica narrativa, e ainda ia mais longe: offerecia-se denonadamente para me fazer presenciar, alli mesmo, á porta do



MOÇAMBIQUE — UM BATUQUE

e uma noite entrou em casa ás cambalhotas, manifestação de regosijo muito sua, porque, tendo arremessado o bonnet á acrobatica diva, ella entregára-lh'o rindo-se. Na segunda viagem deixou-o em Africa, para não augmentar um vulcão á geographia da Europa. Pou-

palacio, uma d'essas sirandas de sangueira. Se eu dêsse 4 ou 5 rupias arranjava-se para logo o sarrabulho!

— Pois vamos a vêr isso! consenti eu, afinal.

Não suppuz que os pretos quizessem mys-

tificar-me, comquanto não dêsse gasto ao *cavallo marinho*; imaginei antes que alguns embaidores figuravam as scenas cruas, que elles me descreviam, com manhas de persuadir da sua realidade os espectadores ingenuos, de si propensos a acreditar no incrível. Dispuz-me, pois, para assistir a uma engenhada pantomima, e, intrigado especialmente com as degollações, projectei opulentar o boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa com uma erudita memoria sobre as origens africanas do Nirudy-Khan.

O Luiz, o colosso, foi de manhã, esgalhando-se na carreira, chamar os pantomimeiros, e julgo que foi muito pela terra dentro, porque era já noite escura e ainda não tinha voltado. A minha incredulidade chegou a suspeitar de que o farçante fugisse, como empresario sem companhia; mas, evidentemente, só eu era incredulo. Em casa e nas vizinhanças notára-se alvoroçada expectativa do acontecimento famoso. Os sipaes e os gentios degredados tinham passado o dia a palestrar no quintal, acorados ou deitados de bruços em esteiras, com effervescente mimica e prodigiosa variedade de inflexões admirativas; o cozinheiro deixara queimar o jantar; as filhas do pharoleiro vizinho haviam sido vistas, sentadas á torreira do sol, cardando as carapinhas, e vestiam os seus *quimáus* de gala, bordados a trancinha; o Ali andava azaranzado, jurando a todos que sim, que cortavam as cabeças, que logo veriam, que era tudo a valer! Ao entardecer começaram a juntar-se curiosos no terrado em frente do palacio: vieram pretas, derreando os quadris, com as crias penduradas ás costas; rapazitos pançudos, exhibindo umbigos do volume de nozes, mas cobrindo castamente o toutiço com barretes brancos redondos; machileiros de camisolas listradas, trabalhadores trajando saccas de grosseria furadas no fundo e nos cantos para darem passagem á cabeça e aos braços, mouros de camisas lavadas até os pés sujos, e esta chusma palreira, hilariante, movediça, encruzou-se na areia, abancou em troncos cortados de coqueiros onde os mangussos costumavam fazer acrobáticas, em pittorescos grupos anciosos. E não se moveu apenas a plebe do sitio; um indio dos arredores, pessoa grada, fazendeiro e auctoridade, pediu-me logar nas janellas para a esposa, uma figura opada de cara amarella, espessas tranças de azeviche a escorrerem gordura, dentes esmeradamente tintos de preto, inverosimeis olhos bistrados maiores que toda a cara, enfaixada até o queixo em peças de seda sem feitiço. O que me custou a impedir que o Sampaio, o meu jovial secretario, risse ás descancaras

d'aquelle manequim de bazar oriental, que elle desejava averiguar se era de roca!

Grande reboição annunciou por fim a chegada dos farcistas, vinte ou trinta matulos de aspecto sordido, um dos quaes vinha vaque-teando em surdina no indispensavel tambor de batuque, — um cylindro ôco de madeira mal aparelhada, tapado n'uma das extremidades com uma rija pelle fortemente tendida e embebida em não sei que drogas. Complicava-se, pois, o caso; havia uns descarados que contavam embustear-me, talvez com bejigas de sangue de cabrito e cutellos de latas de sardinhas: pois veriamos!

Mas como havia eu de vêr, afinal? O Cruzeiro do Sul não me dava luz para differenciar uma cabeça de preto d'uma cabeça de carneiro; os proprios vultos que fervilhavam lá em baixo, só os distinguia ao passarem pelas esteiras luminosas que das janellas se extendiam pelo terrado. Era certo que os sipaes estavam juntando accendalhas, e já bruxeleavam aqui e acolá chammasinhas vermelhas laivadas por espiraes brancas de fumo; mas a iluminação vacillante de fogueiras não bastaria para descobrir os *trucs* dos batuqueiros, que provavelmente haviam tardado para terem a treva por comadre. N'essa não cahiria eu: antes adiar para a manhã seguinte o *batuque das facas!* Assim o determinei. Bailassem á vontade, mas guardassem a cabidella para a hora do almoço, porque tambem o sol a queria saborear! E fui dormir, convencido de que tinha honrado a superior argucia da raça branca!

Pela noite adeante, se me accordava ferroadada de mosquito ou voejo de barata nas pregas do mosquiteiro, ouvia o monotono *tum, tum, tum*, do batuque, e divisava pelas fendas das persianas clarões rubros de fogueiras; mas sorria-me por dentro, pensando que se os homens ainda lá estavam, recolheriam com os morcegos ao raiar da aurora. Pois não recolheram tal! Quando me levantei, já o sol ia alto, mas o batuque proseguia incançavel, gosado pelos mesmos espectadores da vespereira, estiraçados na areia banhada pelo sereno, junto de montões de cinzas fumegantes. Decididamente, os impudentes affrontavam a luz do dia e a vista dos brancos: Ah! bom *cavallo-marinho!* Installei-me na varanda, todo eu olhos perspicazes, e mandei começar a indromina.

Redobrou de sonoridade o tambor, entalado entre os joelhos do tangedor acororado, e uns vinte negros, formados em circulo, mas soltos uns dos outros, principiaram a rodar lentamente, agitando os membros a compasso. Tinham physionomias vulgares; apenas notei um, ainda moço, vestido de *monhe*

pobre, secco e musculoso, de esgalgado pescoço sulcado de grossas cordoveias, em cujos olhos raiados de sangue havia um fulgor de desvairamento. Não estavam bebédos, porque eu tinha tomado a precaução de prohibir que lhes dêssem de beber, e não havia baiucas nas redondezas. Giraram, giraram, e a pouco e pouco acelerou-se o giro e desordenaram-se as gesticulações; saltavam ora n'um ora n'outro pé, e agitavam os braços, bamboleavam os quadris, meneavam a cabeça, careteavam, torciam o tronco, cada qual segundo a sua inspiração choreographica, mettendo os tregeitos na solfa do tambor. Quanto a facas e a punhaes, a ferimentos e decepações, nem suspeita: os bailões até se mostravam tão inoffensivos que evitavam embates de cabeças, não brotassem chispas que incendiassem as carapinhas! O famoso batuque, afinal, parecia-se com todos os outros, hypnotisantes á força de monotonia.

— Sior, estão a aquecer! observou um entendedor, que deu fé do meu desapontamento.

De facto, activaram os esgares e as contorsões, e a tresudação copiosa retingiu-lhes as negras epidermes; agora, rodando sempre, pinchavam, desarticulavam-se, desengonçavam o pescoço parecendo sacudir a cabeça para fóra dos hombros. Appareceu emfim a ferramenta da chacina; facas e navalhas sahiram das pregas das roupas, e foram lustradas nos pannos, afiadas em pedras, floreteadas em passes de agilidade. Para maior colorido de verdade, os farçantes arregaçaram as mangas até os hombros, como se lhes parecesse pouco todo o braço para a retalhagem; mas, attentando-se bem, percebia-se que os gumes e os fios eram cuidadosamente desviados das carnes, e custava a crêr que tão tósca e desastrada pyrrhica illudisse negros providos de pares de olhos telescopicos, que percebem o disco lunar no dia do novilunio. Sem a minha gravidade official teria gritado: *fóra!*

Mas foi por deante o corropio, de mais e mais revoltoso, animou-se o *tum, tum, tum*, do tambor, os curiosos alongaram os pescoços e dilataram as pupillas, e pareceu-me vêr as facas baterem nos braços e ante-braços, nas pernas, de cutello, a golpes crebros, rijamente. Era bem fingido, illudia; comecei a desculpar a boçalidade dos indigenas! O tambor tornou-se phrenetico, os dançarinos convulsionaram-se como epilepticos, os espectadores explodiam em interjeições de jubiloso pasmo, e... eu cahi então do desdem incredulo n'uma convicção enfurecida! Era verdade, era a valer, era sangue, sangue humano, que avermelhava as laminas, que borbulhava dos sulcos abertos nas carnes, que pingava no chão, que salpicava as roupas! Parem, selvagens! basta, canibaes! gritei, barafustei, dei murros na varanda, mas o tambor ensurdia, a grita atordoava, as facas iam cortando, o sangue alastrava na areia! O cabo de cipaes teve de agarrar os desvairados pelos hombros, de fazer rolar o tambor com um pontapé, de espalhar cachações pela turba, para pôr termo ao repugnante espectáculo!

Chamei alguns dos figurantes para lhes vêr os ferimentos, e viu-os tambem um medico distincto que commigo estava, o dr. Moura Borges; tinham o braço, do pulso ao cotovello, sarjado por extensos golpes obliquos, cujos riscos vermelhos se cruzavam com as cicatrizes negras de cortaduras antigas. Reprehendi-os asperamente.

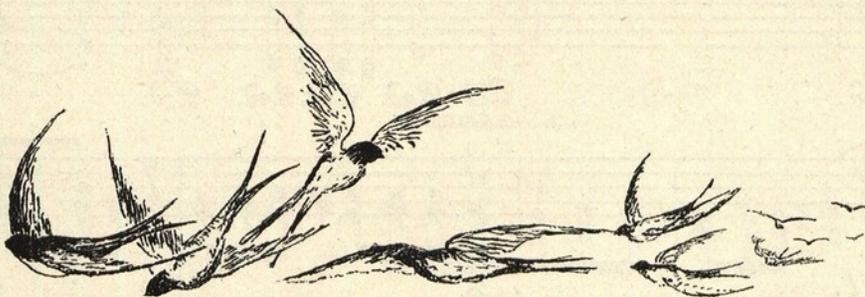
— Sior, nós gosta! foi a desculpa.

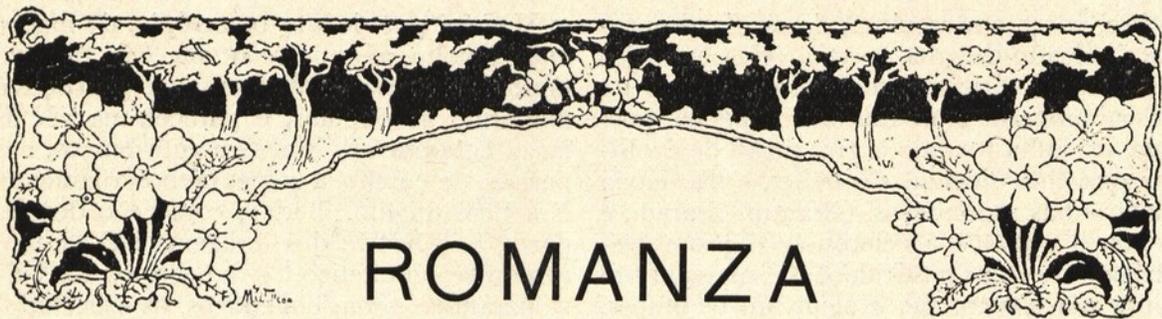
— E agora como se curam? como vedam o sangue?

— Sior, deita terra em cima e está prompto!

O Ali afiançou-me, com a maior seriedade, que se eu não tivesse interrompido a festa tão extemporaneamente, os homens tambem teriam cortado as cabeças.

Nenhum ethnologo deixará de reconhecer n'esta choreographia furiosa a influencia das danças famosas dos derviches.





ROMANZA

(A Maria Pereira de Seixas)

POR

AD. BRINITA

Piano

Poco andante

mf

Il canto ben mârcato

Ped.

cresc.

Ped.

f

dim.

Ped. Ped. Ped. Ped. Ped. Ped.

atempo

erit.

mf

Ped.

Ped.

Ped.

Ped.

8^a

cresc. *f*

Red. *Red.* *Red.*

ff *dim.* *molto*

Red. *Red.* *Red.* *

P *P*

Red. *Red.* *Red.* *Red.* *Red.*

cresc. *dim.*

Red. *Red.* *Red.* *Red.* *Red.* *Red.* *Red.* *Red.*

cresc.

Red. *Red.* *Red.*

f *dim.*

Red. *Red.* *Red.*

...p p Ped. Ped. Ped. Ped.

cresc. poco rit. a tempo mf Ped. * Ped.

Ped. Ped. Ped. Ped. cresc.

Ped. Ped. Ped. Ped. Ped. Ped. Ped. Ped. Ped. dim.

a tempo rit. mf Ped. Ped. Ped. Ped. Ped. Ped. Ped. Ped.

cresc. Ped. Ped. Ped. Ped. 8.^a Ped.



DANÇA CAMPESTRE — QUADRO DE P. P. RUBENS

ENTRE DUAS REVOLUÇÕES

Ao encerrar a camara,* depois de oito mezes seguidos de trabalho, a rainha consignou o seu applauso aos legisladores pelo modo como tinham procurado cicatrizar as feridas da patria, abertas pelas luctas passadas. Felicitou-se pelo socego publico, contrastando com os acontecimentos que se tinham produzido na Europa. Pediu aos representantes do paiz, que, durante o descanso em que iam entrar, inspirassem aos povos o amor pelas instituições vigentes, «com os sentimentos de obediencia ás leis e ás auctoridades, não esquecendo o amor ao trabalho e á moralidade», unicas fórmulas de assegurar a felicidade da nação e de levar de vencida a *propaganda das idéas exaggeradas*.

Os progressistas, esses, despediram a camara como quem despede um fardo importuno. Reputavam-n'a machina de oppressão alçada sobre o paiz. «Não ficavam desaffrontados, — diziam elles — mas ficavam com menos peso». O *Periodico dos Pobres* tinha por esse tempo no norte um papel popular, como o do *Primeiro de Janeiro*, mais tarde. As cartas que de Lisboa lhe escrevia o *Braz Tisana*, — S. Bandeira — faziam opinião pela justeza da critica e constituíam auctoridade pela segurança da informação. Muitas occorrencias intimas eram alli referidas, muitos factos politicos eram alli noticiados, antes de terem manifestação ostensiva, em Lisboa. N'essa occasião os *Pobres*, — dizia-se assim por abreviatura, como depois, pela mesma razão, se disse o *Janeiro* — publicaram a critica á sessão que acabava de encerrar-se. O artigo fez furor entre os elementos da oppo-

sição ao governo. O resumo d'essa apreciação, só apparentemente placida, era «de que a nação não podia estar satisfeita com os seus procuradores ao parlamento de 48». Não acreditava, tambem, nos trabalhos promettidos para janeiro e fundava o seu scepticismo, «na corrupção, na immoralidade e no egoismo» que via em ordem do dia. O remate é que punha uma nota muito justa, muito verdadeira, sobre a incongruencia d'um parlamento, que *na camara dos pares funcionava sob a presidencia do chefe da opposição*, — o duque de Palmella, — e na camara dos deputados se resentia da «desaggregação produzida pelo chefe que a maioria tivera no começo!»

«Mas que podia a nação esperar d'uma camara de pares cujo presidente capitaneava a opposição ao governo! Que podia ella esperar d'uma camara de pares atulhada de homens que ainda ha pouco foram amnistiados!! Que podia a nação esperar d'uma camara de deputados, cuja maioria movel não tinha chefes que a levassem aos combates! Cujá minoria, parte excentrica e parte vulcanica, se resente a cada instante da sua infeliz origem!!»

A' theoria acertada dos *Pobres* contrapunha o *Estandarte* a sua. Para este órgão do primeiro *leader* da camara popular, se o parlamento não tinha produzido o que d'elle se esperava é porque os ministros o esterilizavam, visto como em si proprios traziam vicio constitucional. Sendo a sua conservação, «um verdadeiro crime politico», elles não podiam exercer as suas funcções, sem atraiçoar as

* Em 1848. O artigo que segue é um capitulo d'um livro (edição de M. Gomes) que sob o titulo acima o notavel jornalista politico sr. Barbosa Colen vae publicar agora, reunindo ás suas notas de estudo sobre uma epoca parlamentar bem caracteristica da sociedade portugueza. Esta revive e resurge ao leitor na suggestiva descripção, no commentario ironico, na citação adequada, na approximação calculada dos factos, na pintura dos caracteres e na critica dos costumes que a penná vibrante, finalmente acerada do escriptor vae gravando a bem marcados contornos em cada pagina da sua obra de investigação historica.

regras do direito constitucional e sem pôr em conflicto os diversos interesses do Estado. E desenvolvia os motivos: «O ministro da fazenda é administrador da casa de Bragança, — a qual é crédora ao Estado de sommas talvez superiores a 400 contos de réis». Como havia o administrador, o *fiel*, o *agente*, decidir, para ser ministro recto? «O ministro das justiças é escrivão da misericórdia». A misericórdia é crédora do Estado, representa grandes interesses especiaes. Subordinada á acção administrativa, — como havia o seu escrivão de harmonisar as suas funcções com as de ministro, e as de fiscal com as de fiscalisado? «O ministro dos estrangeiros é membro da commissão liquidadora do Grão-Pará e Maranhão». Como havia de prejudicar os interesses dos seus mandatarios, justificar os 600\$000 réis que recebia d'elles — occupando-se com o zelo preciso dos negocios da nação? «O ministro do reino é mordomo-mór do palacio». Todos os publicistas estavam de accordo em sustentar, como uma das primeiras condições constitucionaes, a acção livre dos ministros. «Poderá ser livre a acção do ministro que é ao mesmo tempo famulo do Paço?»

Esta analyse dos motivos de incompatibilidade nas funcções do governo, que o *Estandarte* explanava detidamente; esta maneira de demonstrar que com taes ministros não podia haver camaras boas, nem administração proveitosa, exasperava muito mais o governo do que os artigos de Sampaio, que eram pessoalmente aggressivos, — accusando o Falcão, da fazenda, por andar armando um palacio, no Campo de Sant'Anna e uma quinta, na Arrentella, — e denunciando o José Elias, da justiça, por *levar vida milagrosa, sendo um devasso*: —

«O sr. José Elias tinha alcançado estar isento, no trato social, da maior parte das conveniencias a que um homem brioso se obriga e com sorrisos banaes e capciosos grangeou a sua vida milagrosa. Por muito tempo entenderam todos os homens publicos que elle andava na politica como andam os gaiteiros nas festas aldeãs e todos deixavam viver o pobre caturra á custa das suas macaquices. Agora sabe-se que é um perseguidor e um devasso.»

Saldanha merecia apreciação mais demorada e notas mais desenvolvidas. Estudava-o

em duas phases diversas. Na *primeira* era assim: —

«A primeira época da sua vida passou-a nas tergiversações e incertezas consequentes d'estas pechas. Não enganava. Mudava de posição quasi insensivelmente. A sua instabilidade era innocente. Entregava-se ao primeiro que o affagava; que fazia festas á sua ambição, mas entregava-se lealmente. Não era de partido nenhum e era de todos, porque não sendo de si mesmo, não podia dispôr com segurança dos seus affectos e das suas idéas. As suas determinações eram em relação a elle verdadeiros acasos. A intelligencia não tinha parte n'ellas. Nos corrilhos politicos, no jogo dos partidos, é que estava a sua historia, e a rasão dos seus procedimentos. Era um automato tão bem arremedado, e com os movimentos tão concertados, que parecia gente e não o era.»

Na *segunda* phase, o pintor desfeizava mais o retrato primitivo: —

«Hoje peorou. E' ruim de condição, refalsado, violento, máu e intrigante. O seu caracter negativo determinou-se afinal pelas peores qualidades. E' como um homem que passando a maior parte da vida em esturdias, se declara por grande vicioso no seu ultimo quartel. Amadureceu na maldade.»



JOSÉ BERNARDO DA COSTA CABRAL

Com estes trechos fica indicado um dos themas favoritos do jornalismo da opposição no intervallo dos trabalhos parlamentares de 1848-1849. Discutiam-se os ministros, accusavam-se e desacreditavam-se com particular rancôr, — mas, como o leitor se terá apercebido, mesmo nas accusações mais violentas se punha cuidado na fórmula litteraria do dizer. Procuravam-se com cuidado as formulas concretas — o que dava, mesmo no uso das vulgares injurias, a impressão da cultura de quem escrevia. Era assim, por exemplo, que, no *Popular*, até o *Pandorra*, José Carlos — de todos os jornalistas da época o menos letrado, — respondia á *Revolução de Setembro*: «A *Revolução de Setembro* quando sahe da estrada do vicio, da corrupção e da calumnia, estende-se como uma sendeira. Podia ter mais vergonha já que tem tão pouca capacidade.»

•

Desde o encerramento da camara até á reabertura dos debates, em janeiro, seguiu, activa e violenta, a polemica dos jornaes. O

governo, durante esse mesmo periodo, occupou-se em descobrir e inutilisar os trabalhos a que se entregavam os que queriam derrubar-o, por meio d'uma revolta séria. Sampaio mettia a troça essa preoccupação dos ministros, e explicava, «ter em seu poder duas filhas d'um official influente em refens». O que se tramava não era tão pouco sério como assim se queria inculcar, n'estes dizeres ironicos, porque as buscas por vezes revelaram o esconderijo de armamentos e munições: d'uma vez, n'uma casa na Ajuda, encontraram-se 30 armas, 72 lanças, 21 bayonetas, 580 cartuchos, etc.; de outra vez, em outra casa, appareceram, 11 pistolas, 120 chuços, 66 espingardas, 66 bayonetas, 2 clarins, 7 espadas, 105 massos de polvora embalada, etc. Passado pouco tempo correu que os sargentos de infantaria 10 tinham tentado sublevar o regimento. A occorrença envolveu-se n'um certo mysterio, mas apurou-se, pouco depois, que 4 sargentos d'aquelle regimento tinham soffrido baixa de posto e um tinha tido passagem para o batalhão naval, sendo logo expedido a bordo do brigue *Douro*.

Pamphletos incendiarios eram distribuidos com profusão, e proclamações convidando o povo e o exercito a revoltarem-se, foram por vezes apprehendidas. N'uma d'essas, apparecia a assignatura de Sampaio, como se-

cretario da commissão central democratica, e «encarregado de toda a correspondencia para a concentração dos esforços a empregar.» O jornalista protestou em carta dirigida ao seu editor, e publicada na gazeta. Dizia elle, que derrubaria o governo se podesse, porque entendia que fazia um grande serviço á patria, mas que não escrevera, nem subscreveria as proclamações que lhe eram attribuidas. E explicava assim a razão porque não assignaria o tal papel: *Para dar vivas a S. M. não me queria tornar criminoso.* Succedeu, por este tempo, quererem os realistas convocar os seus, n'uma casa da rua Direita de Santa Martha, 5. Diziam tratar-se de organizar uma commissão de beneficencia, para acudir aos correligionarios. Foi negada a licença para a reunião, — porque o marquez de Fronteira, no governo civil, alcançara a prova de que se andavam alliciando officiaes entre os realistas convencionados de Evora Monte. O conde de Barbacena, chefe do partido, publicou uma carta, ua *Nação*, afastando de si

toda a responsabilidade n'essas manobras, «que elle não auctorisára.» Os setembristas exasperaram-se. Accusaram a *Nação* de denuncia á policia, e abriu-se, entre os jornaes, uma furibunda polemica, que mais serviu a comprovar não serem ficticios os receios do governo, nem simples. . . invento da policia as reuniões e manejos em que occultamente se andava. A *União* amedrontou-se tanto com as noticias assim apuradas, que pedia, com insistencia, uma lei *marcial*. Outros, dos affeiozados d'esta gazeta, tomaram logo um expediente *marcial*, — mas fóra da *lei*: arrebanhando alguns soldados e cabos, atacaram, de noite, a imprensa da rua das Adellas, onde se imprimia o *Rabecção*, — maltrataram os que encontraram ali e atiraram com o typo do jornal pela janella fóra.



ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO

Emquanto os dias se iam assim passando, assignalando, successivamente, novas occorrencias, o processo dos presos politicos recolhidos no Limoeiro, seguia com a mais propositada lentidão. O escrivão requereu ao juiz que lhe marcasse praso para o traslado, que havia de subir á Relação. O juiz deu-lhe 35 dias. Viu-se, depois, que o processo não tinha mais de 35 meias folhas de papel, — o que accusava da parte do magistrado um grande cuidado em poupar o escrivão ás vigílias — a que o podia obrigar a copia, sendo fати-

gante! Mas não ficou por aqui. Quando estava a findar este larguissimo praso, o escrivão appareceu. . . de braço ao peito. De braço ao peito, claro é, estava impossibilitado de escrever, e, como havia segredo de justiça, ninguem mais podia tirar o traslado. Foi preciso novo praso! Deve notar-se, como contraste, que, por esse mesmo tempo, os governos em França e em Hespanha estavam dando exemplo, frisante, da rapidez dos processos, nos crimes de conspiração contra a ordem publica. Em Paris, os tribunaes da segunda republica, em 4 mezes, julgaram milhares de presos. Em Hespanha ainda era mais rapido: desterravam-se todos os dias ás centenas, sem processo nem sentença!

Tudo acaba, até os expeditentes dilatorios! A 6 de novembro a Relação deu provimento no agravo aos presos e mandou-os pôr em liberdade. Vieram, pois, finalmente, para a rua, Manuel José Mendes Leite, Manoel de Jesus Coelho, Antonio José Duarte Nazareth, Joaquim Henriques da Fonseca. Luiz Diogo

Leite, Ricardo Borges Diniz, Francisco José Pereira e Horta, Francisco Casimiro Judice Samra e Joaquim Maximiano Madeira Pinto. O accordão reconhecia que as testemunhas ou tinham deposto falsamente ou eram contradictorias e singulares.

Coincidindo com tudo isto, e como que a animar os que aspiravam a um movimento revolucionario, de fóra continuavam a chegar noticias sensasionaes. O imperador da Austria abdicava; o Papa fugia para Gaeta; Luiz Napoleão era eleito, contra Cavaignac, para a presidencia da republica; a assembléa da Prussia era dissolvida á mão armada; em Hespanha a revolta irradiava da Catalunha para as outras provincias. «Chegava a ser uma vergonha, — berrava-se nos cafés, — que só em Portugal se não soubesse resistir a esse

Hercules de palha, que estava no governo apoiado pelo conde de Thomar!» O governador civil, sabendo que estas prédicas tinham como pulpito as mezas do *Suisso*, mandou intimar o proprietario, que era então Jorge Runher, para que não mais ali consentisse conversas politicas. O botequineiro affixou no estabelecimento um aviso, com a ordem que recebera — e por sua conta decretou a pena de expulsão immediata, que se applicaria, irremessivelmente, aos que contraviessem estas instrucções. Tanto bastou para que a ferocidade d'estes frequentadores e palradores se accomodasse ás circumstancias!

Recorreu-se então a outra ordem de manifestações, que serviam como de revista ás tropas do partido e não implicavam transtorfio de maior aos que andavam desavindos com a situação politica: aproveitaram-se, para manifestações, as festas e cerimoniaes. D'estas ultimas até as funebres serviam! Em S. Luiz mandou a colonia franceza celebrar execuções pelos que tinham morrido em Paris, nos ultimos dias de junho, defendendo a republica. Cahiram lá todos os adversarios do ministerio Saldanha — mas toparam com este, que tambem fôra, por já a esse tempo, 12 de agosto, ter reconhecido o governo que a França escolhera. Foi uma decepção, tanto mais sentida quanto os partidarios do marechal tinham ido mais cedo e tomado quasi todos os logares do pequeno templo, ficando na rua, á soalheira, que era de rachar, os manifestantes progressistas! As toiradas é

que tiveram muito maior exito como meio de propaganda... contra o cabralismo. Os dois lados do Tejo, Lisboa e Almada, serviam, successivamente, para farpear a valer os bichos e para fazer pegas, de pirraça, á policia do marquez de Fronteira. Abre-se, pois, no capitulo, um parenthesis explicativo... da tauromachia na politica.

⊙

A primeira d'essas toiradas memoraveis foi no Campo de Sant'Anna, no dia 13 de junho. Os bois foram gratuitamente offerescdos pelo conde de Belmonte e barão de Almeirim, sendo este ultimo quem presidiu ao torneio. Na previsão da concorrência, as portas da praça abriram ás 2 horas da tarde, embora a lide só devesse começar ás 5. Limpo o *redondel*,

aguado o terreno, vieram os homens de forcado, com os caixões e as farpas, que deposeram no logar do estylo. Serviram, n'esta tarde, n'este cargo humilimo, João Christiano Velloso da Horta, Luiz Pereira Forjaz, José Ignacio Rodrigues Teixeira Mourão, Antonio Gomes Belford, Luiz Antonio Soares, Antonio José de Sousa e Almeida e F. M. A. e J. M. E. — que não quizeram dar o nome por extenso para o cartaz. O neto era Antonio do Canto e Castro, que, acompanhado dos seus andarilhos, fez as cortezias e convidou a entrar os dois cavalleiros: o



ANTONIO JOSÉ D'ÁVILA

conde de Vimioso e Joaquim Antonio Victo Moreira. Com estes entraram na praça os capinhas: D. José de Almeida Mello e Castro, Luiz Maria Telles de Mello, Manoel Rodrigues Martins Raymundo Antonio de Bulhão Pato, Francisco Monteiro Talone, D. F. de Carvalho, Luiz Aranha de Menezes, Antonio Augusto Coelho de Magalhães, Francisco Raposo Espargosa, Jorge Guilherme Lobato Pires e A. M. P. Os moços do toiril eram Francisco Carneiro Zagallo e Luiz de Mello e Castro.

Duas bandas regimentaes tocavam successivamente. A praça toda estava engalanada. Houv eum toiro para os curiosos. Não ficou um logar vago. A cada sorte o entusiasmo explodia, n'um brado caloroso e unanime, que parecia ronco de tempestade! N'uma das occasiões, quando os forcados se conçavam, embalde, para apanhar um toiro, o *sol poz-se* todo em pé, clamando: *basta! basta!*

O gado era de pura raça. O conde de Vi-

mioso nunca esteve tão feliz: «excedeu a sua propria reputação». Victo Moreira picou, tambem, «com muita pericia». As pégas foram magnificas, especialmente uma, de cara, de Luiz Forjaz, e outra, de cernelha, de José Horta. Os capinhas bandarilharam com gallardia, e metteram grande quantidade de ferros, — porém Mello e Castro, sempre muito dextro em *passar de capa*, ficou ferido n'um pé, logo ao primeiro touro. N'um dos intervallos, D. João de Menezes e Mello e Castro, vestidos de selvagens, — montados em cavallos em osso, guiados apenas por uma fita, — farpearam com perfeição o boi para curiosos, e alcançaram grandes ovações.

Para que se não possa suppôr de pura phantasia a intenção politica d'esta tourada celebre, que deve estar ainda tanto na memoria do querido poeta da *Paqueta* e de D. João de Menezes, — aqui reproduzimos do folhetinista liberal, Lopes de Mendonça, a prosa triumphante com que elle annotou o momentoso acontecimento: —

«Ainda não houve demonstração mais solemne de popularidade — manifestação mais augusta de assentimento aos principios progressistas. A causa nacional triumphou moralmente n'esse concurso numeroso e espontaneo, que parecia olhar como presagio de victoria essas filas entusiasticas que applaudiam os cavalleiros mais como representantes da sua fé politica, do que como os escolhidos pela sorte a arrostarem os perigos d'um tão aventureoso espectáculo.

Podem prohibir quanto quizerem os *meetings*, como attentados á segurança publica, — este, excede a todos quantos se poderiam fazer, e denuncia eloquentemente até que ponto estão arreigadas na alma do povo as doutrinas que hão de algum dia emancipal-o, a elle, e á patria, cujo seio parece estremecer á espera d'essa hora solemne e desejada!»

O testemunho é completo; mas ainda ha outro a corroboral-o. Dias depois, a commissão organisadora publicou o seu agradecimento, pelo successo assim alcançado a favor das «victimas dos ultimos acontecimentos». Os signatarios do agradecimento eram: barão de Almeirim, *presidente*, Anselmo José Braamcamp, *thesoureiro*, Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, D. Alvaro Henriques Roma, Vital Pereira Forjaz de Lacerda, José Estevam Coelho de Magalhães, *secretario*.

A *creme* dos progressistas! O exito d'esta tourada aconselhou outras. Para a de Almada, destinada para o mesmo fim, o lavrador Vaz Monteiro pela primeira vez consentiu em apartar touros. A ultima foi no Campo Grande, debutando um novo cavalleiro João

Carlos, feito *visconde* de Almeidinha pela junta *rebelde*. O outro era D. João de Menezes, que já fizera sentir a valentia do seu pulso, não só a alguns touros, destinados a protestar a favor dos septembristas, mas tambem em alguns lombos . . . de puros cabralistas. Por isso dizia d'elle, em novo folhetim, Lopes de Mendonça, como quem falla d'um correligionario reconhecido: —

«O sr. D. João de Menezes, rebelde tambem, no sentido politico, é já uma reputação feita como cavalleiro: o ultimo touro, talvez o mais esperto, foi picado com muita pericia e habilidade.»

A ultima farpa mettida em cachaço tau-rino, na ultima corrida de 1848, foi posta por D. João de Menezes. Saibam isto o *José Pampilho*, o *Santonillo*, e os outros criticos de nomeada na apreciação das *lides* modernas. Registe tambem esta nota o Eduardo de Noronha, para quando reeditar a sua curiosa *Historia das Touradas*.

Quem vê o D. João de Menezes, n'este anno da graça em que estamos, aprumado e forte, parecendo ter pintado as barbas de branco para accrescentar a distincção natural do seu typo, tão pronunciadamente fidalgo, — mal poderá acreditar na denuncia, que aqui fazemos, de ser elle o mesmo, que n'essa quadra de agitação, arrastado, como Mazeppa, por um cavallo em pello, se enfarpellava de selvagem, — ou se desenfarpellava, como quizerem — para proveito dos progressistas, victimas da Maria da Fonte!

Menos para admirar é a evolução no outro «toureiro» memorado e sobrevivente. Bullhão Pato principiou por *passar de capa* — os *bichos*, antes de passar á *vara larga* — os homens. Veiu do animal de duas pontas até ao animal de dois pés. Principiou pela farpa e acabou pela satyra. Os touros mugiam de dôr, mas os criticados teem rugido de raiva!

Se ampliarmos esta revista, do fim do anno, a outras occorrencias que então preoccupavam a attenção, teremos de memorar, em primeiro logar, o apparecimento do gaz, — revolucionando o aspecto da cidade, á noite. Estabeleceu-se lentamente, pausadamente. Veiu até a esquina do Chiado, do lado do Rocio e até o Pote das Almas, do lado do Terreiro do Paço. Allí parou, por muito tempo — por mais convites e lôas que em sua honra entoassem poetas, litteratos e jornalistas! O *Marrare* foi o primeiro café a reformar-se e alindar-se para receber a brilhante visita. S. Carlos foi o primeiro a illuminar, e o seu lustre grandioso, com vélas fingidas, sempre á mesma altura, sempre ardendo e nunca pre-

cisando o córte da tradicional espeviteira, produziu, por annos seguidos, a admiração incondicional dos provincianos, que se arrojavam a vir até esta Babylonia de perdição, sujeitando-se ás seducções, mascaradas aqui, pelo diabo, em appetitosas sensualidades! Não se imagine que esta phrase traduz qualquer exaggero a respeito das tentações offeridas pela cidade aos que de outras terras do reino a visitavam. Na rua Nova do Carmo encontrava-se uma das provas irrecusaveis do poder malefico de Lucifer — resolvido a tirar a prova dos nove na somma das castas virtudes dos que alli se arrojavam, movidos pela curiosidade. Era nem mais nem menos do que a exposição d'um tigre-marinho, o qual tigre era uma phoca, — como gravemente foi demonstrado por alguns naturalistas, em artigos solemnes, nos jornaes. A questão, porém, não era do peixe era do *peixão* que o mostrava. Na mulher do tigre é que estava toda a peçonha de Satanaz! Não havia duas opiniões divergentes: todos os olhos, como olhos de gorazes, fugiam do monstro para a fêmea. Um peralta, sem se importar com a sorte do peixe, quiz roubar-lhe a que era legitimo orgulho do amphibio em viagem! O rapto tentado foi um acontecimento — que deu quasi tanto brado como outro, succedido por esses dias e que na escala do crime, em Portugal, tem um dos primeiros logares.

Perto de Santa Engracia appareceu, encostado ao recolhimento do Desagravo, o tronco d'um corpo de mulher. As coxas e as pernas cortadas pelas virilhas e pelos joelhos e os braços cortados pelos hombros e pelos cotovéllos, foram encontrados, quasi á mesma hora, por uma patrulha, na travessa das Monicas, á Graça. Em nenhum dos sitios havia vestigios de sangue. O corpo fôra trespassado por 17 punhaladas! Os medicos declararam que a mulher teria 40 annos de idade.

Ao regedor de Santa Engracia tinha-se

queixado, dias antes, uma mulher, de ter sido roubada pela filha, e pediu-lhe, allegando a sua miseria, para a mandar, com essa recommendação, para o hospital. O regedor, para aparar o caso do furto, — que era d'um cordão de ouro, — mandou vir a accusada e quiz depois envial-a para o Limoeiro. A mulher oppoz-se, e alcançou licença para, no dia seguinte, vir receber a auctorisação de entrada na enfermaria. Foi a filha quem em vez d'ella appareceu. Declarou que a mãe prescindia da entrada, com a nota de pobreza. Ora succedeu que o regedor, quando estava junto do tronco tão horivelmente mutilado, — e de que lhe tinham ido noticiar o apparecimento, — avistou de repente, entre as pessoas que accudindo commentavam o pavoroso caso, a rapariga de quem recebera queixa. Por uma inspiração feliz, prendeu-a immediatamente. Interrogada na administração do bairro, onde lhe perguntaram pela mãe, explicou «que ella sahira de manhã e ainda não voltára». Déram busca á casa. Na cosinha, debaixo d'uns tijollos, encontrou-se . . . a cabeça da mãe da rapariga!

Chamava-se a criminosa Maria José, tinha 20 annos e era debruadeira de sapatos. A mãe chamava-se Maria do Rosario da Luz. A casa era a que tinha o n.º 17 na travessa das Freiras. O cynismo na confissão correspondeu á ferocidade no delicto. Matára-a por ella se oppôr aos seus amores com o José Maria! — Recusou sempre dizer quem era o *José Maria*. Em mez e meio foi o processo apparelhado e entrou em julgamento. A sentença condemnou-a «a morte natural para sempre na forca, que se levantaria no Campo de Santa Clara, devendo a ré caminhar para aquelle patibulo, pela travessa das Monicas, travessa das Freiras e por junto das obras de Santa Engracia».

Foi este «o grande e horriavel crime» d'este anno tão movimentado!

BARBOSA COLLEN.

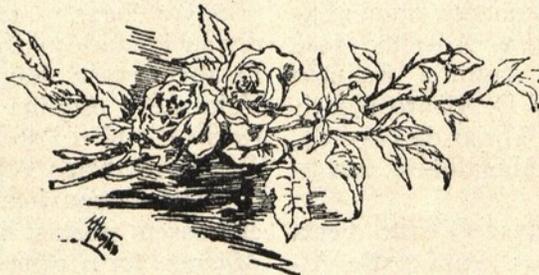




Photo. de)

LAGOS — VISTA GERAL

(Dr. Ponce

PORTUGAL DO SUL

ASPECTOS DA CIDADE DE LAGOS

SE a segunda cidade do Algarve não pôde exhibir fóros de mais formosa entre todas, pôde apresentar, sem que lh'o contestem, fóros de cidade que tem nos fastos da nossa epopéa ultramarina um papel historico dos mais brilhantes.

Na vastissima bahia de Lagos estiveram ha pouco cêrca de sessenta navios de guerra inglezes. Os severos habitantes do Reino-Unido certamente veriam com olhos cheios de curiosidade o espectáculo d'um dos mais amplos ancoradouros do mundo, descortinariam o panorama attrahente de um sol quasi tropical batendo inclemente nas folhas seivosas dos figueiraes alinhados com uma geometria cuidadosa e a paisagem de um céu africano, que á noite permite distinguir milhares de estrellas quasi imperceptiveis no nosso firmamento de Lisboa.

Talvez que não só os marinheiros mas os proprios officiaes superiores d'essa esquadra formidavel, a que a nossa fez as honras da casa, ignorassem, mesmo superficialmente, a historia d'essas aguas em que os seus navios se balouçaram muitos dias. Foi d'alli que os primeiros maritimos algarvios, criados e adherentes da casa do Infante D. Henrique, par-

tiram para as primeiras tentativas de circum-navegação pela costa africana. Alli mais a uns passos da costa, tinha o Infante a sua *escola* ou o que quer que fosse, ninho onde se geraram e medraram as suas emprezas que tanto assombrariam o mundo, accrescentando um novo capitulo á historia da civilização universal, com a deslocação da civilização do Mediterraneo para o vastissimo Atlantico. Foi alli que se esboçaram e tomaram incremento as primeiras *companhias de navegação* cujos associados partiram a explorar commercialmente a Africa descoberta e a que se ia descobrindo. Foi alli, n'aquella praia de areias finissimas que o Infante, a cavallo, assistiu ao desembarque e depois á partilha dos negros capturados pelos compartes d'esses *syndicatos* de navegação commercial. N'essa bahia refrescou a esquadra portugueza que, sob a ferrea vontade e suggestão do duro D. Henrique foi tomar Ceuta; as aguas d'esse ancoradouro ouviram os sons plangentes das 30:000 guitarras que as tropas, arrebanhadas doidamente para a louca empreza de Alcacercibir, levavam na sua bagagem para celebrarem a victoria que certamente Deus lhes não negaria. . .

Deixando de parte a questão, talvez pueril, de apreciar a decadencia do Algarve por as suas transacções ouvindo o *sutaque* da falla algarvia, para elles inteiramente desconhecido, as suas expansões favorecidas pelo *grãosinho na aza* — tudo isso constituiu uma nota festiva para a cidade que passa por ser feia, no que ha evidentemente exaggero.

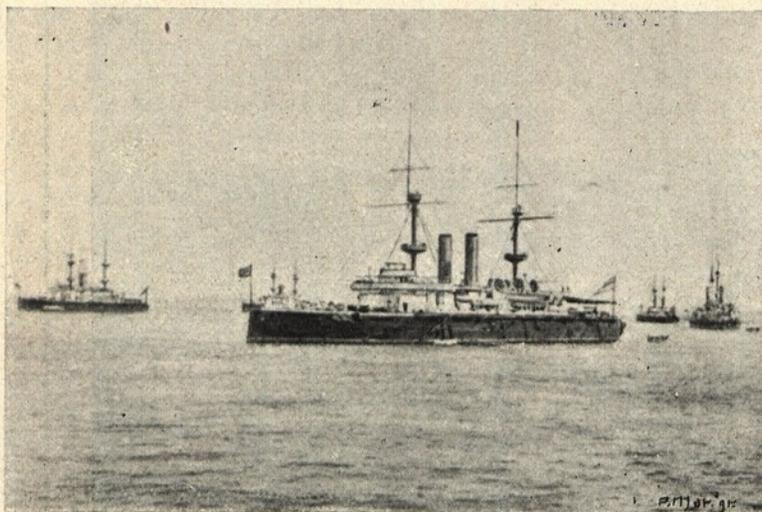


Photo. de)

(Dr. Ponce

BAHIA DE LAGOS — GRUPO DE COURAÇADOS INGLEZES

effeito da expulsão dos mouros, certo é que essa provincia risonha, muito bem aproveitadinha no ponto de vista agricola, de uma exiguidade territorial só compensada pela fertilidade do seu solo, dá fraquissimo contingente á emigração portugueza, o que equivale a dizer que o Algarve se dá por feliz com as suas modestas colheitas e industrias que na sua quasi totalidade são a consequencia dos seus principaes productos — o figo, a uva, a amendoa. E como os inglezes os apreciaram durante os dias em que estiveram em Lagos! Elles mesmos fizeram o preço ao figo, á uva, e aos outros fructos, deixando alli uma boa somma de contos de réis.

Os inglezes constituiram o caso sensacional n'essa pacata cidade, alvorotando-a, fornecendo-lhe a cada passo distracções e o pittoresco dos seus navios, enviando á noite as projecções dos holophotes para todas as cumieiras e sinuosidades da terra. Nem faltou o *pittoresco funebre* — o enterro de um marinheiro, morto por accidente de manobra a bordo. A população naturalmente se enlevou no espectáculo dos uniformes, da compostura e *aplomb* d'essa gente debaixo de fórma. E a missa aos domingos para os catholicos, e os grupos dos que iam ás compras fazendo

dizer que o Algarve é uma cousa muito differente do Alemtejo, o Alemtejo uma região muito differente da Extremadura, a Extremadura um torrão distincto da Beira, a Beira uma cousa inconfundivel com o Minho. A natureza até hoje tem procedido coherentemente comsigo mesma, importando-se pouco ou nada com os caprichos e conveniencias do criterio politico seguido pela sciencia administrativa.

Porque Alfama é feia não se segue d'ahi que Lisboa seja feia. Estar na Praça da Cons-

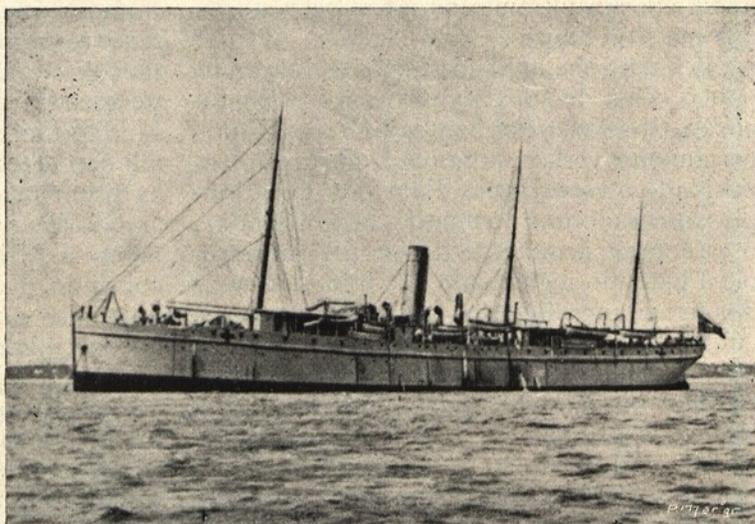


Photo. de)

(Dr. Ponce

O «MAINE», NAVIO HOSPITAL

tituição, em Lagos, n'um dia quente de agosto, olhar a bahia que alli proximo se es-

preguiça n'uma indolência a que o clima quasi africano solicita os temperamentos algarvios, é ter a visão d'essas paisagens exóticas lá para o Equador, paisagens que nos lançam, contra o nosso querer, n'um mundo de sonho, n'esse vago semi-consciente do proprio ser, que é a grande poesia da vida. Bem compreenderá o Algarve quem fôr um pouco poeta, quem tenha visto o céu dos tropicos onde a luz da manhã desdobra um scenario maravilhoso que nos deslumbra pelas mutações imprevistas de côres e de linhas phantasticas.

Uma das bellezas de Lagos, como de quasi todo o Algarve, consiste no recorte capricoso, phantastico, cheio de imprevisto das suas furnas. Lisboa orgulha-se de ter alli em Cascaes a decantada *furna do inferno*, uma furna que



Photo. de

(Dr. Ponce

CORTEJO MILITAR FUNEBRE D'UM MARINHEIRO DA ESQUADRA INGLEZA

são fugaz [de pittoresco, de imponente em dias de vendaval sueste, quando as ondas irrompem impetuosas e espadanantes pelos reconcavos d'esse antro que é apenas um

episodio raro na costa do norte. Ora no Algarve, quasi toda a sua costa representa uma serie ininterrupta de episodios, muito mais grandiosos que a lendaria furna de Cascaes. Já as rochas, no exterior, apresentam uma variedade de planos, de carreiros por onde só os ousados conseguem passar sem vertigens, de anfractuosidades que amesquinham a mais perspicaz visão do ro-



Photo. de)

(Dr. Ponce

OUTRO ASPECTO DO PRESTITO NA RUA DIREITA

não tem nada de extraordinario, uma furna pacata e que só nos proporciona uma impres-

mancista ou do pintor; lá dentro, então, é o mysterio, o encantamento, o capricho da

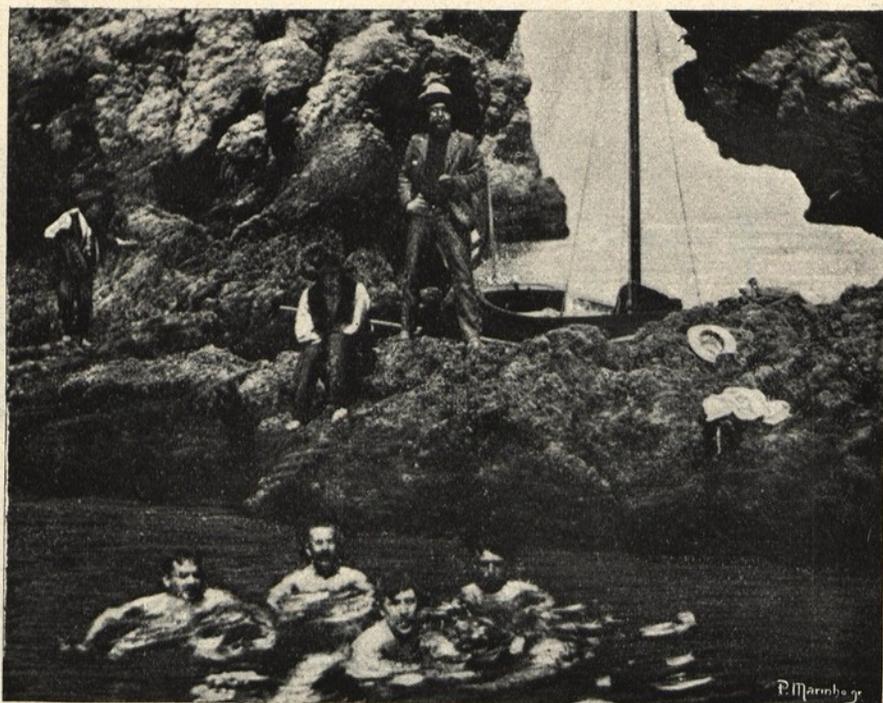


Photo. de)

(Sr. Cruz e Silva

LAGOS — ROCHAS DA PIEDADE — FURNA «SALA»

natureza na sua pujança das convulsões que trouxeram ao globo as variadas fórmulas que admiramos na serra de Cintra, na da Estrella, ou nos reconcavos da Escocia, e de certas regiões da Allemanha. Em muitos pontos da rocha algarvia, entra-se embarcado e penetra-se em verdadeiras naves cathedricas; a gruta impõe-nos um respeito quasi religioso; a sobriedade da luz inclina-nos ao que quer que seja de sentimento religioso, chegando nós a imaginar que nos encontramos n'um d'esses templos das grandes religiões exóticas; ás vezes imaginamos que a luz se está coando por vitraes cujos exemplares a industria moderna mal consegue imitar: e vêmos uma especie de escada que, vencida ella, nos põe em contacto com a campina, recebendo em

photos, uma vez que el-rei passou no seu barco por entre as linhas dos navios, formavam uma abobada de luz, de um effeito curioso, phantastico até. O navio de guerra da actualidade é sobrio de linhas, é exces-

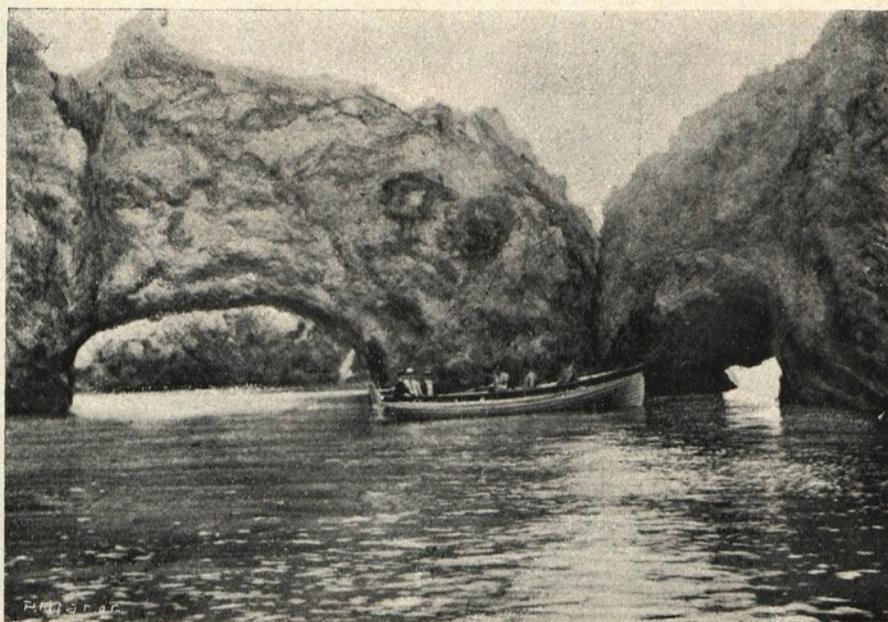


Photo de)

(Sr. Cruz e Silva

LAGOS — ROCHAS DA PIEDADE — FURNA «COSINHA»

sivamente rectilíneo, sem a airosidade das naus dos seculos XVI e XVII, com os seus

cheio a luz crúa, intensa de um sol quasi mouresco. A furna alli adiante apresenta novos aspectos, novos imprevistos; a que se lhe segue obedece a outros caprichos da natureza, e assim toda a rocha algarvia. O espectáculo, para quem tenha imaginação e saiba lêr nos mysterios da geologia sem prejuizo da sua phantasia, não pôde ser mais bello, mais suggestivo, mais profundamente emocionante!

Foi imponente o aspecto dos navios inglezes nas aguas de Lagos, mórmente á noite. As projecções dos holo-

castellos de prôa e pôpa, ondulando ao sabor da vaga; mas compensa essa quasi ausência do arabesco, da curva ornamental, até certo ponto, a illuminação pela luz eléctrica, o jogo dos projectores e a impo-nencia arrogante d'essas poderosas machinas de guerra que em horas podem decidir



Photo. de)

LAGOS — FORTE DA BANDEIRA E PEDRA DA BARRA

(Dr. Ponce



PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO — HOSPITAL MILITAR

dos destinos de uma nação, como na recente lucta entre a Hespanha e a Republica norte-americana.

Lagos, em cujos habitantes ha ainda o sangue d'esses marinheiros que tanto auxiliaram as empresas do Infante e tanto concorreram para as audaciosas expedições que nos abriram as portas do luminoso Oriente, vê com desgosto que a sua bahia não é servida por um desembarque facil, isento de perigos. O sonhado *paredão* ou porto artificial, tão vivamente solicitado aos governos continúa sendo um mytho. E' uma injustiça praticada com uma terra que foi incontestavelmente um elemento preponderante nas nossas portentosas navegações, graças á imaginação acutissima do algarvio cujo sangue, em parte punico, lhes communica o espirito da aventura, a ancia do desconhecido, o arrojo para passar por cima do perigo, quanto mais este se apresente com aspecto torvo. Nas marinheiros que ousaram dobrar o *Cabo das Tormentas* iam algarvios: é de crer que olhando de frente esse terrefico *Adamastor*,

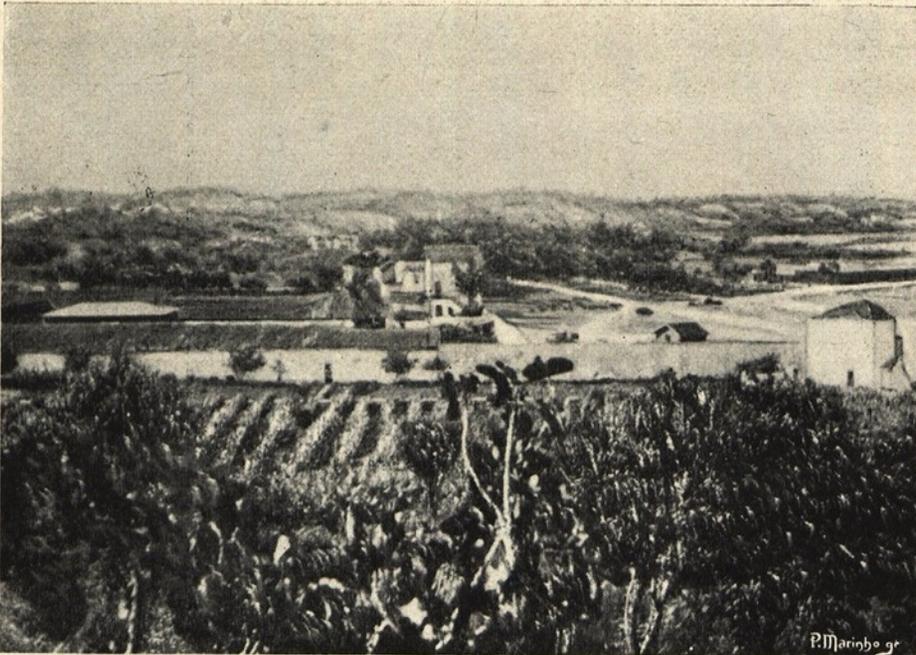


Photo. de

PAISAGEM NOS ARREDORES DE LAGOS

(Dr. Ponce

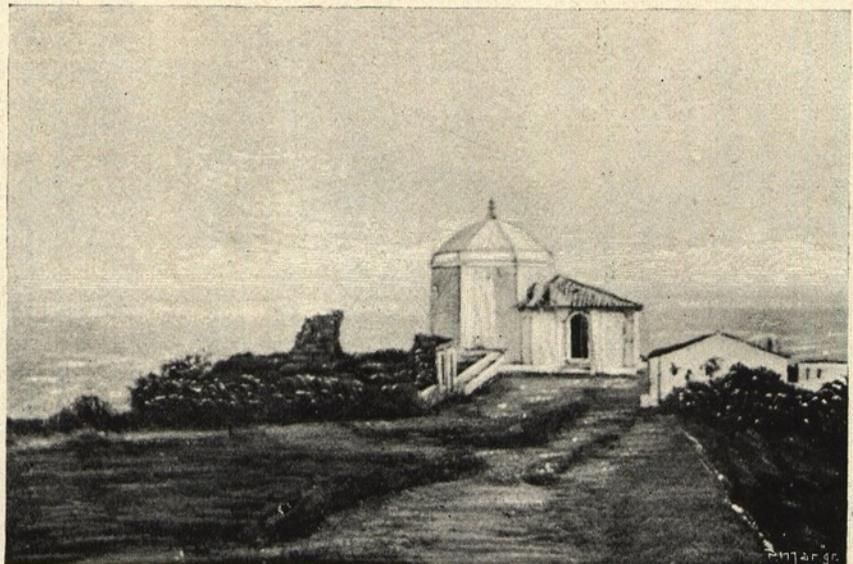
mais não seja para admirar o grandioso e opulento panorama da serra de Monchique. O lisboeta conhece agora, mercê do caminho de ferro, a pittoresca Cintra, cujos encantos não cessa de exaltar; mas desconhece quasi por exemplo a serra d'Arrabida, a dois passos da sua porta, um deslumbramento para os nossos olhos ávidos de paisagens idyllicas; acaso haverá visto o Bom Jesus do Monte, outra

de Rhodes extranhissimo colosso, de cabellos crespos e dentes amarellos que fallou aos portuguezes com voz horrenda e grossa, se rissem do monstro, teimando com o leme para que os levassem cedo á — *terra de riqueza sabundante*.

Lagos, séde de um regimento d'infanteria, — o n.º 15 — e que em breve ficará ligado por um ramal de via ferrea a S. Bartholomeu de Messines, crescerá de importancia commercial, sobretudo se se levar a effeito o melhoramento da sua bahia, ha tanto tempo reclamado pelos lacobrigenses. O Algarve, provincia pobre mas invejavelmente remediada, deverá ter, n'um futuro não muito distante, as commodidades necessarias para attrahir os viajantes, pois é certo que essa provincia é infelizmente a menos conhecida e estudada

relativamente ao resto do paiz. E no entanto vale bem a pena de visital-a, quando

paisagem tão gabada de estrangeiros ou terá gosado a sensação do immenso da Cruz Alta no Bussaco, prodigio da mais extranha flora; mas raro será o que tenha visitado Monchique, o mais admiravel consorcio da paisagem quasi tropical, de aspecto magestosamente arrogante com a paisagem simplesmente bucoli-



Phot. de)

A ERMIDA DA SENHORA DA PIEDADE

(Sr. Cruz

ca, leve, risonha, despretençiosa, convidando á reedição de idyllios a Daphenis e Chloe.



A TORRE DE LONDRES

O facto historico, cuja narraçãõ segue, minuciosamente contado e estudado nos seus pormenores, como se tem usado n'esta serie de mysterios aqui publicados, em busca d'uma explicaçãõ plausivel que desvende o enyigma, tem vivamente interessado os investigadores pacientes que procuram encadear n'um desenvolvimento logico e justificado os motivos d'um crime que não pode ser attribuido apenas á crueldade. Aqui interfire o acaso, cujas leis incomprehendidas a mathematica somente tem tentado definir, para desnudar o crime; mas para lhe determinar o mobil tem de se recorrer á analyse psychologica e ao estudo comparado das paixões que na presente época prende sobremaneira a curiosidade dos espiritos.

No anno de 1613 succedeu dentro dos muros da Torre de Londres, celebre e historica prisãõ, um d'estes acontecimentos obscuros e extraordinarios que os historiadores debalde teem tentado deslindar.

N'aquella occasiãõ o tenente governador da Torre era Gervasio Helwysse, pessoa muito digna e religiosa, cuja conducta discreta lhe merecera o nome do douto sr. Gervasio. Sentando-se elle um dia á mesa para jantar, observou que, d'entre os criados, um carcereiro ha pouco ao seu serviço, chamado Weston, fazia disfarçadas e furtivas diligencias para lhe alcançar a vista e a attençãõ.

Curioso de saber o que queria aquelle homem, o tenente mandou-o approximar sob um pretexto qualquer e Weston então curvado sobre seu amo, e abaixando a voz, dirigiu-lhe esta pergunta singular:

— Fal o-hei agora? e ao mesmo tempo os seus olhos percorriam d'um modo significativo as travessas que estavam sobre a mesa.

— Fazer o quê? perguntou Gervasio verdadeiramente intrigado.

A attitude de Weston tornou-se cada vez mais inexplicavel. Em vez de responder, recuou muito atrapalhado, relanceando seu amo com modo surprehendido.

Não foi dado sem alguma rasãõ justificada o nome de douto ao sr. Gervasio, por isso interrompendo qualquer inquiriçãõ intempestiva n'aquelle momento, contentou-se em dizer serenamente:

— Não, ainda não.

Ao mesmo tempo deitou ao carcereiro um

severo olhar de admõestação, e este sahiu da sala.

Resolvido a profundar o mysterio, Helwysse apressou-se em acabar de jantar, e logo que finalisou, dirigiu-se para o seu quarto particular e mandou chamar Weston. N'aquelle tempo a situaçãõ d'um tenente de prisãõ era, amiudadas vezes, bem perigosa. Havia duas especies de prisões; as destinadas ao publico e as reservadas a personagens poderosos e presos por motivos particulares. Os prisioneiros da primeira classe davam muito pouco trabalho: simplesmente bastava vigiar que não fugissem; mas os da segunda classe eram fonte de maiores anciedades, e nem sempre era a fuga o principal perigo de que tinha de se precaver.

Fazendo Weston aquella pergunta, demonstrára estar convencido de que o governador estava informado de algum secreto designio. Aproveitando-se o sr. Gervasio prudentemente d'este mal entendido, diligenciou e conseguiu descobrir por confissãõ do criado, que a tentativa d'este designio era nada mais nada menos do que eliminar um prisioneiro que estava então e desde alguns mezes sob a sua guarda. O prisioneiro chamava-se Thomas Overbury.

Mal o sr. Helwysse se apoderou d'esta delaçãõ, deixou cahir a mascara e ameaçou Weston com a Camara Estrellada (antigo tribunal de Inglaterra), e com a applicaçãõ da tortura se não desvendasse immediatamente toda a conspiraçãõ. Aterrorisado pela situaçãõ em que se achava o rufião cahiu aos seus pés e offereceu fazer-lhe inteira confissãõ.

A sua narrativa foi breve, mas sobresaltada.

Algum tempo antes de ter entrado para a Torre, tinha sido sondado por uma mulher chamada Turner, uma das d'aquella perigosa classe que prosperavam então, e ainda hoje existem, na preparação de philtros e das mais perniciosas drogas, mulheres de virtude, cujos proventos maiores não resultavam tanto, talvez, da venda d'estas mercadorias, como da posse dos mil vergonhosos segredos, confiados a ellas no decorrer do seu negocio. Esta mulher, que evidentemente conhecia o seu homem, incitou Weston a emprehender o assassinio de sir Thomas Overbury, e a entrar como carcereiro na Torre, procurando ella conseguir-lhe esta collocação com o fim de o metter dentro dos muros da prisão.

O assassinio teria de ser feito por meio de tortas e gelêas envenenadas que a bruxa havia de preparar, sendo levadas para a Torre por um criado chamado Symonds e depois postas na mesa do prisioneiro por Weston. Afim de o animar a desempenhar-se da perigosa tarefa, Turner fel-o persuadir de que o tenente governador sabia do segredo, mas ao mesmo tempo prevenira Weston que só com ella se poderia referir abertamente a esta infame trama.

Tal foi o resumo da confissão do carcereiro.



O rufião cahiu-lhe aos pés...

No momento decisivo falhára-lhe a coragem, e de tal modo que estava esperando um signal de sir Gervasio para executar o acto. Além da mulher Turner e seus agentes, elle affirmava

não conhecer o verdadeiro mandante do crime nem o motivo.

O governador Helwysse escutou com horror a espantosa revelação, mal podendo conter a indignação de o terem designado como cúmplice em tal projecto. O seu primeiro impulso foi de mandar entregar o assassino á Camara Estrellada com que o havia ameaçado. Infelizmente porém, como succede quasi sempre, prevaleceram outras deliberações mais cautas. Helwysse sabia mais do que o que Weston lhe havia contado. Atraz do carcereiro e da feiticeira Turner, elle descobria ja tenuemente o vulto de outras personagens mais poderosas que receava affrontar. Contentou-se portanto em solemnemente exhortar o homem a abandonar aquelle proposito, apontando-lhe as consequencias n'este e n'outro mundo, imprimindo-lhe bem no espirito o perigo em que se encontrava quem possuísse um segredo que tão fundamente affectava tantas personagens nobres.

Finalmente Weston não só jurou abandonar o projecto do crime, mas agradeceu gratamente a seu amo tel-o salvo de o commetter. O digno e douto tenente, satisfeito com o arrependimento do guarda, perdoou-lhe, ordenando-lhe ao mesmo tempo que todos os pratos mandados a Thomas Overbury pela Turner fossem trazidos directamente para o seu quarto.

Desde esse momento sir Gervasio Helwysse guardou uma estricta vigilancia sobre o seu prisioneiro. Dias após dias os pratos levados á Torre por Symonds eram submettidos á sua analyse que consistia em os dar a comer a gatos e cães. Em alguns casos os animaes morriam instantaneamente, n'outros soffriam muito tempo, mas o fim era o mesmo. Depois de ter feito estas horriveis experiencias, Helwysse eliminava secretamente os corpos dos animaes e os restos das comidas envenenadas.

Quem era que urdia tão diabolicos planos em volta de sir Thomas Overbury, e por que crime fôra elle levado preso para a Torre? A resposta a estas duas perguntas serve á primeira vista só para agravar o mysterio. Overbury era o amigo intimo e confidente de Roberto Carr, visconde de Rochester, e conde de Somerset, a quem uma monstruosa parcialidade de Jayme I tinha elevado da condição de um homem desconhecido á de primeiro personagem do reino. O crime commettido por Overbury fôra bem simples: recusára ir como embaixador para Moscov.

Na verdade, pela lei de Inglaterra, ninguem podia ser obrigado a aceitar uma embaixada, mas Overbury tinha-a aceite, quando lhe foi offerecida esta commissão, e depois recusou-a, sem allegar motivo justificavel. O conselho

privado considerou aquelle acto como desobediencia a sua majestade, e internou o insolente cavalleiro na Torre durante todo o tempo que aprouvesse ao rei detel-o lá.

Tal era a causa conhecida do encarceramento, ao qual o preso parecia não dar alto valor. Tinha recebido muitas mensagens e visitas do conde de Somerset, com o poderoso auxilio do qual elle contava para a sua libertação. Foi justamente depois de uma d'estas visitas que sir Gervasio Helwysse entrou na cella um dia a vê-lo para satisfazer o desejo secreto que tinha de se informar da saúde do seu prisioneiro.

Overbury recebeu-o na mais bella disposição.

— Não terá de cuidar de mim por muito mais tempo, sr. tenente. Lord Somerset esteve ha pouco aqui comigo, e deu-me esperanças muito animadoras.

Helwysse olhou attento para o inconsciente e confiado homem.

— Não deponha as suas esperanças em principes, sr. Overbury, observou tristemente. As promessas d'elles são sempre fallazes.

O primeiro sorriu-se com arrogante desdem.

— Ha razões que desconhece, meu caro tenente, pelas quaes me atrevo a esperar a protecção do conde. Sou muito intimo d'elle para me ser falso. *Pela minha vida não creio que o seja!* Demais a mais, deixou-me agora mesmo para ir receber uma ordem pela qual sahirei immediatamente d'aqui.

Helwysse pensou nos cães e nos gatos que ha pouco tinha visto expirar e estremeceu.

Outro caso sobreveio; foi a nomeação de um novo carcereiro para dentro da Torre. Chamava-se Franklin e em breve parecia viver em relações de muita intimidade com Weston. Sir Gervasio notou no recém-vindo e viu-o por algum tempo com certo desasocego. Estas nomeações não eram feitas por elle, mas pelo conde de Northampton, governador da Torre, e o tenente não tinha poder de os demittir sem consentimento superior. Mesmo que Helwysse se atrevesse a impôr uma decidida interferencia, era já então muito tarde. Supprimindo a confissão de Weston, tinha incorrido em parte na culpabilidade. Estava sentenciado a vêr a scena como impotente espectador da tragedia.

Approximou-se breve o fim. N'uma manhã cedo, trouxeram ao tenente a noticia de que sir Thomas Overbury tinha sido repentinamente

accommettido de doença mortal. Tendo dado ordem para que se chamasse sem demora um medico, Helwysse saltou da cama e apressou-se a ir ao quarto do prisioneiro. Encontrou á porta Franklin e Weston que sahiam



Entrou precipitadamente para ver a victima...

com as physionomias pallidas e assustadas. Passou por elles precipitadamente, para ir vêr a infeliz victima estendida no leito e já morta.

O tenente ficou afflicto de vêr o resultado da sua policia timorata. O seu primeiro expediente foi escrever a lord Northampton, participando-lhe a morte e pedindo-lhe instrucções. A resposta que trouxe o portador foi a mais contraditoria possivel. A principio o conde autorisava o tenente a entregar o corpo aos amigos de Overbury, e mencionava o desejo de Somerset de que seu amigo fosse enterrado decentemente. Depois n'um *postscriptum* suggeria duvidas sobre a legalidade d'esta cerimonia, e lembrou que melhor seria um enterro apressado e particular.

Emquanto o tenente estava embaraçado no proceder com esta carta ambigua, recebeu outra que dizia assim :

«Digno senhor tenente.

Peço-lhe que chame Lidcote, e alguns dos seus ajudantes, se estes tambem forem precisos, para examinar o corpo, se acaso ainda o não tiver feito: e logo que tenha sido examinado, sem esperar a vinda d'um mensageiro da côrte, veja-o enterrar em todo o caso, *imediatamente*, na capella, dentro da Torre.

Se já o tiverem examinado, então enterre-o sem demora porque houve tempo já de attender ás disposições d'aquella gente que só procura meios de mover piedade e de levantar escandalos. Não se deixe levar por pedidos de ninguem a addiar seja por que motivo fór, e traga-me estas cartas mais tarde quando me encontrar.

Não deixe escapar um jota n'isto, se estima os seus amigos; nem espere um minuto depois do exame de Lidcote, mas tenha o padre prompto; e se Lidcote não estiver ali, mande-o chamar com brevidade, pretextando que o corpo não pôde esperar.

Urgente ás 12

Seu muito affectuoso.»

O conde propositalmente omittiu a assinatura.

Lidcote era evidentemente o encarregado official de indagar as causas das mortes repentinas examinando os cadaveres. Em resposta a esta urgente e aterrorisante missiva o enterro fez-se no seguinte dia no precinto da Torre. E assim finalisou o caso por algum tempo.

Passou-se um anno, quasi dois, e parecia que o culpado tinha escapado á penalidade de seu crime. Mas succede muitas vezes que os acontecimentos que parecem sepultos nas trevas do mysterio veem á luz quando aquelles que estão implicados n'elles contam estarem esquecidos para sempre. Os perpetradores julgam que teem apagado os ultimos vestigios do crime; seguem o seu caminho, abraçando a dôce esperança de que se preveniram contra qualquer possibilidade de detenção; e, como o tempo vae passando, até cessam de se recordar do seu proprio crime. Mas depois, em meio d'aquella segurança e tranquillidade, por qualquer acaso trivial que não puderam prevêr, atravez de qualquer obscuro e insignificante canal desprezado, a cruel verdade irrompe á luz e o seu crime é revelado á historia.

No verão do anno de 1615 um rapaz inglez, atravessando as ruas de Bruxellas, encontrou-se com um grupo de patricios á porta de uma taverna. O rapaz trazia uma mochilla ás costas. Apresentava-se sujo e fatigado, e vinha

mente recebido e entraram todos juntos na taverna.

Bem depressa se informaram de que o caminheiro era aprendiz n'uma drogaria da cidade de Londres, e que fugira d'alli em consequencia dos máus tratos recebidos do patrão. Aconteceu que os homens com quem elle se encontrára eram criados do representante inglez na côrte de Bruxellas e um d'elles apressou-se a dar ao rapaz conselhos de amigo.

—Tenha cuidado que as suas façanhas não vão ter aos ouvidos do sr. Turnbull, porque elle poderá prendel-o e mandal-o de novo para o seu patrão.

—Faço pouco caso d'isso; são fallatorios. Talvez que se eu contasse tudo, o meu patrão desejasse não me vêr mais. Poderia narrar contos extraordinarios, quizesse eu fazel-o, não só do meu patrão, notem bem, mas de alguns trunfos da terra.

Estas mysteriosas insinuações fizeram provocar curiosidade nos ouvintes. Embriagaram o rapaz, e pouco a pouco foram-lhe extraindo uma revelação completa que ingenuamente communicou. Sem darem tempo a reconsiderações arrastaram-o para ca-a do agente diplomatico, e n'essa mesma noite Turnbull expedia uma carta ao secretario d'Estado em Londres, pedindo-lhe licença para ir a Inglaterra e communicar ao rei de viva voz um segredo bastante sério e perigoso para se confiar á escripta.

O secretario d'Estado cujo nome era Wynwood, notou a physionomia de seu real amo emquanto lia a carta na sua presença. Reparou no seu olhar de espanto, seguido de terror e depois de anciosa curiosidade. Finalmente Jayme I levantou a cabeça e encarou o olhar do secretario.

—Ordenae ao sr. Turnbull que venha, disse no seu claro accento escocez, acrescentando em voz baixa: Não podeis dizer nada d'isto a Rabbie!

Wynwood tinha estado bastante tempo ao seu serviço para perceber o secreto intento do rei. Para um cortezão menos experiente, o proceder de sua majestade durante as semanas seguintes ter-lhe-hia parecido bem enigmatico. Elle fechou-se com Turnbull quando o enviado chegou a Londres, e o resultado da conferencia foi a prisão do droguista, de Turner, Weston e Franklin. Simultaneamente Jayme I dispensava, como sempre, a Somerset a mesma amisade, como se inteiramente ignorasse onde deviam com certeza chegar as inquirições sobre o assassinio de Overbury.

N'aquelle meio tempo começaram as averiguações por todos os lados. O tenente da Torre fizera clara confissão da sua parte no



Embriagaram o rapaz...

com os pés dolorosamente magoados, tendo feito a pé longa jornada. Ao ouvir a lingua natal parou, e aproximou-se do grupo. N'um paiz estrangeiro os laços de raça apertam-se com facilidade. O recémchegado foi amavel-

crime. Um antigo criado do assassinado instruiu directamente o chefe da justiça Coke, o famoso auctor do commentario sobre Littleton. Finalmente no dia da sua partida para uma viagem pelo paiz, o rei intimou os juizes da cidade encontrarem-se com elle em Whitehall. A scena foi commovente. Jayme I de pé, no meio dos seus cortezãos, recebeu os juizes e dirigiu-se-lhes sobre o assumpto da investigação. Depois de se ter referido ao crime de envenenamento como sendo um costume italiano, que havia de trazer a desgraça ao reino, continuou expressando-se n'estas palavras sollemnes:

—Portanto, lords, encarrego-vos, e por isso tereis de responder no grande e terrivel dia do julgamento final, que o examineis estrictamente, sem favor, affeição, empenho ou parcialidade, e se poupardes qualquer culpado d'este crime, a maldição de Deus cáia sobre vós e sobre a vossa descendencia: e se eu poupar qualquer que seja convicto de culpado, a maldição de Deus cáia sobre mim e sobre a minha posteridade para todo o sempre!

Uma horrivel imprecação, horrivelmente cumprida. Deve comtudo recordar-se que o homem que pronunciára estas palavras era tambem auctor d'esta outra maxima:—«Aquelle que não souber dissimular não saberá reinar». Logo depois de ter despedido os juizes o rei seguiu para a sua casa em Royston, levando comsigo na propria carruagem Somerset, como se não se podesse separar d'elle por uma hora. Quando o deixou á noite para voltar para Londres, Jayme I deitou-lhe os braços á roda do pescoço, exclamando:

—Por Deus, quando vos verei outra vez! Por minha fé, não comerei nem dormirei sem que volvaes!

—Na segunda feira, senhor, disse-lhe o conde, comtanto que os meus negocios estejam então terminados.

—Que farei eu? que farei? — repetiu o rei com outro abraço.

Somerset libertou-se e desceu a escada, mas Jayme seguiu-o, insistindo em o abraçar ainda outra vez e outra. Afinal o favorito conseguiu escapar-se a tanta ternura e entrou na carruagem. Tão depressa as rodas começaram a fazer ruido sobre o cascalho, o rei voltou as costas e a expressão da sua physionomia mudou subitamente, ouvindo-se-lhe murmurar estas palavras:

—Agora que o demonio vá comtigo! porque eu não mais verei a tua cara!

E assim foi. N'aquella mesma noite o conde e a condessa de Somerset foram presos por ordem do lord da suprema justiça, e encerrados na Torre, accusados de assassinato na pessoa de sir Thomas Overbury.

A condessa foi a primeira levada a julgamento. O motivo allegado contra ella foi o seguinte.

Lady Frances Howard, como se chamava primitivamente, era filha de lord de Suffolk e da mesma familia do conde de Northampton cujas cartas dirigidas a sir Gervasio Helwysse, tenente da Torre, mostravam não ser estranho ao caso Overbury. Casada ainda muito nova com o moço conde de Essex, ella diligenciou annular aquelle casamento, com o apoio e a approvação da familia, para aceitar a mão do todo-poderoso favorito. Mas levantara-se um obstaculo no caminho, e esse obstaculo era Overbury, conselheiro do favorito.

Oppondo-se Overbury ao casamento d'elle com esta má creatura, tinha sem duvida dado um bom conselho. Mas o homem que se oppõe ao casamento d'um amigo está pouco mais ou menos nas condições d'um que emprehen- de uma rebeldia. Se falha na sua tentativa fica perdido.

Overbury não fôra bastante esperto para prever o resultado. Falhou na opposição ao casamento, e desde esse instante perdeu toda a sua influencia para com Somerset.

Overbury continuou a fazer o caso peor ainda. Em vez de tomar a defeza serenamente, perdeu a paciencia e começou de abusar, repetindo publicamente todos os escandalos a respeito d'ella que elle tinha previamente apontado em particular, como argumentos contra o casamento. Desde esse momento, estava previsto que a condessa se resolveria a vêr-se livre d'elle.

Depois veiu o negocio da embaixada da Russia. Logo que Overbury aceitou esta nomeação, começou de perceber que era uma especie de honroso exilio que lhe fôra indigitado para o afastar de Somerset. Um homem verdadeiramente prudente teria preferido partir a ficar e continuar n'uma lucta sem esperança. Mas Overbury mais uma vez não sopeou o seu genio despótico e quiz levar a melhor. Recusou abandonar a sua influencia sobre Somerset, e resignou o cargo de embaixador, como foi visto.

Estava escripto o seu destino. Sobre os subsequentes processos não havia mysterios nem defeza possivel. A condessa tinha pedido o auxilio da Turner, que arranjou o resto com os malvados de condição inferior. No julgamento só se conseguiu provar que lady Somerset tinha usado de bruxaria para com o seu inimigo. Engendraram-se na côrte uns bonecos de cera, e foi chamado um astrologo para jurar que a condessa o tinha consultado sobre o assumpto. Mas tudo isto formava parte vulgar dos julgamentos d'aquelle tempo, em que a bruxaria, o envenenamento e a astrologia

eram igualmente classificados como artes diabólicas. O unico facto inegavelmente admitido foi que Overbury tinha sido morto por instigação da condessa de Somerset.

No seguimento d'estes processos veio á luz



Abafaram-o com os lençoes da cama.

um horrível pormenor. Quando a condessa reconheceu que os seus venenos não faziam effeito, — devido á interferencia de sir Gervasio Helwysse — mandou chamar Weston, reprehendeu-o de a ter enganado, e tendo obtido d'elle uma nova promessa de levar a obra ao fim, indigitou Franklin a juntar-se a elle. D'esta vez Weston teve o cuidado de esconder do tenente os seus planos. Os dois malvados conseguiram ministrær o sufficiente veneno produzindo na victima horriveis convulsões; porém quando esperavam a todo instante que fosse o ultimo, com horror viram que elle principiava a dar signaes de vida. N'essa perigosa situação recorreram ao expediente desesperado de o suffocar com os lençoes da cama. Tal foi o modo como finalmente morreu Overbury.

Pelo tempo em que se fez esta revelação, Turner e outro cumplice já tinham sido executados, por uma accusação da qual talvez não fossem inteiramente culpados. Mas o crime da condessa ficou certamente o mesmo. Ella foi condemnada á morte.

Quatro pessoas foram executadas, incluindo o infeliz tenente da Torre, que foi julgado culpado de não ter denunciado, como devia, a conspiração. A quinta, que era a condessa, ficou debaixo de sentença esperando a execução. Chegava a vez de ser julgado o sexto e ultimo,

o conde. O paiz inteiro agitara-se profundamente com estas assombrosas revelações, e aguardava anciosamente ver no banco dos réus o homem que por tanto tempo figurara como o querido da côrte e o primeiro ministro do estado.

Durante todo este tempo o rei Jayme não dera a menor manifestação do seu sentir. Quaes eram porém os seus verdadeiros sentimentos com respeito ao réu? A scena da partida em Royston fôra sem duvida simples representação. Por aquella mesma época ou antes mesmo da chegada do despacho sensacional, expedido de Bruxellas, tinha apparecido no horisonte um novo favorito na pessoa de Jorge Villiers, depois duque de Buchingham. A rivalidade entre os dois tinha sido azeda e homens, como o secretario Wynwood, eram bastante astutos para antever qual seria o fim provavel.

E' n'este ponto que começa o extraordinario e significativo paralelo entre os casos de Somerset e da victima de Somerset, Overbury. Como Overbury, Somerset viu-se em risco de ser supplantado na estima d'aquelle a quem elle devia toda a consideração de que usufruia. Como Overbury, em lugar de prudentemente se vergar ao inevitavel, resistiu e lutou contra elle. Jayme I tinha-lhe solicitado que tomasse Villiers sob a sua protecção: elle respondeu com a ameaça de torcer o pescoço a Villiers. Estes factos foram o verdadeiro guia para o procedimento do rei, victimando, na prisão os assassinos de Overbury. Quiz vê-se livre de Somerset, como Somerset e sua mulher se tinham querido vê livres de Overbury. Por que tão cautelosamente encobriu de Somerset o seu procedimento e fingiu até o ultimo momento uma affeição que elle não sentia na realidade? Seria dissimulação por simples dissimulação: ou haveria atraz d'isto um mais fundo motivo? Ver-se-ha depois.

Agora repete-se o confronto com a parallela conducta de Somerset nas suas visitas a Overbury na Torre e nas suas promessas hypocritas de próxima libertação.

Uma tarde chegaram á Torre noticias de que estava fixado para o dia seguinte o julgamento do conde de Somerset. O tenente que substituiu Helwysse, cujo nome era sir Jorge Moore, seguira logo para o quarto do prisioneiro afim de o avisar.

Achou o conde muito exasperado contra a prisão, e evidentemente desprevenido para semelhante mensagem.

— O que é que me diz, senhor tenente? Tenho de supportar um julgamento? Isso é que nunca farei, e assim o poderá dizer-lhes da minha parte.

— Mas, senhor, não ha outro remedio, res-

pondeu Moore delicadamente. — A camara dos lords assim decidiu e eu tenho de o conduzir á presença d'elles ámanhã de manhã.

— Então levar-me-ha na minha cama, retorquiu furiosamente o prisioneiro, porque nunca irei lá pelos meus pés. Nem acredito que sua majestade permita o meu processo criminal.

— N'esse ponto receio que se engane, senhor conde, respondeu o tenente pensando que o favorito cahido estivesse alimentando-se de falsas esperanças. — Sua majestade não mostrou nenhuma disposição em interferir a seu favor na acção da justiça.

Somerset vociferou e praguejou desabridamente.

— Não esteja tão seguro, senhor Moore. Digo-lhe que o rei prometeu-me que nunca seria levado a julgamento, e além d'isso affirmo-lhe que *elle não se atreverá a levar-me a um julgamento.*

Sir Jorge Moore tremia de ouvir esta linguagem provocante. Sentia rastejar por alguma cousa mais escura e mais perigosa de que o que já viéra á luz. Meio perturbado entre o receio de fazer pouco de mais ou de fazer muito de mais, tomou a resolução de se dirigir directamente ao rei e repetir-lhe o que o prisioneiro acabara de dizer.

Até este ponto o parrallelo entre Overbury e Somerset é completo. Exactamente a mesma linguagem que Overbury empregara para Helwysse a respeito de Somerset, pela sua vez Somerset usava-a com Moore a respeito do rei. Vêr-se-ha se a ameaça deu resultados tão inúteis n'um caso como no outro.

A côrte estava então em Greenwich. O tenente tomou um bote no caes em escadas da Torre; ordenou aos barqueiros que empregassem a maior velocidade. Remaram rapidamente, rio abaixo, occultos pela noite, passando pelas embarcações silenciosas, até o celebre palacio de Elisabeth. Logo que o bote abordou á escada do cáes real, saltou em terra, seguiu apressadamente de roda para a porta de entrada nas trazeiras do palacio e começou de bater fortemente.

Um criado escocez chamado Loveston, levantou-se e veio á porta esfregando os olhos do somno.

— Sou o tenente da Torre e vim aqui para fallar a sua majestade em negocio urgente — annunciou o visitante.

— Sua majestade está recolhido — objectou o criado, ainda mal acordado, empregando a palavra escoceza para dizer dormir.

— Pois é preciso acordal-o, foi a resposta de intimação decisiva.

O criado, espantado, conduziu acima a visita. Jayme levantou-se, assegurou-se de que

ninguem podia escutar e fechou a porta do quarto. E então Moore, em phrase humilde, preocupado e receioso, contou-lhe o que se passara.

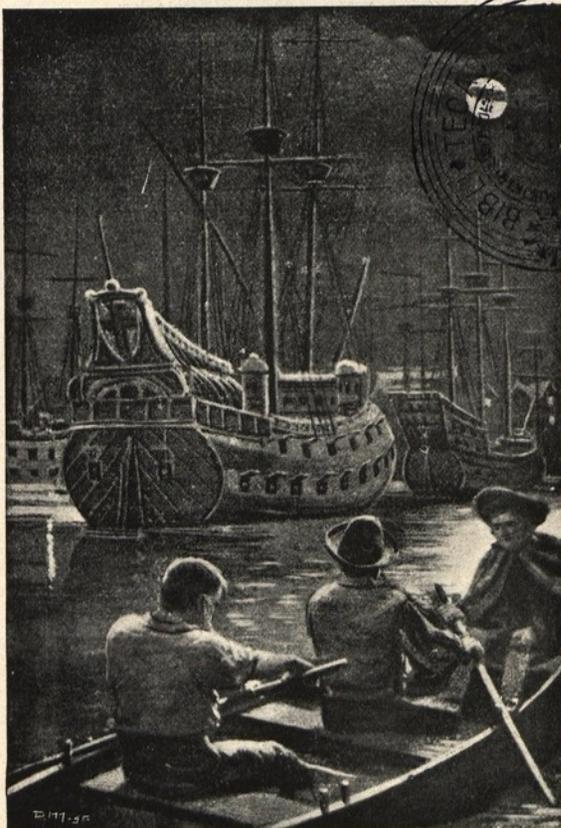
Com pesar e terror viu nos olhos do rei lagrimas a correr em fio.

— Por minha vida, Moore, não sei o que hei de fazer, rompeu a final em tom lastimoso — Tu és um homem intelligente, ajuda-me n'esta grande collisão, e has de vêr que fazes teu amo agradecido.

Moore ouviu com espanto estas phrases. Não se atreveu porém a perguntar a causa de tão abjecto medo, a qual talvez adivinhasse. Acalmou o amo o melhor que pondeu, e prometeu executar fielmente as suas ordens para o servir e retirou-se, voltando para a Torre pelas tres horas da manhã. Aquella noite de trabalho valeu depois a sir Jorge Moore mil e quinhentas libras, o que hoje equivaleria talvez a quinze mil.

Ao entrar na Torre, Moore foi direito ao quarto de Somerset e disse-lhe d'onde vinha:

— Encontrei sua majestade o mais benevelo para com sua excellencia; completa e inteira



Deslisaram rio abaixo...

a sua velha amizade, e resolvido a evitar que lhe succeda mal. Para satisfazer a justiça é preciso comparecer perante o tribunal mas nada será resolvido contra vós; sómente po-

dereis assim vêr quem são os vossos inimigos e conhecer-lhes a astucia, comquanto não possam ter poder contra vós.

O prisioneiro ouviu alegremente estas afirmações, que echoaram nas suas proprias es-



Ancioso esperava junto da janella d'onde via o rio...

peranças risonhas de ser restituído pelo perdão á liberdade. Consentiu em ir a Westminster Hall; e o tenente deixou-o apparentemente satisfeito de espirito.

Para a occasião do julgamento Moore tomou uma outra precaução especial. Quando Somerset se sentou no tribunal, para onde fôra seguido por dois guardas da Torre, cada um com o manto no braço, estes sentaram-se tambem d'um e d'outro lado do prisioneiro, não o perdendo de vista e de attenção um só momento. Estes dois homens tinham recebido secretas instrucções do tenente para que, se Somerset fizesse a mais ligeira allusão ao rei, lhe deitassem immediatamente as capas sobre elle e o tirassem do tribunal.

Quando Somerset reconheceu que tinha sido enganado e que hia realmente ser julgado ficou evidentemente inquieto; mas, ou porque tivesse adivinhado a intenção dos guardas com as capas, ou porque concluisse que nada ganharia em atacar o rei, nada tentou n'aquelle sentido, e o julgamento seguiu até o fim sem incidente.

O processo contra elle era menos consistente do que o da condessa, não podendo provar-se que tivesse tomado parte qualquer na execução do crime. Julgado segundo as regras dos processos modernos teria provavelmente

ficado absolvido por falta de provas. Mas n'aquelle tempo os tribunaes não eram tão melindrosos e o conde de Somerset foi julgado culpado pelo veredicto de seus pares.

Emquanto isto succedia em Westminster, Jayme i passava o dia na maior anciedade em Greenwich. Desde a madrugada collocara se junto d'uma janella que dominava toda a vista do rio e quando via approximar-se do palacio qualquer bote, logo mandava saber noticias do julgamento, praguejando furiosamente, se lhe falhava a informação desejada. Foi só depois do anoitecer que um mensageiro especial, mandado por Moore, lhe levou as boas noticias de que o julgamento havia acabado sem a minima referencia a elle, e de que Somerset fôra condemnado sem perigo.

Somerset foi condemnado, mas nem n'elle nem na condessa assentenças foram executadas. Depois de alguns annos de prisão foram soltos por ordem do rei. Este conferiu ao seu antigo favorito a enorme pensão annual para aquella época de 5.000 libras, e trocou com elle constante e affectuosa correspondencia até a sua propria morte.

A condessa de Somerset morreu pouco tempo depois da sua libertação, mas o conde viu ainda muitos annos e tomou ainda parte nas desordens politicas do reinado seguinte, movido sem duvida pelo odio ao seu antigo rival Buckingham. Mas a mancha do seu passado enodoava-o todo e os *leaders* do Parlamento desprezaram a acção e o auxilio d'um lord que fôra réu.

Para a historia publica d'este extraordinario acontecimento é tudo quanto ha. Nada mais foi nunca possivel enunciar. A theoria de que tão altos personagens conspiraram juntos para assassinar um insignificante cavalleiro, meramente porque se oppozera ao casamento de dois d'elles, e porque divulgára casos diffamatorios sobre uma grande dama, foi aceita pelos tribunaes que assentaram julgamento do caso e passada para a historia popular dos livros. Em si propria parece improvavel. Examinando no conjuncto a sobresaltada linguagem pronunciada primeiro pela infeliz victima e depois por Somerset, e ainda mais o espantoso procedimento do rei Jayme, similhante theoria é totalmente absurda.

Qual será pois o segredo, o horrivel segredo cujo conhecimento pode arremessar com tanta affouteza prisioneiros para os carceres da Torre, e cujo medo de divulgação fez tremer um poderoso soberano e verter lagrimas como o mais fraco dos homens? Debaixo d'esta tragedia de sir Thomas Overbury é positivo andar occulta outra bem maior, e de caracter a fazer tremer o proprio throno.

No anno de 1612, justamente doze meze

antes do assassinio na Torre, morreu alli Henrique, principe de Galles, filho mais velho de Jayme I, e o mais esperançoso de todos os principes da casa Stuart. Foi classificada de febre maligna a sua doença; fez-se a autopsia do corpo e o relatório dos medicos, o qual foi conservado como reservado, provou para satisfação dos que crêem na incorruptibilidade dos medicos da côrte, que o principe morrera de morte natural.

Aquelles que teem conversado até mesmo com um official de justiça de aldêa nos seus momentos de confidencia, melhor poderão saber o que é a natureza humana, e como são peores ainda os documentos officiaes. Era conhecido quanto o principe Henrique desprezava seu pae e detestava o seu favorito Carr, em quem elle uma vez publicamente bateu com a raqueta do tennis. Elle era, além d'isso, rival de Carr em amores, estando secretamente ligado com a condessa de Essex, que só casou com Carr, depois da morte do principe. O rei Jayme pelo seu lado odiava e temia seu filho, cujas qualidades superiores o distinguiam e avantajavam.

N'uma occasião, em Newmarket Heath, o perverso Jayme chorou de raiva ao vêr os grandes da côrte abandonal-o para seguir seu filho. Estes factos congraçam-se extranhamente com o boato, que se tornou predominante no tempo da prematura morte de Henrique, de que elle fôra envenenado, boato não confirmado para o publico, mas sustentado então pelos embaixadores e secretarios de estado nos seus despachos confidenciaes.

Admittindo esta hypothese, torna-se bem claro o seguimento da inteira historia. Não se pôde, sem inutil insinuação, deduzir que o rei, de espirito fraco, fosse parte activa no assassinio de seu filho. A sua culpa, como foi depois a de sir Gervasio Helwysse, consistiu em ter fechado os olhos ao crime que elle sabia estava para ser perpetrado. Demasiadamente cobarde para elle proprio planear um assassinio, foi tambem demasiadamente cobarde para conter o atrevido e ainda mais vingativo Carr. Por este perdão que o tornava cúmplice collocou-se debaixo do poder do seu favorito.

A expressão que empregára Somerset na noite anterior ao seu julgamento denuncia em extremo a cumplicidade de Jayme. A promessa com que contava Somerset, uma promessa de que nunca havia de ser levado a um julgamento, não era uma simples garantia dada em relação á morte de Overbury; era evidentemente uma segurança a que se houvera obrigado o rei, com respeito a um acontecimento muito mais sério e a qual não ousaria quebrar.

Dois ordens de motivos pôdem explicar o

proceder de Carr contra o principe. Henrique não era sómente o amante de sua futura mulher, era tambem o successor da corôa. Emquanto elle vivesse, a fortuna do favorito estaria arriscada. Teria podido talvez persuadir o estonteado rei, poderia elle proprio estar convencido, de que o principe conspirava para se apoderar do throno na vida do pae. Na verdade uma tentativa sem esperança de exito; comtudo as opiniões dos contemporaneos mais bem informados estabelecem esta hypothese. A ella alludiu muito discreta, porém claramente, o procurador geral Bacon no seu discurso no julgamento de Somerset.

Sir Eduardo Coke, um habil advogado mas um grosseiro cortezão, durante as primeiras phases d'estes processos, pronunciou no tribunal de justiça estas palavras: «Deus sabe o que foi feito d'aquella dôce creança, o principe Henrique! Eu sei alguma cousa». Annos depois, quando já tinha esquecido a morte de Overbury, o rei Carlos I convictamente declarou na presença de uma testemunha, a qual repetiu a declaração ao bispo Burnet, que seu irmão Henrique fôra envenenado pelo visconde de Rochester, depois conde de Somerset.

Mas Carr não commetteu sem duvida o crime sem ajudas. Não o podia commetter tão cautelosamente a ponto de escapar aos olhos dos seus intimos amigos e mais proximos conselheiros. Ora, o que apenas suspeitavam os outros cortezões devia *sabel-o* sir Thomas Overbury. D'aqui as mysteriosas ameaças proferidas a Helwysse, d'aqui a presumpçosa arrogancia com que elle rejeitou a embaixada da Russia; e tão resolutamente arrostou com a inimidade da mulher de Somerset.

E' finalmente para esta mulher que converge a attenta investigação d'este mysterioso caso. E' ella, e não o marido, quem apparece como agente activo na tragedia. O favorito, seguro da protecção de seu amo, podia ter desprezado a maliciosa opposição do seu antigo confidente. Todavia a morte de Overbury, repare-se bem, foi no processo obra de Francis Howart.

E' difficil suppôr que o tribunal que a julgou e o publico que a condemnou por este terrivel crime podessem ter ingenuamente acreditado que elle fosse suggerido por singular desavença ou vingança de se ter opposto Overbury ao seu casamento e de ter usado de algumas expressões injuriosas contra o character d'ella. O motivo pareceria insufficiente para o tempo e era-o claramente assim no caso de Somerset. Se a sua intervenção no crime foi proveniente do receio em que estava das revelações que Overbury poderia fazer, este mesmo receio poderia tambem ter-se communicado de Somerset para sua mulher. Não obstante tudo

quanto procure explicar ter ella tomado parte na conspiração, não explica o ter tomado a *principal*.

Porque é que a condessa de Somerset, em vez de se apresentar como cúmplice do marido, mantém-se firme no processo, quasi como a *única* autora do assassinio?

A condessa de Somerset era uma mulher perversa; era, talvez, a mais depravada mulher do seu tempo. Mas ainda mesmo no coração da peor mulher ha alguma coisa de bom, pelo menos na ternura pelo homem que ama. O principe morto amára Frances Howard; é licito suppôr que ella lhe tivesse igualmente algum affecto. Se assim foi, a subsequente união com Carr — uma união na qual havia, pelo menos, tanto de ambição como de amor

— não podia ter apagado completamente a imagem do novo e formoso principe que, durante longos tempos, conquistára o seu coração.

Quem sabe se esta mulher, dentro da sua propria malvadez, foi movida de verdadeiro sentimento de vingar o cruel destino do moço que ella amára? Quem sabe se, com a logica de mulher, tivesse passado a culpa da morte d'elle dos hombros do marido para os do mais velho e mais experimentado conselheiro d'este e que era, além de tudo, seu atroz inimigo? Quem sabe se assim foi levada a exercer aquella vingança que, pelas suas muito proximas consequencias, annunciou a longa tragedia da queda dos Stuarts do throno de Inglaterra?



TARDE DE INVERNO

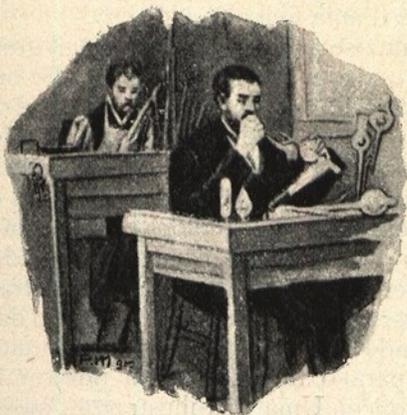


QUADRO DE L. E. ADAN

LAMPADAS DE INCANDESCENCIA

A DESCOBERTA da lampada electrica incandescente marcou um notavel progresso na evoluçãõ ininterrupta da sciencia applicada. E' reputada uma das mais importantes invenções do seculo XIX.

Poucos conhecem as multiplices operações



Soprando tubos de Röntgen.

que exige o seu fabrico, e como é delicada e cuidadosamente conduzida a manufactura d'uma lampada. E' com effeito interessante e instructiva a visita a qualquer officina onde as lampadas sejam construidas nas suas numerosas e distinctas variedades.

Não seria pequena a lista onde se enumerassem as diferentes applicações que tem recebido este processo de illuminaçãõ, tornado não só geral, mas necessario e indispensavel em muitos e diversos casos. O seu principal uso é, por certo, o da illuminaçãõ publica; porém em muitos outros servições de natureza puramente commercial é empregado. Quasi todas as artes e sciencias teem recebido o beneficio d'este especial meio de illuminar, e com o seu auxilio a cirurgia encontrou recursos novos de investigaçãõ e de acçãõ que sem elle não poderia alcançar em prol da humanidade.

Sabe-se que as correntes electricas, passando atravez de qualquer conductor, lhe elevam a temperatura. Se se fizer passar uma corrente por um fio de ferro, por exemplo, a temperatura do metal augmenta — e augmenta tanto mais quanto maior fôr a intensidade da corrente que passa atravez do ferro, de sorte que se mais e mais corrente fôr mandada pelo fio, este ficará vermelho, incandes-

cente, attingirá o rubro, passará ao branco vivo e finalmente fundir-se-ha.

Pela mesma fórma se póde conseguir igual incandescencia, usando d'uma delicada varinha ou d'um filamento de carbone, obtido pela carbonisaçãõ cuidadosa e ao abrigo do ar d'um fio de cellulose. Quando uma corrente sufficientemente intensa passa atravez do fio de carbone para o fazer tomar a cõr vermelha e depois branca, muita luz se perde produzida pela incandescencia das particulas de carbone. O carvão ardente desaparece depressa, gasta-se, porque o carbone n'aquella alta temperatura combina-se rapidamente com o oxigeneo do ar, como quando se queima nas grelhas d'uma fornalha.

Pelos annos de 1840 occorreu pela vez primeira ao dr. Moleyns a feliz idea de fazer a experiencia de collocar um fio de platina incandescente dentro d'uma capsula de vidro fechada e á qual se tivesse cuidadosamente extrahido o ar. Outros inventores aperfeiçoaram a idea do dr. Moleyns, substituindo pelo carbone e depois pelo fio pergaminhado a platina, de preço elevado; até que finalmente as investigações simultaneas de Edison e de Swan deram em resultado a lampada incandescente que hoje vemos geralmente usadas.

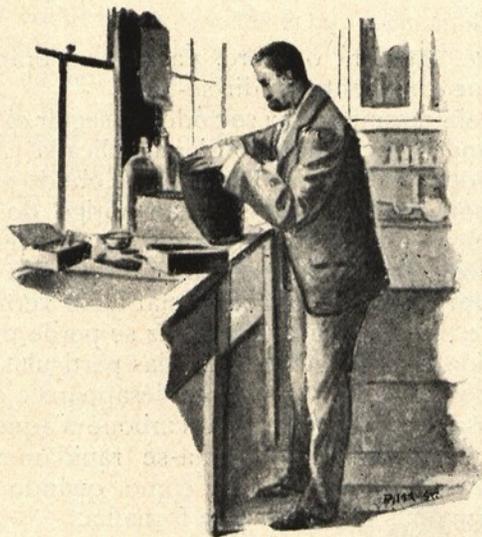
Passando agora á rapida descripçãõ dos



Fazendo ampolas de vidro para lampadas ordinarias

processos de fabrico, notemos que em muitos d'elles se empregam raparigas.

A phase mais interessante do fabrico das lampadas é talvez o soprar dos globos de vidro. Uma grande parte d'este trabalho é feito por operarios allemães que são em geral muito habéis em soprar o vidro, operação que não



Tirando os filamentos do cadinho apoz carbonisação

póde ser feita apressadamente, porque deixando-o aquecer ou esfriar demais póde rachar e estragar-se. Emprega-se de preferencia uma qualidade especial de vidro chamado crystal, cujo coefferiente de dilatação se harmonisa com o da platina e da qual depende muito o exito da manufactura. Um desenho das illustrações que acompanham este artigo apresenta um homem fazendo o tubo de raios Roentgen, que requer ainda mais delicadeza e habilidade do que a lampada ordinaria. Em outra illustração um soprador de globos, que está fazendo lampadas incandescentes ordinarias, arranjou algumas ampolas n'uma mesinha, mostrando o tubo de vidro nas extremidades do qual os operarios podem segurar enquanto applicam o outro tubo de soprar.

As formas das ampolas tornaram-se variadissimas, consoante as condições impostas pelo seu destino especial ou a phantasia dos clientes. Alem do modelo normal, ordinario, em forma de pera, ha-as tambem esfericas ou cylindricas, lisas ou lavradas em saliencias prismaticas, no genero das pinhas, ou onduladas para conseguir chammas torsas. O proprio crystal empregado é muitas vezes colorido em tons que vão desde o azul claro ou marinho até o amarello topasio, passando pelo côr de rosa pallido ou pelo verde d'opala, obtendo-se assim colorações que attenuam o brilhante excessivo da luz, suavizando-o nos seus effeitos sobre a vista.

Depois do globo de vidro, segue-se nova

phase de fabrico das lampadas, que é a de preparar a porção de filamento d'onde irradiará a luz, o que exige muita delicadeza no trabalho, sendo o filamento mui sugeito a estragar-se durante a sua producção.

Tem a similhaça d'um pedaço de arame arqueado; porém, como se disse, é na realidade uma fôrma muito fragil de carbone, moldada e feita de fios de algodão, ou de lã pergaminhada e preparada chimicamente, ou de cellulose, conforme as materias primas preferidas e diversas, segundo os fabricantes. Esta ultima, agora a mais empregada, é reduzida a uma pasta glutinosa que se força a passar atravez d'uma feira de vidro.

Produce-se assim um fio de igual grossura, a que o alcool dá consistencia. O fio ou o filamento é então submettido a banhos chimicos, e depois lavado e enrolado n'um cylindro para seccar. Em seguida é cortado em pedaços dos comprimentos exigidos e collocado em volta de moldes, que se mettem dentro d'um cadinho, o qual é aquecido gradualmente. O filamento endurece, contrahe-se e conserva permanentemente o feitio das fôrmas onde foi enrolado. E' preciso muito cuidado para o tirar da fôrma por ser muito quebradiço. Uma das illustrações mostra os filamentos, apoz terem sido cuidadosamente carbonisados, mas como são similiaes a cabellos é difficil poderem vêr-se distinctamente. Precisam ser guardados n'um logar muito secco ou em caixas de ar comprimido,



Soldando os filamentos em pontas de platina.

aliás ficariam rapidamente estragados, porque poderiam absorver humidade, o que affectaria as operações subsequentes.

D'estas segue-se logo a do *engaste*; quer di-

zer, o filamento tem de ser unido a fios de platina que o sustentem e conduzam a corrente electrica atravez do vidro da ampola. As juntas são feitas de platina, porque é o unico metal que póde ser perfeitamente selado ao vidro, e que ao mesmo tempo póde supportar sem se fundir elevadas temperaturas, emquanto se estão fixando dentro da ampola de vidro. Os fios de platina depois de terem sido primeiramente ligados a um pequeno pedaço de vidro apropriado, para os manter em posição, são depois unidos ao filamento e immersos em benzina, fazendo-se passar atravez d'aquella, que faz a junção, uma corrente electrica, levando-os ao rubro e depositando-se o carbone da benzina, formando assim uma soldadura.

As raparigas que se encarregam d'este trabalho teem de ser excessivamente cuidadosas e teem de lhe dedicar toda a attenção, porque da falta de cuidado, emquanto passa a corrente electrica, póde resultar ignição da benzina.

Depois de ter sido examinado o filamento, é levado para uma outra officina para lhe avaliar a resistencia electrica. Chama-se a este processo *relampago*, por meio do qual se deposita carbone no filamento até se obter a resistencia desejada. Isto faz-se collocando o filamento n'um cabo, que é depois adaptado ao receptor de uma machina pneumática. Extrae-se o ar do receptor e enche-se depois vapores d'um hydro-carboneto. Em seguida passa-se atravez do filamento uma cor-



Procedendo á calibragem

rente electrica que o leva a forte incandescencia e deposita-se n'elle o carbone que provém da decomposição. Chama-se tambem esta operação *calibragem* ou *alimentação*,

a qual, como se vê, se destina a obter a uniformidade e a regular espessura do filamento.

Este deposito de carbone sobre o filamento varia em quantidade conforme a força da corrente que tem de conduzir: se fôr destinado



Inserindo os filamentos compostos dentro do globo

a luz de muita corrente precisa-se de um deposito muito mais grosso do que um que tenha pequena corrente.

Os instrumentos chamados *amperemetros* são usados para determinar a quantidade total de energia electrica que se lhe deve fornecer.

Applicando-se para as lampadas maior energia do que a que ellas precisam, escurece o globo e estraga-se o filamento, comquanto a luz á primeira vista pareça muito brilhante.

Depois da operação do *relampago* vem a de sellar ou inserir o filamento na ampola de vidro. Ha raparigas que fazem este trabalho com muita dextreza. Uma das extremidades da ampola que é deixada de proposito para agora servir de cabo, é aquecida primeiramente na chamma do maçarico e tirada para fóra, fazendo-se-lhe uma abertura para se metter o filamento. As lampadas são depois collocadas em estante com uma tampa, de maneira que o filamento possa esfriar gradual e lentamente porque tornarse-hia quebradiço se fosse arrefecido muito depressa.

N'esta altura do fabrico, as lampadas apresentam-se sobre a fórmula d'uma ampola de vidro, fechada com uma tampa tambem de vidro, atravessada pelas pontas de fio de platina, os quaes se prolongam exteriormente por extremidades de cobre, como tambem muitas vezes interiormente se terminam em nickel, com o fim de reduzir ao minimo o emprego da platina, da qual um kilo custa duzentos e setenta mil réis.

Assim preparada a lampada, tem de ser esgotada do ar. E' hermeticamente fechada n'um receptaculo de vidro ao qual está ligado uma bomba de mercurio que aspira o ar,



Aferindo as lampadas

Emquanto se procede ao esgotamento, vê-se para cima e para baixo no tubo de mercurio bambaleando-se umas bolinhas d'ar, e em quanto estas não desaparecem não está completo o esgotamento, isto é, conseguido o vacuo. A corrente electrica não poderia até então passar, aliás queimar-se-hia o filamento em lugar de simplesmente o fazer incandescente.

Depois de se ter procedido a outras experiencias afim de verificar se ha qualquer defeito nos filamentos, nas juncturas, nos globos, etc., são levadas ao gabinete photometrico, onde são classificadas pelo seu poder de luz, e onde se certifica se as lampadas teem o mesmo brilhantismo e na mesma proporção. Todas são experimentadas e a sua voltagem e poder de luz são marcados no globo de vidro.

Passam finalmente para uma officina de montagem e de acabamento onde são adaptadas a diferentes cabos. Este trabalho é confiado ás aprendizas que usam aventaes para se resguardar do gêsso, com o qual ellas fixam a gola da lampada aos cabos ou supports de cobre.

A luz da lampada electrica é a mais bene-

fica e higienica de que se possa fazer uso, com excepção, já se vê, da luz do sol; porque de modo algum vicia a pureza do ar e assim póde gosar-se do duplo beneficio de uma boa luz e de uma atmosphera pura. Tem ainda outra vantagem: em casa onde se use a luz electrica tudo se conserva mais brilhante e mais fresco do que n'aquellas onde não ha esta illuminação; a prata não se deslustra nem escurece promptamente, e nem os tecidos desmerecem tão depressa, como tambem se gosa da grande vantagem de poder conservar por muito mais tempo nos quartos flôres e plantas do que com qualquer outra luz. Sob o ponto de vista da segurança decerto que ha muito menos risco do que com qualquer outra especie de illuminação.

A duração das lampadas electricas de incandescencia não excede mil a mil e duzentas horas; prefere-se mesmo deixal-as viver metade d'este tempo, attendendo á diminuição de preço do custo que os aperfeiçoamentos no fabrico teem conseguido obter. A intensidade luminosa enfraquece naturalmente com o uso, sobretudo pelo deposito de carvão que vae obscurecendo a limpidez do envolucro de vidro, bem como com o gasto do filamento que adelgado dá menos quantidade de luz, consumindo comtudo a mesma energia electrica. Ganha-se, portanto, mais em substituil-as antes de completo uso, por-



Acabamentos

que a compensação resulta do melhor aproveitamento da corrente. O seu consumo cresce de anno para anno; só em França se consomem annualmente mais de tres milhões de lampadas.



O PREÇO D'UM QUADRO

Nos grandes centros da vida civilisada, todos os annos, se realisam importantes transacções sobre objectos d'arte, como pinturas, livros, estatuas, desenhos, tapeçarias, cuja aquisição não é somente para muitos uma satisfação de vaidade ou de gosto artistico, mas tambem representa uma calculada collocação de capital. São avultadas as sommas que gyram n'este mercado especial; e, como em todos os outros, annos ha em que a cotação das vendas corre animada, bem provida de materias primas, estimulando os concorrentes, e periodos ha tambem em que escasseam os objectos dignos de profiada disputa, apresentando abatida feição e desamparada assistencia os leilões usuaes dos melhores *bric-à-bracs* e das mais afamadas galerias. São numerosas as causas, e de origens diversissimas, que influem n'este variado aspecto do mercado de arte, onde se dá tambem, como em todos, a inevitavel lei das oscilações. Claro está que os acontecimentos da politica, as guerras, as crises financeiras, a fortuna varia das grandes especulações commerciaes, a mortalidade inesperada por causas accidentaes, como peste, revoluções e combates, mil outros accidentes da vida social têm naturalmente uma acção directa sobre a actividade e sobre os resultados do anno artistico. A volubilidade

caprichosa da moda impera igualmente soberana n'este campo, pondo em evidencia um genero para desprezar outro, tomando predilecção por um dado artista em detrimento d'outros, por vezes dignos de melhor e de mais justa sorte. N'um periodo, a pin-



CONDESSA DE DYSART

QUADRO DE HOPPNER — SEGUNDO UMA GRAVURA DE CARLOS TURNER

tura congrega todas as attenções; n'outro são as estatuas que fascinam os colleccionadores; hoje procuram-se mobiliarios; amanhã recolhem-se todas as tapeçarias que apparecem; por vezes, sem explicação plausivel ha objectos que attingem preços fabulosos.

Deu-se este anno um caso d'estes. Um quadro de Hoppner, pintor que a critica ingleza classifica de terceira ordem, foi vendido em 27 de junho, em casa dos srs. Robinson e Fisher, pela enorme somma de 14:050 guineos, o que corresponde aproximadamente a 97 contos de réis.

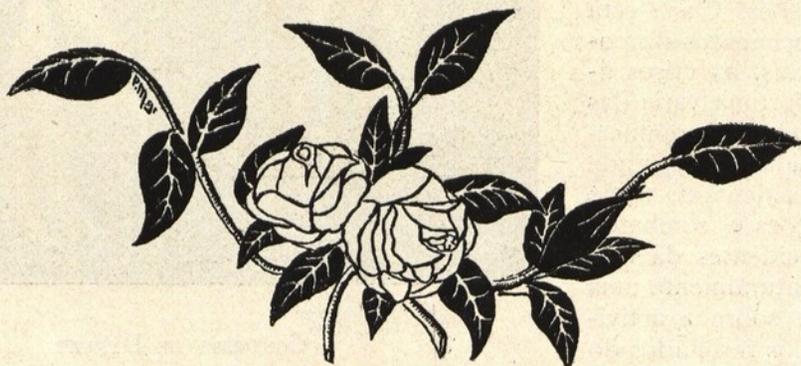
Representa, sobre um fundo de paisagem e em traje de camponesa, Lady Luiza Manners que foi depois a condessa de Dysart. Este retrato, cuja tela mede 51 por 41 pollegadas, foi sempre considerado como um soberbo trabalho do pintor retratista e tornou-se muito conhecido pela vulgarisação que lhe deu a gravura de Turner publicada no principio do seculo findo. Affirma-se que esta consegue apenas dar uma pallida idea da belleza opulenta e triumphante da filha do quarto conde de Dysart. A illustração que acompanha esta pagina é feita sobre reprodução da gravura, portanto bastante enfraquecida, dando, porém, ainda indicação sufficiente do quadro. Cousa curiosa; esta mesma gravura de Turner rarêa tanto que dois dias depois da venda do quadro, um exemplar d'ella foi vendido por duzentas libras.

A condessa de Dysart nasceu em 1745 e viveu até 1840, tendo, portanto, attingido a avançada idade de 95 annos. Do pintor Hoppner é muito mais fallada e apreciada a celebre *Miranda*; e accrescente-se ainda, para se apreciar bem a caprichosa sorte que fez encarecer a venda recente, a duvida que ha sobre se aquelle quadro agora vendido é o original ou uma repetição do que existe na collecção de Lord Dysart em Ham House. Nos registos das vendas d'arte, desde 1827 a 1886, apenas figuram de Hoppner onze trabalhos com preços dignos de ser menciona-

dos, notando-se que d'estes apenas cinco são composições de tres figuras. Todavia, o preço do retrato da formosa condessa attingiu uma somma appetecivel, sendo certo que a intensidade da procura se dirige actualmente de preferencia para retratos; como tambem agora os pintores, que se dedicam com amor a transportar para a tela as bellezas femininas, teem sempre ininterruptas encomendas.

Como um factio interessante da venda annual de Londres, ainda se recorda que o sr. Agnew pagou por 2:150 guinéos, ou sejam cerca de 13 contos, um estudo do celebre pintor Gainsborough, representando Izaak Henrique Sequeira, medico do então principe regente de Portugal, sentado n'uma cadeira de braços, segurando um livro e em vestuario azul da côrte, tela de 50 por 40 pollegadas de dimensão.

Para justificar em numeros, segundo o uso da época, a asserção dos capitaes avultados que annualmente absorvem as vendas d'arte, basta citar a importancia total, colhida em onze leilões, 272.093 libras, ou seja cerca de 1.700 contos, somente no mercado inglez e empregada em quadros, desenhos, pratas, porcelanas e outros variados objectos que constituem a decoração das salas e dos aposentos ricos. Para muitas obras d'arte, principalmente quadros, nota-se que o preço attingido em successivos leilões cresce na razão do juro pelo tempo decorrido entre duas vendas consecutivas; d'aqui dizer-se que a compra d'elles representa por vezes um simples emprego de capital. Infelizmente esta regra não é geral e de quando em quando circunstancias accidentaes produzem depreciações n'estes valores de *parede*, como nas bolsas soffrem os outros valores de *carteira*. A especulação, representada pelos grandes *bric-à-bracs*, espreita estas occasiões, aproveita d'ellas, e realisa assim avultadas fortunas, quando o bom gosto e o conhecimento tecnico se alliam ao arrojo na compra oportuna.



MODAS

ARENDA continúa a ter preferencia nos enfeites e applica-se mesmo nos vestidos mais fortes. Para *toilettes* de noite é a grande moda. As rendas feitas em tamboril, que tanto usaram nossas avós, tem agora grande voga; porém utilisam-se, de todos os generos. Não é de certo a verdadeira renda uma feita com uma especie de gancho de crochet sobre uma rede entesada n'um bastidor; porém não sáe tão cara como se fosse a renda feita d'agulha. Os desenhos trabalhados sobre a rede apresentam lindo aspecto e são effectivamente aproveitados porque são já executados com os moldes das saias, de modo que se ajustam perfectamente onde devem. Uma outra renda muito usada para o mesmo fim é a de Luxeuil: esta tambem não é tão cara como a renda feita d'agulha; é composta na maior parte de trança unida juntamente com pontos de renda e formando applicações com ponto d'agulha tambem: é comtudo um tanto mais cara do que os trabalhos de tamboril, mas não se approxima na excellencia ou no preço de qualquer producto que seja completamente feito á mão. Mesmo o crochet irlandez longe de ser tão custoso como a renda

á mão, é comparativamente dispendioso. Frequentes vezes é vendida como renda impropriamente. A verdadeira renda é o producto da agulha ou de bilro, e comquanto o cabo de crochet seja manejado com muita habilidade pelas rendeiras irlandezas e os seus productos sejam symetricamente contorna-

dos, tão perfectos nas minudencias como se fossem a ponto d'agulha, sempre é, no fim de tudo uma cousa bem differente da verdadeira renda. Os modelos de crochet irlandez são muito bons, sendo copiados do ponto de rosa do velho veneziano ao qual se assimilha. Ha comtudo grande differença para quem saiba vêr e apreciar.

Alem dos vestidos inteiramente compostos de renda, e collocados sobre seda, setim ou cambraia, ha mil maneiras de entremear a renda e bordados. A mistura de rêde branca e de rendas pretas é muito actual. Uma rêde preta, semeada de folhas de renda branca, produz excellente effeito, e n'estas composições se esmeram as grandes fazedoras de



modas. Sendo o vestido preto um tanto vulgar, torna-se elegante quando é abundantemente enfeitado com tiras de renda preta com medallhões de renda branca, salpicado de sequims.

Nos estylos não se nota differença essencial áquella que anteriormente aqui se tem consignado: o estylo imperio, mais ou menos modificado, com maiores ou menores recordações da arte grega ou romana, o estylo Luiz XV modificado, em transformações habilmente pensadas, de sorte a darem agora modelos graciosos que entram mais na categoria de *arte nova* do que na resurreição do velho genero amanciado, são os mais usados. Em todo o caso, para o uso corrente e generalizado, aqui damos modelos que se destinam a fazer conhecer o gosto preferido e que se affasta dos exaggeros de *toilettes* theatraes, onde a moda foi durante annos procurar inspiração ou confirmação; porem onde hoje se fornece menos de ideaes para modelos. Todavia dizem aquelles que tem frequentado este anno os salões luxuosos do alto mundanismo, que em *toilettes* de jantar ou de *soirée*, com o uso e abuso das rendas, se tem notado uma certa

ousadia no desvendar de formas que os mais escrupulosos averbam de exaggero, embora mereçam a intima approvação pelas graciosidades appetitosas que revelam ou pelas opulencias exuberantes que desnudam.

Para abrigar tanta formosura, em aconchegado ninho, sómente se apropriam as bellas capas de pelles macias, dos tons aveludados da lontra da Russia, ou na côr fulva das martas, ou dos argenteos reflexos da raposa da America. Durante a estação tem havido, com o annuncio metereologico de que

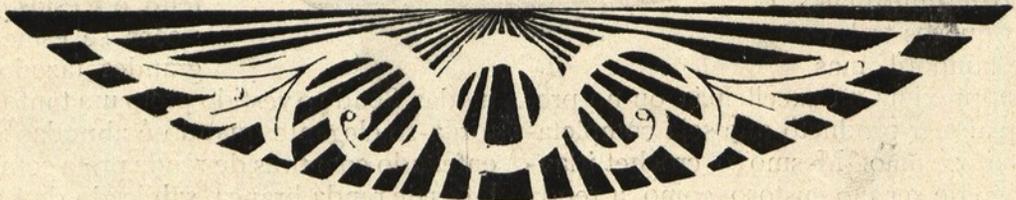
seria rigorosa, uma grande procura de pelles estimadas, alcançando preços fabulosos. Felizmente, a industria das imitações encarrega-se de prover de succedaneos de excellente apparencia aquelles a quem os recursos não

deixariam abrigar-se em agasalhos defensores da intemperie. De sorte que os mais estimulantes contrastes resultam da emergencia d'uma *toilette* vaporosa, idealmente composta de rendas custosas sob tecidos leves e transparentes, de dentro d'uma pesada e fulva *pellica*; como se harmonisam tambem, em extranha symphonia de perfumes, as essencias de violetas e de iris com o acre odor das pelles que lembram as florestas sombrias e frias; como se emolduram na maciesa dos arminhos as aveludadas carnaduras aquecidas na doce temperatura dos fogões de sala.

A nossa illustração apresenta um casaco de uma nova pelle — a de toupeira. O casaco é guarnecido com bandas de *suede* ricamente

bordadas a oiro e cordão cinzento. O chapéo é de velludo com plumas e fivela de brilhantes.

A outra illustração representa um vestido de velludo preto para visitas, enfeitado com uma variedade de renda espessa bordada com froco e posta sobre setim. Este material simples é apropriado para a severidade e simplicidade de estylo adoptado. O cinto e o laço de setim, tendo no centro uma fivela de brilhantes, auxilia e completa o effeito. O chapéo é feito com os mesmos materiaes, e rematado com uma pluma d'ave do Paraiso.



METEOROLOGIA

Observatorio do Infante D. Luiz

Setembro e Outubro	Barometro		TEMPERATURA						Chuva		Ozone	
	Nivel do mar		às 9 h. da manhã		maxima		minima		Millimetros		Graus	
	1900	1901	1900	1901	1900	1901	1900	1901	1900	1901	1900	1901
1	764,8	762,2	22,8	19,5	27,2	25,7	18,4	15,3	0,0	0,0	4,5	0,2
2	764,0	760,8	19,6	20,2	27,7	22,7	17,6	17,7	0,0	—	7,0	6,3
3	760,1	762,4	26,0	19,7	32,4	22,8	21,0	18,3	0,0	1,3	3,7	7,5
4	760,3	764,3	24,4	20,3	27,4	21,8	20,8	17,2	0,0	—	3,0	5,5
5	764,3	761,5	21,6	20,2	22,8	21,0	17,1	18,1	0,0	0,0	6,8	8,2
6	765,6	759,7	19,6	18,7	26,4	20,6	17,1	15,7	0,0	39,0	6,0	7,5
7	765,0	761,5	21,5	18,8	23,4	20,9	19,0	17,4	0,1	0,0	6,0	5,5
8	765,8	761,7	20,6	26,6	24,7	23,0	18,1	17,3	0,0	0,0	7,0	5,3
9	764,4	764,4	20,6	20,4	24,3	22,1	18,0	18,1	0,0	0,0	8,2	7,2
10	764,5	765,8	21,5	19,3	28,4	22,3	17,6	16,7	0,0	0,0	5,8	7,8
11	764,4	765,0	23,4	19,2	25,4	22,2	18,6	16,6	0,0	0,0	5,5	6,7
12	764,3	764,7	21,4	19,7	24,4	23,6	18,5	16,6	0,0	0,0	5,7	5,5
13	763,3	762,3	20,7	21,4	23,7	24,8	18,7	16,9	0,0	0,0	4,3	9,0
14	762,8	762,8	21,0	18,9	—	21,9	—	16,0	0,0	0,0	7,0	6,3
15	762,5	762,8	19,3	18,1	25,0	21,1	18,4	14,6	0,0	0,0	7,8	5,0
16	764,3	762,5	21,0	19,9	22,9	23,1	19,0	15,5	1,0	0,0	5,5	5,7
17	764,2	763,9	22,3	21,0	27,1	25,6	18,3	17,0	0,0	0,0	5,5	6,5
18	765,2	764,3	21,3	20,1	26,2	25,2	18,8	17,9	0,0	0,0	6,5	5,5
19	765,2	764,0	20,2	19,9	22,3	24,8	18,1	16,2	0,0	—	6,0	7,5
20	762,8	760,6	21,6	19,1	28,2	20,4	17,6	16,3	0,0	0,0	6,5	5,8
21	764,3	758,0	21,4	19,1	23,9	20,5	17,6	15,0	2,9	8,5	6,7	7,0
22	766,0	752,7	20,5	14,7	25,9	19,3	17,6	14,3	2,0	14,9	6,3	5,7
23	766,1	759,7	24,0	15,8	26,7	20,0	19,1	14,3	0,0	11,5	5,5	5,0
24	763,8	766,5	22,2	18,1	26,6	19,3	19,7	15,1	0,0	0,9	3,2	8,5
25	763,7	767,4	19,2	18,8	20,8	21,2	14,6	17,1	0,0	0,0	7,3	7,3
26	763,1	766,9	18,0	18,0	22,5	19,9	14,9	16,5	5,4	0,0	7,0	8,2
27	760,2	766,8	20,0	19,4	24,2	24,3	15,2	16,5	0,0	0,0	4,7	3,0
28	760,7	764,1	18,5	19,5	20,4	25,9	14,2	16,5	0,0	0,0	5,0	3,3
29	760,4	762,4	17,5	19,4	23,2	25,9	15,8	17,8	0,0	0,0	6,3	2,2
30	761,4	762,1	18,5	20,9	22,5	26,5	16,5	19,2	0,0	0,0	5,5	2,3
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1	763,5	764,3	17,3	19,0	21,6	23,0	15,3	16,0	0,5	0,0	5,5	4,7
2	763,3	766,9	17,5	18,7	21,0	21,0	16,0	15,3	1,5	0,0	5,3	3,3
3	765,1	766,3	18,0	16,7	20,9	21,6	14,6	14,0	0,2	0,0	6,7	4,2
4	766,2	766,2	16,5	18,7	21,0	22,9	15,2	14,3	1,0	0,0	4,0	6,2
5	768,6	765,5	18,9	15,7	22,0	18,8	14,8	13,3	0,0	0,0	7,5	4,0
6	768,5	765,1	19,0	16,2	21,6	20,6	14,2	13,0	0,0	0,0	4,3	4,0
7	766,5	761,3	19,9	18,4	26,1	22,5	17,5	13,5	0,0	0,0	5,0	4,5
8	768,9	754,7	19,5	18,4	24,9	26,6	17,5	14,5	0,5	0,0	6,5	3,3
9	769,5	763,2	20,7	19,2	27,1	27,2	17,6	17,6	0,0	0,0	5,7	2,5
10	768,4	764,0	21,5	17,7	28,4	22,5	18,4	15,9	0,0	0,0	4,3	3,0
11	765,6	762,9	22,3	17,8	23,3	20,6	18,6	16,3	0,0	27,0	2,2	4,0
12	761,4	761,4	18,8	17,4	21,1	19,8	16,9	15,6	5,0	0,0	6,7	5,9
13	763,4	759,5	17,6	17,3	20,2	20,1	14,9	13,7	0,4	0,0	7,8	5,0
14	765,9	760,0	16,8	16,3	19,9	18,3	13,6	13,4	0,0	0,0	6,2	3,8
15	763,5	758,4	16,4	16,5	19,5	16,6	12,1	13,1	0,0	0,0	8,3	4,5
16	763,2	756,6	17,0	14,3	20,8	16,3	15,1	11,8	0,0	18,9	3,5	4,0
17	764,2	761,0	15,5	14,3	20,3	17,5	15,7	11,9	0,2	0,8	3,7	8,0
18	763,0	762,2	16,2	17,0	20,7	17,9	15,0	14,4	2,5	4,5	5,8	6,5
19	760,0	763,3	16,3	15,9	18,2	17,5	15,1	12,3	0,7	14,7	7,0	5,5
20	759,3	767,2	17,4	14,8	21,2	16,6	15,6	12,3	1,8	0,2	5,7	5,7
21	763,1	761,5	15,5	14,5	20,1	17,3	14,4	12,8	0,0	1,7	4,8	5,5
22	767,0	762,1	14,8	15,0	19,0	17,2	12,2	12,8	0,0	0,7	4,2	4,3
23	765,3	768,6	12,7	14,4	13,9	18,0	8,5	12,0	0,0	0,0	5,0	5,5
24	763,2	771,3	8,0	13,0	14,1	18,3	6,3	9,6	0,0	0,0	5,5	6,0
25	762,2	768,2	12,0	14,7	19,3	17,8	11,0	13,4	4,1	0,0	5,5	3,7
26	759,3	768,0	14,0	14,4	20,6	16,8	13,2	13,1	0,0	0,2	8,5	5,0
27	766,5	767,0	15,7	14,1	16,5	17,6	13,1	11,7	0,0	0,0	7,3	5,0
28	770,2	768,1	14,5	11,6	19,1	17,3	12,7	9,6	0,0	0,0	6,2	6,5
29	769,7	762,8	12,2	13,7	19,4	16,5	10,9	11,3	0,2	0,0	2,3	7,0
30	764,7	759,4	13,8	12,7	21,7	15,0	11,0	10,8	0,0	0,3	6,2	5,7
31	763,2	760,9	17,7	13,8	18,2	16,6	15,9	10,7	0,7	0,2	4,0	6,0



VARIEDADES

PLANTAS CAÇADORAS E PESCADORAS

A PRESENTO-VOS primeiramente a Herva-pinheira que desdobra em roseta as suas largas folhas molles e envernizadas. Do meio d'esta roseta elevam-se duas hastes rectas e finas, coroada de flôres violáceas.

Ella é uma bonita planta, e compara-se a esses caçadores furtivos hypocritas que sob a apparencia mais encantadora occultam os mais perversos instinctos. Não tomemos conta da flôr e observemos as folhas. São a armadilha perfida onde se prende a caça temeraria.

Seja qual fôr a seccura da terra e o ardor do sol, o rebordo d'estas folhas, engenho irresistivel, está sempre humido e brilhante, coberço d'um liquido unctoso que a propria planta segrega.

Se observarmos attentamente estas folhas, descobriremos n'ellas, aqui e allí, despojos informes, restos dispersos e minusculos de patas, de azas, de couraças de insectos varios. E' a caça da Herva. Como se passou esta carnificina? A planta caçadora acabou de praticar as suas proezas cynegeticas e como ella dispensa a licença, mereceria ser autoada, se as plantas podessem ser levadas á policia correccional.

Em face das provas e peças justificativas podemos reconstituir o drama. O pobre insecto que se atreveu descuidoso sobre as folhas viscosas e brilhantes da planta foi logo apanhado; e faz immediatamente corpo com a folha que vae transformar-se em seu sepulcro. Muito docemente, a folha recurva-se sobre a sua preza que se acha logo envolvida no liquido unctoso. Como poderá fugir? A folha recurva-se ainda mais, como se mão invisivel a enrolasse entre dedos poderosos. Nada se vê já. A victima da planta fica encarcerada n'esta especie de cartucho que a folha impassivel formou. No fim d'algumas

horas, novo prodigio se opéra. Pouco a pouco, a folha desenrola-se, e desdobra-se viscosa e brilhante. Olhae: o insecto desapareceu, apenas se vêem alguns restos informes despresados pela astuta Herva. A planta devorou o resto, embora tenha raizes para se alimentar da terra. Planta carnivora das mais curiosas, banquetou-se, porém, não se saciou; caçadora infatigavel, arma de novo o laço de suas folhas viscosas a outros insectos que virão n'elle morrer e desaparecer. A Herva-pinheira não caça por amor d'arte; mata e come a caça, vive da sua victima.

Eis ahi agora uma outra planta caçadora, cujas façanhas cynegeticas teem alguma coisa de magica. Refiro-me a *Nepanthes*. Como descrever esta bizarra planta soberana que parece provir dos jardins de Tasso ou dos alegretes magicos das «Mil e uma noites?»

Divide com a *Victoria régia* o sceptro dos tropicos. E' a opulenta rainha da India e do Ceylão. Derrama tambem os esplendores singulares da sua incomparavel originalidade, em certas regiões de Madagascar, nas solidões de Bornéo e nas florestas mysteriosas de Java.

A *Nepanthes* é a mais admiravel de todas as plantas carnivoras e caçadoras. Ao seu appetite real são necessarias hecatombes d'insectos de azas irisadas e de corpos dourados. Dir-se-hia que ella se alimenta de pedras preciosas, de turquezas animadas, de esmeraldas vivas. E estes insectos brilhantes que se succedem n'um eterno festim são-lhe servidos pela natureza em taças de nectar e de perfume. A espiga de flôres que esta planta maravilhosa ostenta no cume, é sem duvida magnifica, mas a suprema originalidade da *Nepanthes* reside nas suas folhas, as mais extraordinarias do mundo vegetal. A *Nepanthes* é o inverosimil tornado planta, o paradoxo transformado em folhas.

Estas folhas, poderoso laço ou armadilha de caça, elevam-se, estendem-se, recurvam-se com surpreendente graciosidade. Largas e brilhantes, estas folhas terminam por um delgado e solido filamento, especie de gavinha ligeira que apesar da sua apparente fragilidade supporta na sua extremidade uma urna ou vaso vegetal, completo, irreprensivel, enfeitado de *guillochés* encantadores, de galões adebruidos, de ornatos delicados que parecem cinzelados pelo buril d'uma fada. A fada foi a natureza.

Nada falta a estas urnas, nem mesmo a tampa, obra admiravel que girando sobre charneira reabre aos primeiros raios do sol e se fecha com o entardecer.

De noite, estas urnas prodigiosas, seguras delicadamente pela extremidade da gavinha enchem-se d'agua limpida e docemente perfumada que a propria planta segrega.

De manhã, quando a urna, sob a acção dos raios do sol levanta a tampa, está cheia e n'estas bacias de frescura e de perfume caem multidões de insectos que alli se afogam como a lenda pretende que se afogou o duque de Clarence n'um tonel de Malvasia.

Estes cadaveres attrahidos e mortos por surpresa n'um tumulto attrahente são dissolvidos pelo liquido e a *Nepanthes* devora-os, comendo lauto banquete em todos os pratos ao mesmo tempo.

Se para o insecto, a urna da *Nepanthes* é um tumulto; para o homem é, ao que parece, uma taça de vida, um calice refrescante, abençoado e sempre pleno.

Não é uma planta é uma fonte — e uma fonte maravilhosa que não rebenta d'uma pedra, mas brota d'uma folha. Gosto muito, sem duvida, da caça e das flôres, mas gosto tambem dos insectos, e as plantas caçadoras que são tambem plantas carnivoras inspiram-me simultaneamente uma admiração rara e uma especie de terror confuso. Parece-me que para estes graciosos seres, feitos de brilho e de perfume, deveriam bastar-lhes o ar, o orvalho e o sol.

Comtudo, muito lhe deve ser perdoado, a *Nepanthes* attesta a sua habilidade assombrosa coma caçador de insectos que ella attrahe no laço, tão gracioso como perfido, da sua taça fatal. Que se lhe perdõe tudo pelo fresco copo d'agua perfumada que sob um céu de fogo ella offerece no extremo dos seus ramos ao viajante sequioso.

Poderia ainda citar-vos entre os mais habéis caçadores do mundo vegetal, a *Rossolis* (herva da gota) ou a *Dionêa* (papa-môscas), mas passo a apresentar-vos a *Utricular*, planta que pesca, planta de pallidas florinhas amarellas de ramusculos delicados, aquatica, sub-

mersa, de raiz fluctuante e solta, errante no seio das aguas, visitando alternadamente a superficie e o fundo dos paues.

As suas folhas são guarnecidas de numerosas bexigas ou pequeninos ôdres, d'onde lhe vem o nome de *Utricular*. Segundo alguns botanicos, estes ôdres seriamapparelhos de natação, enchendo-se de ar ou de agua. De agua para lustrar a planta e guial-a ao fundo das aguas, de ar para a aligeirar e impellir sobre a superficie dos tanques. Destinados exclusivamente a este uso, estes maravilhosos ôdres classificariam a *Utricular* na primeira classe das plantas extranhas. Estas bexigas que se enchem e se despejam de agua ou de ar para fazer subir ou descer esta planta errante, teem já de si proprias alguma cousa de admiravel. Mas outros illustres botanicos estão hoje de accordo que os ôdres da *Utricular* são não sómente aparelhos de natação, mas tambem perfeitos engenhos de pesca.

Está hoje reconhecido, admittido que a delgada e delicada *Utricular* é ao mesmo tempo um vegetal carnívoro e pescador, uma planta piscívora que se nutre de insectos aquaticos e de pequenos peixes que consegue prender nos seus ôdres. N'uma palavra, a *Utricular* pesca como a *Nepanthes* e a *Dionêa* caçam.

Nas bexigas da *Utricular* acha-se um pequeno orificio, guarnecido de pêllos rudes que parecem defender-lhe a entrada, por detraz dos quaes existe uma valvula que se abre de fóra para dentro, ratocira engenhosa e perfida, livre para a entrada, inexoravel para a sahida. Ai do imprudente que impilla a fatal valvula e entre na bexiga, seu tumulto implacavel, como a porta do inferno de Dante onde é preciso deixar toda a esperança!

Primeiramente o insecto aquatico nadará com voluptuosidade dentro da bexiga, gota de agua que lhe parecerá um mundo. Mas em breve a planta segrega um liquido virulento que o mata, decompõe e absorve. A *Utricular* jantou.

Finalmente, os sabios descobriram que a planta não se restringe aos insectos, e tem decidida predilecção culinaria pelos peixes recém-nascidos.

N'estes ultimos tempos, mr. Simms, d'Oxford, trouxe ao eminente professor Moseley um vaso de vidro contendo uma *Utricular* e alguns peixes do genero cyprino, extremamente pequenos, os quaes foram apanhados pelas valvulas dos utriculos, penetraram nas glutonas bexigas, ali morreram, decompozeram-se e pouco a pouco desapareceram absorvidos pela planta piscívora ou melhor ichtyophaga. Que prazer teria experimentado

Darwin se lhe fosse dado assistir ao fabuloso repasto da *Utricular*, elle que fôra o primeiro a signalar os terriveis instinctos cynegeticos e culinarios da extranha planta! Moseley viu ainda uma vez um pequeno cyprino preso por dois utriculos ao mesmo tempo. Emfim, Madame Treat, de New-York, confirmou por experiencias irrefutaveis os appetites carnicieiros da magra e delicada *Utricular*—

unica planta conhecida até o presente que se entrega ás doçuras da pesca e que mistura n'um *menu* bem comprehendido a succulencia dos tenros peixes ao sabor aperitivo dos insectos. E foi assim que, apropriando os gostos da *Utricular* ao meio em que ella vive, a complacente natureza prodigalisa a esta sua filha das aguas as frituras e as caldeiradas.

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

OUTUBRO 26 — *Chili* — Considera-se terminado em Valparaiso o incidente argentino-chileno. — *França* — O syndicato dos operarios metallurgistas de Saint-Etienne vota que se faça grêve geral da sua classe ao mesmo tempo da dos mineiros. — *Venezuela* — As tropas do presidente Castro são derrotadas perto de Mathurin, sendo grandes as perdas de um e outro lado.

27 Portugal — O *Diario do Governo* publica um decreto sobre as reformas da arte dramatica e musical. — Lançamento ao rio da canhoneira-torpedeira *Tejo*. — *Inglatterra* — Repetem-se em Londres as manifestações hostis ao generalissimo Roberts. — *França* — O escriptor Lourenço Tailhade acha-se refugiado em Bruxellas em consequencia da sua condemnação que o expulsa de Paris.

28 Inglatterra — E' lançado á agua em Barrow o cruzador *King Alfred*, o maior e o mais rapido do mundo.

29 Estados-Unidos — E' executado em Auburn pelo systema da electrocução o assassino Golgosz. — *Portugal* — O *Diario do Governo* publica a reorganisação da magistratura do ministerio publico. — *Italia* — O rei Victor Manuel accêita a arbitragem que lhe offereceram a Inglatterra e o Brazil para a delimitação das fronteiras da Guyana, tendo nomeado delegado o ex-ministro sr. Venosta. — *França* — A commissão do *Aero Club* decide conceder ao sr. Santos Dumont o premio Deutsch de 100:000 francos. — *Filippinas* — O cabecilha Malvar é proclamado capitão-general. Declara que reorganizará o exercito filippino.

30 Inglatterra — A Inglatterra approva o tratado anglo-americano relativo ao canal do isthmo de Panamá.

31 Portugal — O *Diario do Governo* publica as reformas de obras publicas. — *Tanger* — O ministro Torres entrega ao embaixador de Hespanha 30:000 duros como indemnisação pelo sequestro de uns rapazes hespanhoes e 9:000 pesetas para as familias dos captivos da kabylla de Argila. — *Hespanha* — O congresso approva um projecto de lei prohibindo a cunhagem da prata. — *Abyssinia* — Determinam-se de fórma satisfatoria os limites do Sudán inglez com a Abyssinia. O imperador

Menelik auctorisa um syndicato anglo-belga a explorar as minas de ouro nas provincias equatoriaes do Sudán.

NOVEMBRO 1 — *Inglatterra* — Estabelece-se em Trieston a primeira escola de telegraphia sem fios. — *Filippinas* — A commissão americana redige um decreto contra os crimes de traição e sedição.

2 Estados-Unidos — E' encerrada oficialmente a exposiçào de Buffalo, cujos prejuizos sóbem a 4 milhões de dollars. — *Nicaragua* — A Republica do Nicaragua denuncia os tratados que concedem aos Estados-Unidos o direito de construir um canal interoceanico atravez do seu territorio. — *Russia* — Desencadeia-se uma violenta tempestade sobre o lago Baikal, causando 170 mortes.

3 Portugal — Realisam-se em todo o paiz, á excepção de Lisboa, as eleições municipaes. — *China* — Um individuo armado de um chuço tenta assassinar a imperatriz que ia para Huan-Fu, matando sómente um dos creados. — *França* — Os trabalhadores do porto de Brest, reunidos em numero de 3:500, votam uma moção decidindo preconisar a grêve geral como meio de obter satisfacção ás suas reclamações. — *Belgica* — Nasce o principe Leopoldo, filho da princeza Isabel da Belgica.

4 Hespanha — O senado vota uma mensagem de gratidão e sympathia ás republicas americanas que se representaram no congresso medico. — *Turquia* — Chega a Mitylene a esquadra franceza sob o commando do almirante Caillard, com ordem de tomar tres portos d'aquella ilha e tomar posse das alfandegas.

5 Italia — O rei marca o praso de 16 mezes para se dictar a sentença relativa á arbitragem entre a Inglatterra e o Brazil, na questào das fronteiras da Guyana. — *Inglatterra* — O rei Eduardo vii assigna a proclamação relativa aos seus novos titulos, que são: «Eduardo vii pela graça de Deus, rei do reino unido da Grã-Bretanha e Irlanda, e dos dominios britannicos d'além dos mares, defensor da fé, e imperador da India». — *Estados-Unidos* — O sr. Bow é eleito *mayor* de New-York contra o sr. Sheparo, candidato de Tammany Hall.

6 Estados-Unidos — O embaixador inglez notifica ao governo de Inglaterra que accêita a proposta americana ácerca do tratado Cayton-Bulwer. — *Italia* — E' lançado á agua em Napoles o couraçado *Benedetto Brime*.

7 Allemanha — É ordenado que se estabeleça a telegraphia sem fios pelo systema Marconi a bordo das esquadras allemãs.

8 Turquia — A Turquia dá completa satisfação á França, accedendo ás reclamações impostas por esta. — *Austria* — O presidente do conselho de ministros propõe-se iniciar uma politica francamente liberal. — *Hespanha* — Termina no senado o debate sobre a questão religiosa levantada pelos prelados. — *Inglaterra* — O duque de Cornwall é nomeado principe de Galles e conde de Chester. — *Estados Unidos* — O sr. Duke organisa em Cincinatti o *trust* do tabaco com o capital de doze milhões de dollars. — *China* — Um edito imperial nomeia o alto mandarim Yuan-Chi-Kae, ministro plenipotenciario em substituição do vice-rei Li-Hung-Chang, e confere-lhe o titulo de Marquez. — *Persia* — O shah da Persia regeita a offerta da Russia de lhe mandar mil cossacos para reforçar a guarda do seu palacio.

10 Allemanha — São presos muitos estudantes polacos por pertencerem a sociedades secretas. — *Hespanha* — Verifica se nas provincias a eleição do renovamento de metade das municipalidades. — *França* — Uns 600 mineiros, reunidos na Bolsa do Trabalho em Saint-Etienne, resolvem adiar a greve geral.

11 Prussia — Dá-se um desmoronamento n'um dos poços da mina de Stassfurt, ficando sepultados no entulho 70 mineiros.

12 Russia — O czar nomeia uma comissão presidida pelo grão duque Michelowitch afim de estudar o plano para a completa renovação das fortificações de Sebastopol. — *Turquia* — A Sublime Porta dá completa satisfação a quatorze reclamações que lhe tinham sido dirigidas pela *Austria*. — *Grecia* — As potencias insistem junto do principe Jorge da Grecia para que accêite a renovação do mandato de governador geral da ilha de Creta que expira no fim do anno corrente.

14 Portugal — É assignado o decreto da reorganisação da Academia de Bellas Artes de Lisboa e do Museu Nacional. — *Turquia* — O sultão consente na proxima annexação de Creta á Grecia. — *Inglaterra* — A Inglaterra notifica que está decidida a abandonar o protectorado das costas de Mosquitos, que ficará desde esta data pertencendo á Nicaragua. — *Estados Unidos* — Constitue-se em Nova Orléans uma sociedade de construcções novas, com o capital de cinco milhões de dollars. — *Africa* — As delegações financeiras dos colonos da Argelia approvam o projecto do governo que propõe contractar um emprestimo de cem milhões de francos.

15 Brazil — 12.º anniversario da proclamação da republica dos Estados Unidos do Brazil. — *Inglaterra* — Os mineiros inglezes recusam-se a apoiar os seus camaradas francezes para a greve geral. — *Africa* — A Russia e a

França concordam em converter em rival de Aden o porto francez de Tadjurah situado no golpho de Aden.

16 Portugal — É publicado no *Diario do Governo* o decreto que reorganisa a força publica nas provincias ultramarinas. — *Allemanha* — Encontram-se sem trabalho em Berlim 90:000 operarios. — *Cidade do Cabo* — 20:000 descarregadores indigenas declaram-se em greve.

17 Abyssinia — O imperador da Abyssinia pede protecção á Grecia para os abyssinios que se encontram na Europa, e para quarenta dos seus jovens subditos que pretendam estudar n'aquelle paiz. — *Turquia* — O ex-gran-visir Said-Pachá é de novo nomeado gran-visir. — *Estados Unidos* — Lord Pauncefote, embaixador da Gran-Bretanha recebe ordem de assignar o tratado relativo ao canal isthmico.

18 Portugal — São publicados no *Diario do Governo* tres decretos que se referem á passagem para o ministerio da guerra dos torpedos fixos, á creação das direcções geraes de cavallaria e infantaria e ao campo entrincheirado de Lisboa. — *Estados Unidos* — A immigração nos Estados Unidos, desde o primeiro de janeiro até esta data é de 487.918 pessoas, contando os italianos n'este numero pela quarta parte. — *Italia* — O governo resolve abolir o imposto de consumo sobre o pão e as farinhas e outros artigos de primeira necessidade. — *Hespanha* — O governo demitte o reitor da universidade de Barcelona, que se manifestou hostilmente ao exercito e á unidade da patria. — *Estados Unidos* — É assignado o tratado isthmico anglo-americano pelo sr. Hay, secretario de estado e por lord Pauncefote embaixador da Gran-Bretanha. — A comissão que estudou os projectos do canal inter-oceanico, inclina-se, por maioria, para que se realise o projecto do canal de Nicaragua em vez do de Panamá. — *Africa* — A assembléa dos delegados financeiros da Argelia adia por 30 votos contra 15, o projecto destinado a declarar Argel porto franco. — *Columbia* — Os liberaes columbianos assignam um armisticio com o governo da Columbia.

19 Estados Unidos — A comissão das relações externas do senado nomeia presidente Colmar em lugar de Davis. — *França* — Os grévistas da parte norte de Licoín votam a continuação da greve. — *França* — A reunião dos mineiros de Denain vota a greve.

20 Jerusalem — O patriarcha de Jerusalem consulta os embaixadores da Russia, França e Constantinopla ácerca de um accordo amigavel para sanar as questões existentes entre os monges do Santo Sepulchro. — *Allemanha* — O imperador Guilherme II prohibe que as associações de antigos militares realizem manifestações contra Chamberlain, como projectavam e algumas teem feito. — *França* — 200 mineiros de Lens repellem a greve, negando-se outros a voltar ao trabalho e 800 d'Avion decidem continuar na greve. — *Estados Unidos* — Com a assistencia de 200 delegados celebra-se a primeira sessão da nova liga nacional Recyproty. O presidente declara

impossível dominar as correntes proteccionistas. — *Italia* — Celebram-se em Roma, Milão, Florença e outras cidades, reuniões favoráveis ás leis do divorcio. — *Hollanda* — O tribunal da arbitragem decide declarar-se incompetente afim de satisfazer o requerimento dos boers para a sua intervenção na guerra da Africa Austral. — *Estados Unidos* — Os carregadores do caminho de ferro de New-York-New Haven-Hartford, declaram-se em grêve seguindo este movimento mais de 5:000 empregados. — *Hespanha* — Os estudantes de S. Thiago de Compostella manifestam-se tumultuosamente contra os jogos prohibidos, havendo muitos ferimentos.

21 *França* — O conselho do syndicato do Pas-de-Calais dirige um manifesto aos mineiros aconselhando-os a que não façam grêve. — Em consequencia da paralysação do mercado de vinhos, 8:000 proprietarios ruraes do departamento dos Baixos Pyreneus negam-se a pagar as contribuições. — *Athenas* — Em frente da columnata do templo de Jupiter Olympico, realisa-se um comicio a que assistem 20:000 pessoas, decidindo-se pedir com instancia ao Santo Synodo a ex-communhão dos sectarios da traducção da Biblia em grego moderno. Produzem-se varios conflictos, ficando mortos 7 individuos e feridos uns 30, entre os quaes o prefeito de policia.

22 *Inglaterra* — As auctoridades de Brighton prohibem os *meetings* liberaes contra a politica do governo na Africa do Sul. — *Estados-Unidos* — O engenheiro Whitehead, obtem de um syndicado *yankee* o capital necessario

para a construcção de 200 navios aereos. Começarão, na proxima primavera, o serviço entre New-York e Otawa e entre Chicago e New-York. — *França* — A Academia Franceza adjudica o primeiro premio annual de poesia ao sr. Harancourt. — Considera-se completamente abortado o movimento dos mineiros a favor da grêve geral por causa de desaccordos entre os grévistas. — O senado approva a proposta de lei que tem por fim fazer estudar os meios de combater a despoulação da França. — *Austria* — O imperador ameaça dissolver o *reichsrath*, se os tcheques se recusarem a votar o orçamento. — *Suecia* — A Academia Real de Stokolmo concede o premio de 300:000 francos ao poeta francez Mistral, da Provença. — *Turquia* — O governo turco resolve fortalecer os postos de Durago e Valbone, com o receio de qualquer aggressão da Italia ou da Grecia.

24 *França* — Celebrou-se na Sourbonne o jubileu do grande sabio Benthelot. — Inaugura-se no cemiterio de Montmartre o monumento em Lorna de Henri Heine. — *Portugal* — Sae do Tejo em direcção aos estaleiros da casa Orlando em Leorne o couraçado *Vasco da Gama* para ser transformado.

25 *Portugal* — O *Diario do Governo* publica o regulamento do Conservatorio Real de Lisboa. — *Turquia* — As potencias oppõem-se á applicação da nova pauta aduaneira por comportar augmento de direitos. — *Italia* — O tribunal criminal condemna a prisão por toda a vida o réu Luiz Pranotti, como cumplice de Bresci no assassinio do rei Humberto.



THEATROS

Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante o mez de Outubro e Novembro

OUTUBRO — 30 ESTUDANTES E COSTUREIRAS, opereta franceza traduzida pelos srs. Salvador Marques e Bruno de Miranda, musica do maestro Filippe Duarte (Theatro da Avenida).

31 — JOÃO DAS VELHAS, peça original dos srs. Schwalbach e D. João da Camara com musica do maestro Nicolino Milano (Theatro do Principe Real do Porto).

NOVEMBRO — 5 O MOTETE, peça em 1 acto imitada do hespanhol pelo sr. Carlos Trilho (Theatro do Gymnasio).

7 — O AZ DE PAUS, drama de Pierre Decourcelle traducção dos srs. Maximiliano de Aze-

vedo e Salvador Marques (Theatro do Principe Real).

8 — O MICROBIO DO AMOR, peça de Brisson traduzida pelo sr. Jayme Bramão (Rua dos Condes).

9 — A SORTE! comedia de Alfred Capus traduzida pelo sr. Accacio de Paiva (Theatro de S. João do Porto).

19 — O SR. TENENTE, comedia allemã de Von Mozer, traduzida pelo sr. Freitas Branco (Th. do Gymnasio).

24 — AS DUAS IRMÁS, drama, traducção do sr. Eduardo Garrido (Theatro do Principe Real).



NECROLOGIA

NOVEMBRO 1 — BERNARDO GALLIGAN, o celebre *Monge de Caparica*, 49 annos, em Caparica.

1 — O mandarim HSU-CHEAN-PANG, vice-presidente do Tsong-li-Yamen, na China.

1 — Madame AUBURG, famosa philantropa, com 108 annos, em Londres.

6 — O general principe LI-HUNG-CHANG, 78 annos, em Pekin, auctor das ultimas negociações da paz.

9 — O GRÃO VISIR DA TURQUIA, em Constantinopla.

22 — PERMANO GAMAZO, chefe do partido liberal dissidente de Hespanha, em Madrid.

22 — O conde HATZFELDT WILDENBURG, antigo embaixador da Allemanha em Londres.

22 — ARGYRIADÉS, escriptor socialista, em Paris.

PHOTOGRAPHIA PRATICA

Dada a vulgarisação sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'ella fazem agradável entretenimento, daremos com a regularidade possivel n'esta secção, noticia de processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilisaveis.

Noticia historica sobre as tres côres

Em 1722, as tres côres tinham já servido de base para as impressões das gravuras. Jacques Christophe Le Blon, pintor e gravador, que foi o primeiro a applical-as, nasceu em Francfort-sur-Mein, em 1667.

Tendo estado em Roma, passou depois a Amsterdam onde, seguindo a doutrina de Newton, resolveu fazer a gravura com a sobreposição das sete côres: o vermelho, o alaranjado, o amarello, o verde, o azul, o indigo e a violeta. Mas este methodo necessitava um trabalho muito difficil para a sua execução; assim procurou reduzir o numero das chapas de impressão, e das suas pesquisas nasceu para elle a convicção de poder obter todos os tons e todas as côres com as tres fundamentaes: a vermelha a amarella e a azul. Em seguida dirigiu-se para Londres onde, em 1722, publicou o seu methodo em brochura intitulado *IL COLORITTO or the harmony of colouring in painting reduced to mechanical precept and infallible rules* (a harmonia das côres na pintura reduzida a um methodo mechanico infallivel).

No seu perfacio lê-se: *Painting can represent all visible objects with three colours: yellow, red and blue* (a pintura pôde representar todas os objectos visiveis com tres côres, a vermelha, a amarella e a azul). Esta publicação feita n'um estylo desordenado teve pouco exito.

Só mais tarde, em 1737, Le Blon se fixou em Paris, onde encontrou numerosos discipulos e um publico que se interessou vivamente nos seus trabalhos.

Em 1740, o rei conferiu-lhe um privilegio sob a condição de gravar em aguatinta e de imprimir as suas chapas perante uma Commissão e de tornar conhecido o seu segredo.

Le Blon morreu um anno depois (maio de 1841) na idade de 74 annos. Toda a sua vida foi consagrada á invenção das impressões a tres côres.

As chapas de Le Blon são executadas pela forma *negra*, muito favoravel ás tintas continuas. Era mestre na escolha das chapas e possuia no mais alto grau o sentimento das tres côres.

Foi sempre superior aos seus discipulos que nunca conseguiram dispensar a quarta chapa, a chapa do negro. O melhor d'entre elles, Jacques Gauthier, publicou estampas muito notaveis em tres e quatro côres.

Um contemporaneo de Le Blon, Ch. F. du Fay (1698-1739), publicou nas memorias da Academia, um artigo em que diz: « Viram se em França, quadros feitos por Le Blon, impressos sobre papel, executados por meio de tres chapas de cobre gravadas, tendo cada uma, uma da tres côres; o vermelho, o ama-

rello, o azul, do conjuncto das quaes resultava todas as côres e todos os tons da natureza.»

(Reprodução do «Photographische»)

Um unico revelador para todos os casos

São bem conhecidos os inconvenientes de ter no laboratorio reveladores diversos feitos por processos diferentes e cuja applicação varia tambem segundo o caso em que elles devem ser empregados, sendo o principal inconveniente a accumulacão de frascos o que é facil reduzir, seguindo os conselhos de M. Ch. E. Manierre na *Camera Notes*, que seguudo a sua formula podem reduzir-se todos a um só revelador tanto para o seu emprego nos negativos como nos diapositivos e ainda nas provas ao brometo, limitando-se ao uso de dois saes, o métol e o hydroquinone. O métol dá um negativo delicado e muitas vezes sem intensidade, o hydroquinone ao contrario dá um negativo duro cujos detalhes não apparecem senão quando as partes mais illuminadas estão completamente negras.

Estes dois saes reunidos dão em resultado o poder obter-se um cliché suave e de facil impressão. O unico inconveniente consiste em que o métol é um pouco toxico, e portanto atacar a pelle.

Para a preparacão do banho, dissolve-se em primeiro logar o sulfito de soda anhydro em agua bastante quente.

O sulfito de soda que se encontra no commercio é geralmente muito alcalino e para o neutralisar torna-se necessario junctar-lhe um pouco de acido citrico. Dissolve-se em seguida o métol, depois o hydroquinone e por ultimo o brometo de potassa.

As formulas recommendadas são as seguintes:

A. — Sulfito de soda anhydro.....	12 gr.
Métol.....	2 »
Hydroquinone	4 »
Acido citrico (até á neutralisa- ção).....	
Brometo de potassa.....	1 »
(ou 3o gottas de uma solu- ção a 25 %).	
Agua, quantidade necessaria para perfazer.....	500 cc
B. — Carbonato de potassa.....	75 gr.
Sulfito de soda anhydro.....	50 »
Agua, até perfazer.....	500 cc.

Para revelar os clichés. empreguem-se da:

Solução A.....	35 cc.
» B.....	45 »
Agua.....	35 »

Quanta mais agua se adicionar tanto mais suave será o cliché.

Para os papeis de brometo, junctar metade de agua.

Para os Velox as soluções normaes.

Para os diapositivos, junctar-se-ha por cada 100 cc. de revelador:

Para os tons castanhos, brometo de potassa a 25 $\frac{0}{10}$, 125 cc.

Para os tons purpura, brometo de potassa a 25 $\frac{0}{10}$, 25 cc.

Para os tons vermelhos, brometo de potassa a 25 $\frac{0}{10}$, 35 cc. e augmentando proporcionalmente o tempo de exposição.



UM PARADOXO

UM espirito são possui uma visão bem clara, uma justeza bem nitida de observação e um juizo recto. A loucura é a visão obscura, a observação apagada, o juizo falso. O homem cujo espirito fosse perfeitamente são, nunca se deveria enganar; seria irreprehensivel e comtudo seria senão nocivo pelo menos inutil, porque é a loucura com todos os seus terrores que faz mover o mundo das idéas.

Ninguem ha que tenha o espirito absolutamente normal. O cerebro ou é muito grande ou muito pequeno. As circumvoluções onde se enroscam os pensamentos teem raramente uma conformação perfeita. Os loucos que são encerrados em casas de saude distinguem-se por vezes de nós outros apenas por uma pequena dóse de exaggeração. E' tudo uma questão de gradação, uma simples differença de intensidade de expressão. É ninguem se supponha isento. Vê-se mais facilmente um agreiro no olho do visinho do que uma tranca no proprio. Aquelle que pretende ser absolutamente são de espirito, tem uma opinião exaggerada do seu merito e uma doença cerebral incuravel.

As tinetas são loucuras muito leves, mas são loucuras. Um collecciona borboletas; outro procura avidamente as primeiras edições dos livros; este segue todos os *matches* de *crickets*: aquelle faz politica ou qualquer outra coisa incomprehensivel para muitos. Nenhum confessa a sua mania. Cada qual occulta cuidadosamente as manifestações d'ella; e vae chasqueando das do proximo; envergonha-se da sua propria tineta, e sem rasão, porque uma mania bem desenvolvida e esmeradamente cultivada tem todo o direito ao nosso respeito. Quantos pela sua mania se teem salvo da prostração nervosa e das idéas negras.

Todo o grande homem tem tido a sua mania. Quando se trata de grandes personagens, consideram-se as taras intellectuaes como marca de genio; quando se trata do vulgo emprega-se então um termo menos polido. As manias são uma valvula de segurança; temperam a tensão do espirito. Este leve desenvolvimento da loucura impede-o de tomar

fórma mais violenta. E' um virus anodino que serve de vaccina contra uma erupção mais virulenta. O primeiro dever de todo aquelle que tem uma vida muito occupada seria criar-se uma mania e desenvolvê-la com amor; era como quem tirasse patente de vida longa e feliz.

Diz-se que a loucura é causada pela ruptura de cellulas infinitamente pequenas do cerebro. E' possivel; mas é certo que os progressos se não realisam sem esforço e sem attritos. Póde pois dizer-se com toda a apparencia de razão que a loucura, que existe como base de todo o progresso, d'elle proprio provém; porque foi a loucura que produziu os grandes acontecimentos do mundo.

Todos os reformadores podem serem considerados como atacados d'um começo da terrivel e benefica doença mental. O nome que lhes cabe é de doido; porque é fóra de duvida que nunca um homem são de espirito se arrojará ás empresas tentadas por aquelles reformadores e revolucionarios. Encontrar-se-hia satisfeito com o estado actual. Elle é conservador de sua propria natureza; sómente um doido póde pensar em tudo demolir e destruir para novamente edificar.

Tem-se considerado o amor como uma especie de loucura; com effeito perturba a cabeça do homem e coração da mulher. O homem apaixonado deixa de ser senhor das suas faculdades. O amor altera a consciencia, obscurece o discernimento; e, comtudo, opera os milagres mais extraordinarios e sob o seu influxo teem sido commettidos os actos mais insensatos e de maior alcance ou consequencias.

O genio é uma loucura. Os grandes homens teem em geral um cerebro anormalmente desenvolvido. Prodigiosos sobre um determinado aspecto, são d'uma mediocridade inaudita n'outros assumptos. Abundam os exemplos.

Recordae porém tudo quanto pela humanidade e em favor d'ella os doidos d'amor e de genio teem feito e reconhecereis os beneficios da loucura.

Toda a grande instituição ostenta o timbre d'um homem, e a quantos loucos d'um desin-

teresse anormal se devem os progressos realísados para melhorar a sorte da humanidade, e a quantos allucinados divinos se devem os actos de maior heroísmo e abnegação. O desinteresse é pois tambem uma fôrma rara da loucura, e ao qual o homem são de espirito não se submete facilmente.

Sem entusiasmo nenhum progresso se realiza: foram entusiastas os reformadores sociaes, os crentes em delirio, os espiritos

torvados de ideal que dirigiram a impulsão dos movimentos populares. E comtndo o entusiasmo é uma aberração momentanea do espirito e do coração, uma entoxicação mental, moral e espirital que perturba o cerebro.

Assim, paradoxalmente, se póde dizer que a loucura tem um lado bom e util, como todas as grandes e nobres acções do espirito humano tem um toque de loucura.



CONHECIMENTOS UTEIS

Conservação d'uvas para o inverno.— Entre outros processos este que segue é aquelle que é mais geralmente adoptado para conservar durante longos mezes os cachos de uvas, escolhidos meticulosamente, limpos de folhas, e de todos os bagos que apresentem macula na pelle. Toma-se um barrilete, cobre-se o fundo d'uma camada de *serradura de cortiça* bem fina; sobre esta camada dispoem se os primeiros cachos de forma que se não toquem; deita-se lhes por cima a serradura cuidadosamente, afim de prehencher os intresticios, e de os recobrir inteiramente e até certa altura para collocar uma camada de cachos e assim até a bocca da barrica que depois é fechada. Por este meio na Russia, chegam a conservar-se longos mezes magníficos cachos de uvas que no momento de usar basta mergulhar rapidamente em agua para lhes tirar todo o pó de cortiça que lhes tenha adherido.

Contra as frieiras.— Evitam-se friccionando as mãos, depois de cada lavagem, com a pasta de amendoas misturado com um quinto do seu peso de glicerina. Se desagradarem os corpos gordos, pode utilizar-se para fricções a mistura seguinte:—vinagre de vinho branco, 30 gr.; alcool, 15; agua de rosas, 15; sumo de limão, 20. Esta mistura é applicavel tambem contra a vermilhão das mãos. Como preservativo e mesmo como abortivo no principio do mal, applicar tres vezes por dia, em pinceladas sobre a frieira nascente o liquido seguinte:— glicerina, 30 gr.; tintura de iodo, 1; tintura de opio, 1. Ainda outra receita mais caseira. Mistura de 30 gr. de toucinho ou banha fundida com 2 gr. de creosote. Outra receita mais nova e mais sabia:—tintura de digitalis, 6 gr.; thymol crystallizado 2^{sr},40; alcool rectificado, 180; glicerina, 180. Emfim não esquecer tambem o infallivel pó de maio, recolhido no proprio mez.

PROBLEMAS

Resoluções do numero anterior

N.º 15 — 225 e 441

N.º 16 — 14cm,556.

N.º 17 — *Xadrez*:

BRANCOS

1. B para 8 B
2. Xeque e mate.

PRETOS

1. Qualquer

Num. 18

Dois tanques de forma cubica contem ambos 1853 litros de agua. A somma das alturas d'estes tanques é de 1^m,7. Quanto mede o lado de cada um d'elles?

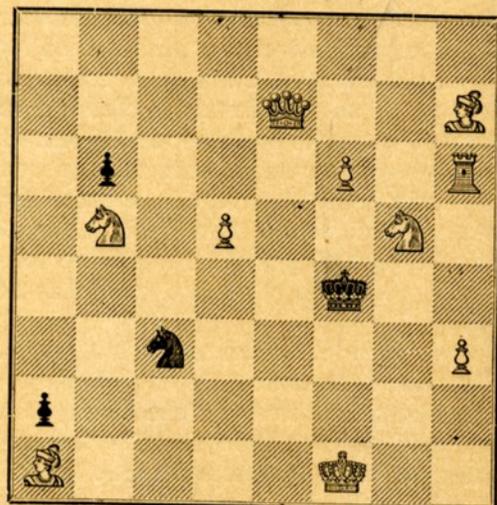
Num. 19

Um pae tinha 24 annos quando nasceu seu primeiro filho. Se se multiplicarem as edades que teem actualmente o pae e o filho, encontra-se um numero igual a tres vezes o quadruplo da idade do filho. Qual é a idade actual de cada um d'elles?

XADREZ

Num. 20

PRETOS (4 peças)



BRANCOS (10 peças)

Os brancos jogam e dão mate em dois lances